

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Juliane Tatsch**

**LINGUAGEM GAUCHESCA: HISTÓRIA,  
MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL**

**Santa Maria, RS  
2017**

**Juliane Tatsch**

**LINGUAGEM GAUCHESCA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO RIO  
GRANDE DO SUL**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Rosa Sturza

Santa Maria, RS  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Tatsch, Juliane  
LINGUAGEM GAUCHESCA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO  
RIO GRANDE DO SUL / Juliane Tatsch.- 2017.  
196 p.; 30 cm

Orientadora: Eliana Rosa Sturza  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2017

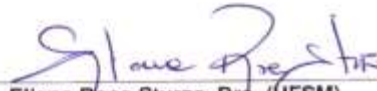
1. Linguagem gauchesca 2. Enunciação 3. História 4.  
Memória 5. Tradição I. Sturza, Eliana Rosa II. Título.

Juliane Tatsch

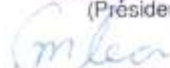
**LINGUAGEM GAUCHESCA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO RIO  
GRANDE DO SUL**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado  
do Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Área de Concentração em  
Estudos Linguísticos, da Universidade  
Federal de Santa Maria (UFSM, RS),  
como requisito parcial para obtenção do  
título de **Doutor em Letras**.

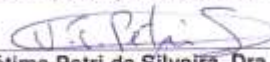
Aprovado em 22 de fevereiro de 2017:



**Eliana Rosa Sturza, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



**Maria Cleci Venturini, Dra. (UNICENTRO)** - Videoconferência



**Verli Fátima Petri da Silveira, Dra. (UFSM)**



**Pedro Brum Santos, Dr. (UFSM)**



**Sara dos Santos Mota, Dra. (UNIPAMPA)**

Santa Maria, RS  
2017

## DEDICATÓRIA

A todos que acreditaram em mim e me deram força para chegar até aqui,  
fazendo-me perceber que eu era capaz...

... dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Durante o caminho percorrido para a realização deste trabalho, muitos foram aqueles que em diferentes momentos, nos gestos de apoio e incentivo, fizeram-se presentes. Agradeço de um modo muito especial:

“E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
das lições diárias de outras tantas pessoas.  
É tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente  
Onde quer que a gente vá.  
É tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho  
Por mais que pense estar...” (Caminhos do coração – Gonzaguinha).

Primeiramente a Deus, por me permitir a realização deste trabalho, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

À minha orientadora, Professora Eliana Sturza, pela gentileza de me aceitar como orientanda e por me guiar e orientar durante todos os anos dedicados a este trabalho.

Aos professores que me transmitiram o conhecimento e o saber necessário para chegar até aqui.

À minha mãe, pela torcida e pelas orações para que tudo desse certo e pelo apoio incondicional.

Aos meus amigos, que me acompanharam durante esta jornada, pelo carinho, atenção e amizade a mim dedicados.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“A tradição não é dada por direito de herança, e, se a quiser, é preciso muito trabalho para obtê-la”.

(T.S.Eliot)

## RESUMO

### LINGUAGEM GAUCHESCA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

AUTORA: Juliane Tatsch  
ORIENTADORA: Eliana Rosa Sturza

Esta tese versa sobre a constituição de uma linguagem gauchesca a partir do funcionamento semântico da palavra *tradição* presente em textos que constituem discursos sobre o gaúcho e que integram um conjunto de materialidades produzidas na linguagem gauchesca, constituída e representada em diferentes textualidades do discurso publicitário, para demonstrar como essa linguagem se constitui, se sustenta e se mantém pela tradição e de que forma essa mesma tradição, que é recorrente no discurso sobre o tipo social gaúcho, determina a linguagem gauchesca. Buscamos, pela perspectiva teórica da Semântica do Acontecimento, do linguista Eduardo Guimarães (2002), analisar o funcionamento da língua no acontecimento da enunciação. Assim, a língua é pensada em seu funcionamento, logo, é um já-dito que se repete, mas que é articulado a outros dizeres, outros enunciados. A palavra *tradição* é em si um acontecimento porque carrega a história e significa segundo o lugar do dizer. Para tanto, consideramos a designação da palavra *tradição*, ou seja, a relação dessa palavra com outras no enunciado que leva à produção de sentidos outros. Esses enunciados marcados linguisticamente como do gaúcho são configurados como um discurso sobre o gaúcho, que afirma uma identidade regional, a qual autoriza o gaúcho a estar inserido numa cultura nacional. Esse discurso se enuncia tanto nos dizeres na língua como sobre a língua e constitui um dizer sobre o gaúcho que é um dizer na linguagem gauchesca. A análise do funcionamento semântico das designações sobre a qual se procedeu a análise do Domínio Semântico de Determinação da palavra *tradição*, expôs por meio dos procedimentos de articulação e reescrituração, como a palavra *tradição* se articula e se reescreve estabelecendo distintas relações com outras palavras e com outros enunciados, a fim de compreender o que designa e que sentidos ela mobiliza no conjunto de textualidades estudadas. Dentro deste quadro teórico-metodológico, as categorias analíticas revelam o funcionamento semântico da palavra *tradição* através dos procedimentos de reescrituração e de articulação, que caracterizam, conforme indicado por Guimarães (2005), modos diferentes de ocorrência de funcionamentos semânticos. Os dizeres observados nas sequências enunciativas configuram um espaço de enunciação em que a significação é produzida pela constituição de discursos sobre e na linguagem gauchesca, produzindo uma especificação que determina essa linguagem. Portanto, a linguagem gauchesca significa por aquilo que designa. Uma significação particular e regional que proporciona a produção de um saber sobre a língua regional referendado pela reunião de um conjunto de textualidades que constituem dizeres sobre o gaúcho que atualizam a memória discursiva e constroem um modo de conhecimento sobre a língua falada pelo sujeito gaúcho. Por isso dizemos que o funcionamento da palavra *tradição* dentro da linguagem gauchesca não é estático, homogêneo, com sentidos definitivos. A linguagem gauchesca quando funciona é um acontecimento que coloca esse sujeito gaúcho em evidência. É um modo de dizer (dizer *na* e dizer *sobre*) que significa o gaúcho e é constitutiva desse sujeito nas suas relações sociais. Logo, por sua especificidade e particularidade, a linguagem gauchesca é um modo de aproximação do sujeito gaúcho com a tradição.

**Palavras-chave:** Linguagem Gauchesca. Enunciação. Semântica do Acontecimento. História. Memória. Tradição.



## ABSTRACT

### GAUCHESCA LANGUAGE: HISTORY, MEMORY AND TRADITION IN RIO GRANDE DO SUL

AUTHOR: Juliane Tatsch  
ADVISOR: Eliana Rosa Sturza

This thesis is about the constitution of a gauchesque language based on the semantic functioning of the word *tradition* present in texts that constitute discourses about the gaucho and that integrate a set of materialities produced in gauchesca language, constituted and represented in different textualities of the advertising discourse, for to demonstrate how this language is constituted, sustained and maintained by tradition, and how this same tradition, which is recurrent in the discourse on the social type of Gaucho, determines the gauchesque language. We seek, from the theoretical perspective of Semantics of the Event, by the linguist Eduardo Guimarães (2002), to analyze the functioning of language in the event of enunciation. Thus, language is thought of in its functioning, so it is an already-said that repeats itself, but which is articulated to other sayings, other utterances. The word tradition is itself an event because it carries the story and means according to the place of the saying. For this, we consider the designation of the word tradition, that is, the relation of this word to others in the statement that leads to the production of other senses. These statements marked linguistically as the gaucho are configured as a discourse on the gaucho, which affirms a regional identity, which authorizes the gaucho to be inserted in a national culture. This speech is enunciated both in the language and in the language, and it is a saying about the gaucho that is a gauchesque language. The analysis of the semantic functioning of the designations on which the Semantic Domain of Determination of the word *tradition* was analyzed, explained through the procedures of articulation and rewriting, how the word *tradition* articulates and rewrites establishing different relations with other words and with other utterances, in order to understand what it designates and what meanings it mobilizes in the set of studied texts. Within this theoretical-methodological framework, the analytic categories reveal the semantic functioning of the word *tradition* through the rewriting and articulation procedures, which characterize, as indicated by Guimarães (2005), different modes of occurrence of semantic functions. The statements observed in the enunciative sequences constitute a space of enunciation in which the signification is produced by the constitution of discourses on and in the gauchesque language, producing a specification that determines this language. Therefore, gauchesque language means by what it designates. A particular and regional meaning that provides the production of a knowledge about the regional language endorsed by the gathering of a set of textualities that constitute sayings about the gaucho that update the discursive memory and construct a way of knowing about the language spoken by the gaucho subject. That is why we say that the functioning of the word tradition within gauchesque language is not static, homogeneous, with definitive meanings. The Gaucho language when it works is an event that puts this gaucho subject in evidence. It is a way of saying (say in and saying about) what the gaucho means and is constitutive of this subject in his social relations. Therefore, because of its specificity and particularity, gauchesque language is a way of approaching the gaucho subject with tradition.

**Keywords:** Language Gauchesca. Enunciation. Semantics of the Event. History. Memory. Tradition.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
DSD	Domínio Semântico de Determinação
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Imaginária
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
SE	Sequência Enunciativa

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 DISCURSOS SOBRE O SUJEITO GAÚCHO: (RE) CONSTRUINDO SIGNIFICADOS</b> .....	19
1.1 ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA RIO-GRANDENSE: IDEIAS SOBRE A FORMAÇÃO SOCIO HISTORICA DO RIO GRANDE DOSUL.....	20
1.1.1 <b>Construindo o espaço regional, delimitando fronteiras</b> .....	20
1.1.2 <b>A formação étnica e social do Rio Grande do Sul na perspectiva de viajantes e ensaístas</b> .....	27
1.2 A FORMAÇÃO ÉTICA E SOCIAL DO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DE DIFERENTES PERSPECTIVAS.....	32
<b>2 ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA</b> .....	36
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE MEMÓRIA.....	36
2.2 DOMÍNIO DE MEMÓRIA.....	39
2.3 MEMÓRIA DISCURSIVA E MEMÓRIA NA LÍNGUA.....	41
2.4 HISTÓRIA - MEMÓRIA – TRADIÇÃO.....	58
<b>3 O DISCURSO REGIONAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO GAÚCHO</b> .....	61
3.1 GAÚCHO: HISTÓRIA DE UMA PALAVRA.....	65
3.2 GAÚCHO, IDENTIDADE E A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO.....	73
3.3 REPRESENTAÇÕES SOBRE O SUJEITO GAÚCHO.....	76
<b>4 A LÍNGUA (GEM) E O ESPAÇO REGIONAL</b> .....	81
4.1 A “LÍNGUA” DO GAÚCHO NO DISCURSO SOBRE O GAÚCHO.....	83
4.2 O GAÚCHO, A LÍNGUA E A FRONTEIRA.....	87
4.2.1 <b>Espaço de enunciação gauchesco</b> .....	100
4.2.2 <b>O território da linguagem</b> .....	105
4.3 UM OLHAR ENUNCIATIVO SOBRE A LÍNGUA(GEM).....	114
4.4 A SUBJETIVIDADE NA LÍNGUA(GEM).....	119
4.5 O SUJEITO DA ENUNCIÇÃO.....	121
<b>5 UM ESPAÇO ENUNCIATIVO: CONSTITUIÇÃO DE UMA LINGUAGEM GAUCHESCA</b> .....	123
5.1 TRADIÇÃO: O CONCEITO E A PALAVRA.....	123
5.2 DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	130
5.3 DO APARATO METODOLÓGICO.....	133
5.4 UMA PALAVRA E SEUS SENTIDOS: O DOMÍNIO SEMÂNTICO DE DETERMINAÇÃO DA PALAVRA <i>TRADIÇÃO</i> .....	137
5.4.1 <b>Procedimento de articulação</b> .....	140
5.4.2 <b>Procedimento de reescrituração</b> .....	142
5.5 ARTICULAÇÃO E REESCRITURAÇÃO NA ENUNCIÇÃO DA LINGUAGEM GAUCHESCA: PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	146
5.5.1 <b>Construindo as análises</b> .....	147
5.5.2 <b>Em vias de conclusão</b> .....	173
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	183
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	186

## INTRODUÇÃO

Esta tese configura-se como uma continuação de nossa pesquisa de mestrado realizada entre os anos de 2011 e 2013. Nesta investigamos o funcionamento semântico-enunciativo de expressões que aparecem como empréstimos da língua espanhola dentro do espaço de enunciação de uma das variantes do português falado no Rio Grande do Sul, representada na textualidade de tiras humorísticas. Interessou-nos, portanto, o efeito da palavra funcionando nos enunciados das tiras e de que modo esse efeito se significava no dizer, caracterizando uma heterogeneidade da língua portuguesa pela existência, então, de uma linguagem gauchesca.

O estudo de temas que se referem à linguagem gauchesca e termos que constituem seu vasto vocabulário tem sido nosso objeto de observação desde as pesquisas para a elaboração da monografia de graduação. As palavras que usamos no dia-a-dia dizem muito sobre quem somos e da região onde vivemos. Repleto de histórias, o Rio Grande do Sul possui um vasto vocabulário de termos e expressões que significam os sujeitos pela língua. Nesse contexto, rico de palavras e expressões e em decorrência dessas pesquisas voltamos nosso olhar, na então graduação, para um estudo que apresentava o propósito de estudar aspectos da presença do espanhol no modo de falar gaúcho através da representação da língua espanhola nesse linguajar, presente em textos que caracterizam a figura do homem típico da região campeira. Dessa forma, o estudo intitulado AS TIRAS DO TAPEJARA: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA DO ESPANHOL NO LINGUAJAR DO GAÚCHO culminou na identificação da influência e da representação do léxico da língua espanhola na linguagem do gaúcho, desde a sua formação, sob o ponto de vista sócio histórico e linguístico, esclarecendo como essa influência acabou desenvolvendo um discurso característico de uma identidade própria do Rio Grande do Sul. Para isto, foram escolhidas tiras humorísticas do livro *Tapejara: o último guasca*, onde foram analisados enunciados escritos que apresentavam marcas linguísticas específicas do espanhol na linguagem gauchesca.

Com esse estudo evidenciou-se a necessidade de uma análise que possibilitasse compreender o estudo do funcionamento semântico-enunciativo de expressões que apareciam como empréstimos da língua espanhola dentro do

espaço de enunciação da variante gaúcha da língua portuguesa representada na textualidade das tiras humorísticas em questão. Desse modo, surgiu o projeto de dissertação de mestrado O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DA LÍNGUA ESPANHOLA NAS TIRAS DO TAPEJARA: UMA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM GAUCHESCA que buscou estudar o efeito de sentido da palavra funcionando nos enunciados das tiras e de que modo esse efeito se significava no dizer, caracterizando uma heterogeneidade da língua portuguesa pela existência, então, de uma linguagem gauchesca. Diante disso, o estudo considerou o funcionamento semântico-enunciativo de palavras e expressões da língua espanhola, relacionadas ao modo de enunciar do sujeito gaúcho, retiradas das tiras humorísticas e que evidenciavam uma produção e efeitos de sentido da linguagem que significavam histórica e socialmente esse sujeito gaúcho. Buscou-se refletir sobre como essas palavras e expressões interferiam na produção desses efeitos de sentido nas relações entre língua e sujeito, considerando que tais efeitos puderam ser observados nas tiras humorísticas, enquanto objeto de análise.

Nesse estudo o que se observou foi o efeito que a entrada da língua espanhola produzia sobre a linguagem gauchesca quando tomada como um empréstimo, passando a adquirir outra matriz semântica quando enunciada em espanhol.

Analizamos que essas palavras e expressões não possuiriam o mesmo funcionamento, o mesmo sentido, nem produziriam o mesmo efeito no interlocutor se estivessem escritas em português, sob o risco de redução do seu significado. A língua portuguesa é atravessada e transformada pela língua espanhola, o que acarreta em um sujeito afetado por duas línguas que se atravessam no dizer de modo a constituir a identidade desse sujeito e o significar a partir de sua existência e de seu funcionamento.

A partir disso evidenciamos que o funcionamento semântico-enunciativo e as diferentes significações dessas palavras e expressões da língua espanhola ao entrarem em contato com a linguagem gauchesca, produziam um conjunto de dizeres representado pelo contato entre essas duas línguas, passando a constituir uma discursividade, isto é, um dizer do gaúcho.

Os dois anos dedicados à constituição do trabalho de dissertação resultaram num conhecimento maior das teorias que embasam esta tese e, portanto, num amadurecimento de nossa proposta de pesquisa para o doutorado.

Com base nisso e à medida que nos aprofundamos na história e nas relações dos sujeitos com as línguas, verificamos a necessidade de um estudo que demonstrasse como essas línguas funcionando no mesmo espaço de enunciação produzem um conjunto de enunciações que constituem uma discursividade sobre o gaúcho. Esses enunciados marcados linguisticamente como do gaúcho enquanto tipo social representante dos habitantes do Rio Grande do Sul são configurados como um discurso sobre o gaúcho, que afirma uma identidade regional, a qual autoriza o gaúcho a estar inserido numa cultura nacional. Enquanto discurso, essas palavras e expressões, funcionando como dizeres, possibilitam recuperar pela língua traços que identificam os gaúchos, fazendo a inserção de expressões que são reconhecíveis como dos gaúchos. Essas situações abrem espaço para a investigação de interfaces que estamos constantemente identificando como um modo de enunciar gauchesco.

Das reflexões propostas na dissertação, recuperamos, para este trabalho, as possibilidades de funcionamento desse conjunto de enunciações que permeiam esse discurso “do” e “sobre” o gaúcho, conforme estudos desenvolvidos por Orlandi. É a partir disso que nos dedicamos à observação, investigação, confirmação, reformulação e, enfim, descoberta desse complexo modo de enunciar gauchesco atravessado, muitas vezes, pela presença de outra língua, como o espanhol.

Desse modo, a análise do processo de enunciação permite destacar, na organização do discurso, marcas que evidenciam a presença de um enunciador gaúcho que se marca na língua pelo uso de palavras e expressões associadas a um sujeito que tem forte relação com as diferentes culturas do Estado, produto de uma condição social. Igualmente, o desenvolvimento da pesquisa nos permitiu um estudo a respeito do funcionamento linguístico e práticas culturais a partir de uma perspectiva de que há um modo de enunciar que é identificado como do gaúcho, assim como analisar os sentidos atribuídos à formação sócio histórica do gaúcho enquanto tipo social significado pela língua e também identificar os discursos sobre a formação étnica e social do Rio Grande do Sul.

Um discurso sobre o gaúcho que cria um efeito de sentido que fortalece a imagem de um gaúcho tradicional de modo a resgatar esse gaúcho pela língua. A observação de determinadas manifestações linguísticas, discursivas, textuais e, neste caso, de uma especificamente que representa uma identidade rio-grandense nos revela uma perspectiva de mundo de um sujeito que vive, circula e enuncia

entre línguas, tornando-se significativo de um espaço social e de um contexto sócio histórico capaz de produzir uma linguagem nessas condições sócio históricas, bem como pelo estabelecimento de fazendas de gado e agricultura que acabaram tornando-se grandes estâncias espalhadas pelos pampas, difundindo um tipo cultural próprio, o gaúcho, e sua linguagem originada da mistura de castelhano arcaico do século XVI e elementos indígenas, aos quais são adicionados posteriormente elementos portugueses e africanos, especialmente na linguagem informal e no meio rural, no “falar rude” do homem da região da campanha.

Podemos ver que esse conjunto de enunciações que se formula sobre o gaúcho constitui a língua como um elemento que os sujeitos exibem para demonstrar e conservar sua identidade mediante o contato com membros de outros grupos sociais. Com isso, esses dizeres não estariam restritos ao território do Rio Grande do Sul, pois são levados para além das fronteiras territoriais.

Assim, situada na linha de pesquisa “Língua, Sujeito e História”, na qual se analisa a relação entre línguas e sujeitos permeados por sua constituição histórica, a tese que desenvolvemos toma como perspectiva teórico-metodológica a Semântica do Acontecimento desenvolvida pelo linguista Eduardo Guimarães, para quem a(s) língua(s) é (são) tomada(s) no acontecimento enunciativo, em relação com o(s) sujeito(s) e produzindo sentido(s), e também dialoga com algumas noções da Análise de Discurso de vertente pecheutiana, da Antropologia, da Sociologia e da História.

O objetivo do trabalho, a partir do resgate da história da constituição do tipo social gaúcho, é descrever o modo de funcionamento, de um ponto de vista semântico-enunciativo, da linguagem gauchesca considerando os sentidos da palavra *tradição* em textos que se representam na linguagem gauchesca e que também constituem um discurso sobre o gaúcho, especificando que linguagem é essa, o que a constitui e confere sentido enquanto um dizer que se caracteriza pela regionalização de um modo de enunciar nesse espaço comum, regional, que é o Pampa, demonstrando como essa linguagem se sustenta e se mantém pela tradição e de que forma essa mesma tradição, que é recorrente no discurso sobre o tipo social gaúcho, determina a linguagem gauchesca. Assim, a linguagem é pensada em seu funcionamento, logo, é um já dito que se repete, mas que é articulado a outros dizeres, outros enunciados. A palavra *tradição* é em si um acontecimento porque carrega a história e significa segundo o lugar do dizer. Para tanto,

consideramos a designação da palavra *tradição*, ou seja, a relação dessa palavra com outras no enunciado que leva à produção de sentidos outros. Então, para entendermos o funcionamento dessa linguagem gauchesca, precisamos olhá-la a partir de sua historicidade, isto é, para a história como constitutiva de sua significação.

Diante disso, a questão de pesquisa que orientou esse estudo foi o funcionamento da palavra *tradição* na materialidade linguística e enunciativa de conjuntos de textualidades produzidas na linguagem gauchesca, sobre a qual se procedeu a análise do Domínio Semântico de Determinação dessa palavra, para, ao final, apresentarmos os sentidos que a palavra *tradição* constitui. É assim que uma mesma palavra, representada em textualidades (que constituem o sujeito gaúcho) diferentes e em um mesmo espaço de enunciação, pode significar (designar) diferentemente e ajudar a constituir uma linguagem própria: a linguagem gauchesca. O texto propõe a linguagem gauchesca como esta linguagem que significa o sujeito gaúcho na enunciação, sendo que este sujeito está engendrado no espaço ao mesmo tempo territorial, transfronteiriço, enunciativo e simbólico que é o Pampa.

Assim, para este trabalho, tomamos como objeto de análise materialidades produzidas em uma linguagem gauchesca constituída e representada em diferentes textualidades do discurso publicitário retiradas de jornais de circulação local e regional. O corpus foi organizado e construído a partir de recortes que evidenciavam a recorrência e a repetição de um discurso que se sustenta no “amor pelo Rio Grande, no orgulho e na tradição”, que atualiza e se mantém pela memória e que é preservado pela tradição. Tem-se então, a materialização linguística dessa linguagem nas diferentes textualidades representadas pelo conjunto de enunciações que constituem uma discursividade sobre esse sujeito gaúcho. São dizeres que circulam constantemente no espaço de enunciação como este que estamos estudando.

Como procedimento analítico adotamos a *reescrituração* proposta por Guimarães (2007, p. 84). Por este processo aquilo que já foi dito pode ser interpretado de forma diferente a cada novo dizer. “Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (Ibid.), porque faz operar nele a memória dos sentidos de reescriturações passadas.

Para analisar as designações da palavra *tradição* utilizamos ainda o procedimento da *articulação* que conforme Guimarães (2007, p. 87), é aquele pelo



qual o sentido de uma palavra afeta o das outras contíguas a si, ressignificando o dizer. A *designação*, conforme o mesmo autor constitui-se como o ato de dar nome ao que já possui pelo funcionamento da linguagem, ou seja, pelo acontecimento da enunciação, considerando o histórico como próprio da língua. Assim, o funcionamento da palavra como designação constitui seus sentidos pelo modo como são reescritas ou por suas relações de articulação.

As análises nos mostraram como a palavra *tradição* funciona no enunciado, isto é, como se dá a significação na constituição da linguagem gauchesca.

Na discussão apresentada, entendemos a língua enquanto mobilizada pelos sentidos que se constituem em um espaço enunciativo o qual, para este trabalho, também revela um modo de construção da identidade do sujeito gaúcho e vai se materializar, tanto na composição, como no discurso apresentado no conjunto das textualidades analisadas. A perspectiva semântico-enunciativa aqui estabelecida permitiu identificar os mecanismos e o funcionamento desse discurso, no qual se revelou uma autoria gaúcha, no sentido de também mobilizar as especificidades do português falado no Rio Grande do Sul, que, por sua vez, instaura uma discursividade sobre a língua e por consequência sobre o que entendemos por linguagem gauchesca, bem como, reafirma o discurso regional como um espaço de pesquisa e reflexão.

Dessa forma, a partir de um ponto de vista que considera a linguagem funcionando no plano enunciativo, este trabalho está estruturado em cinco capítulos, a seguir descritos sucintamente.

O primeiro capítulo, intitulado *Discursos sobre o sujeito gaúcho: (re) construindo significados*, faz uma retomada dos discursos sobre o gaúcho na historiografia rio-grandense, através dos discursos de viajantes, ensaístas e historiadores que contribuíram para a configuração da formação histórico-social do gaúcho, cuja origem está vinculada às condições políticas, econômicas, históricas e sociais de seu meio. Partimos do fato de como e em que momento da história se instaura a figura do gaúcho, misturada com a própria história dos primeiros tempos da ocupação e colonização do RS, a fim de recuperar o gaúcho enquanto grupo social.

O segundo, denominado *Entre a história e a memória*, reflete sobre as relações estabelecidas entre língua, memória, história e tradição de modo a discutir o funcionamento da memória e da história na língua, buscando compreender que a

tradição funciona como um mecanismo de atualização da memória e o que sustenta a tradição é a memória que se atualiza pelo discurso.

O terceiro capítulo intitulado *O discurso regional na construção da identidade do sujeito gaúcho* trata de alguns aspectos referentes aos processos de identificação entre o sujeito e a(s) língua(s).

O quarto capítulo, tem por título *A língua (gem) e o espaço regional e aborda* as noções de língua e linguagem para discutir que língua ou linguagem é essa falada no Rio Grande do Sul.

O quinto capítulo, chamado de *Um espaço discursivo: constituição de uma linguagem gauchesca* traz as questões conceituais e metodológicas. Apresentamos e discutimos o conceito de Domínio Semântico de Determinação, evidenciamos os procedimentos de análise, a categoria a ser analisada e como foram realizados os recortes do corpus. Também analisamos como a reescrituração e a articulação operam no funcionamento semântico das designações da palavra *tradição*.

Buscamos com isso mobilizar algumas considerações teóricas envolvendo questões como: língua, linguagem, sujeito, discurso, texto, textualidade, enunciado, enunciação, espaço de enunciação, história, memória, o que nos permite dizer que a pertinência deste estudo se justifica por tematizar uma questão linguística que diz respeito ao funcionamento de uma linguagem que se constitui e se expressa por diferentes manifestações e se representa em uma palavra: TRADIÇÃO.

## 1 DISCURSOS SOBRE O SUJEITO GAÚCHO: (RE) CONSTRUINDO SIGNIFICADOS

*Eram quatro moços vestidos à gaúcha: eles traziam chapéus arredondados de abas largas; trajavam chilipás com franjas; coletes vermelhos com botões amarelos, chales de cachemira velhos amarrados à cintura, excetuando um deles que cingia uma linda e bordada guaiaca; e traziam ainda grandes e pesadas chilenas de prata; estavam armados à rio-grandense, com espada, duas pistolas, uma faca, uma carabina e o laço e as bolas, que estavam seguras aos tentos dos cavalos; seus aspectos eram guerreiros; em seu todo apresentavam uma lhana franqueza e alegria bem pronunciada. Três dentre eles tinham cabelos ruivos em cabeleiras pendentes sobre os ombros, exceto o que cingia a guaiaca, que tinha cabelos castanhos também da mesma forma dispostos.<sup>1</sup>*

Para melhor discutir neste capítulo a questão de como hoje o gaúcho se enaltece e se rememora pela questão do amor, do orgulho e da tradição a fim de sustentar a tese proposta, qual seja a constituição de uma linguagem gauchesca a partir do funcionamento semântico da palavra tradição em textos que representam um discurso sobre o gaúcho, apresentamos um panorama histórico dividido em duas partes: uma na perspectiva dos viajantes e ensaístas no período de ocupação, apresentando algumas considerações sobre aspectos sociais e geopolíticos das fronteiras, a formação sócio histórica e geográfica do Estado e como a história do Rio Grande do Sul começa a ser contada a partir da descrição do processo de ocupação e povoamento do território, tendo em vista compreender a constituição do tipo social gaúcho. A outra perspectiva se dá a partir de estudos mais contemporâneos de historiadores, antropólogos e sociólogos que trazem um ponto de vista mais crítico a respeito desse homem habitante do período de ocupação e povoamento e que se torna um símbolo identitário de toda uma região específica do Brasil.

Essa retomada histórica e social é necessária para compreender como essa imagem de gaúcho apegado ao território e que inventa uma tradição para se manter como mito foi se constituindo ao longo do tempo. Diante disso, este capítulo objetiva apresentar algumas reflexões da nossa pesquisa sobre a formação do sujeito gaúcho tendo como suporte o discurso da história do Rio Grande do Sul — constituição da origem e identidade do gaúcho segundo a perspectiva de viajantes, ensaístas, antropólogos, sociólogos e historiadores, abordando a constituição de um tipo social sob certas condições históricas. Para isso, consideramos o modo de

<sup>1</sup> CALDRE E FIÃO, J. A. do V. **O corsário** (1849). Porto Alegre: Movimento : IEL; Brasília: INL, 1979.

entender a formação do tipo social do gaúcho sulino, mais espanhol ou mais português, por meio de um discurso que trata do processo de colonização sul-rio-grandense.

## 1.1 ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA<sup>2</sup> RIO-GRANDENSE: IDEIAS SOBRE A FORMAÇÃO SÓCIO HISTÓRICA DO RIO GRANDE DO SUL

### 1.1.1 Construindo o espaço regional, delimitando fronteiras

A fronteira, além de configurar um espaço social e político particular, materializado nas práticas linguísticas dos falantes, é também uma fronteira geopolítica, social e cultural que afeta o modo como os sujeitos se relacionam com as línguas às quais estão expostos. Do ponto de vista geopolítico, o Rio Grande do Sul é um território com fronteiras internacionais. Por outro lado, se caracteriza por estar circunscrito em um relevo que se alonga em direção ao território argentino e uruguaio, delimitado e definido por condições ambientais e, especialmente, por ser reconhecido como lugar originário de um tipo social como o gaúcho. Também é um espaço que se define por culturas híbridas produzidas desde seu processo de ocupação e povoamento, remontando ao período dos conflitos que marcaram a delimitação dos territórios na região do rio da Prata.

O processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul se caracteriza, tal como descrevem os historiadores, pela presença de etnias e culturas variadas. No caso das fronteiras é predominante a presença das culturas portuguesa e castelhana/platina. E, por esta razão, clima, relevo, vestimentas, atividades da vida campeira, hábitos e costumes similares com os dos *gauchos* uruguaio e argentinos, produziram uma identificação da sociedade e da cultura gaúcha sul-rio-grandense com a cultura argentina e uruguaia, contribuindo, em grande parte, para o desenvolvimento da linguagem utilizada pelo homem gaúcho, principalmente em áreas de região fronteira.

Quando ocupado pelo império português, o Rio Grande do Sul era o que podemos chamar de um imenso deserto, sendo ocupado somente pela população indígena de vida nômade ou semi-sedentária que ali habitava. Nesse momento, a circulação de pessoas que ocupavam o espaço das fronteiras, era totalmente livre,

---

<sup>2</sup> O termo historiografia é composto a partir dos termos “história” (que vem do grego e significa pesquisa) e “grafia” (que também vem do grego e significa escrita). Sendo assim, o próprio nome já contém o sentido mais claro da expressão, isto é, “escrita de uma pesquisa” ou “pesquisa que precisa de uma forma escrita, de uma narrativa”. De forma sucinta: uma escrita da história.

não existindo controle nem empecilhos para o vaivém de pessoas e mercadorias que aí se estabeleciam. Este espaço, inicialmente pouco ocupado na zona de fronteira, foi palco de um longo período de conflitos e animosidades entre portugueses e espanhóis. A disputa territorial, sobretudo, para estipular as fronteiras geopolíticas se deu por meio de combates e de tratados entre as monarquias ibéricas. Houve sucessivas reintegrações de territórios ocupados, ora pela Coroa espanhola, ora pela Coroa portuguesa.

Oliven (2002, p. 163) afirma que “o Rio Grande do Sul é geralmente considerado como ocupando uma posição singular em relação ao Brasil”. Isso, segundo o autor, se deveria às suas características geográficas, à sua posição estratégica, à forma de seu povoamento, à sua economia, ao modo pelo qual se insere na história nacional e ao caráter de fronteira do Estado.

O processo de delimitação dessa zona fronteira resultou em uma configuração sócio histórica única e distinta das outras regiões do país, como as fronteiras internacionais com Argentina e Uruguai e a identificação deste tipo social originário de um ambiente determinado pelo tipo de relevo e condições climáticas como o Pampa. Tais fronteiras ajudaram a constituir o sujeito que passaria a habitar o Rio Grande do Sul e que atualmente se apresenta ressignificado no gaúcho.

Desse modo, a história da ocupação e colonização do Rio Grande do Sul está marcada pela questão fronteira, já que os conflitos decorrentes das disputas pelas demarcações das fronteiras levavam portugueses e espanhóis a se moverem constantemente nessas zonas limítrofes, o que mostra que as linhas divisórias, embora simbolizadas por meio de marcos, não delimitavam o movimento de pessoas nessa região, seus encontros, seus contatos.

[...] a Fronteira não significa apenas pela sua relação espacial, como o lugar que marca o limite entre territórios. Os limites cartográficos são referências simbólicas que significam a fronteira através de um marco físico, embora a vida da fronteira, o habitar a fronteira signifique, para quem nela vive muito mais, porque ela já se define em si mesma como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas, nações (STURZA, 2006, p. 26).

Logo, a necessidade de pensarmos a fronteira não apenas como um espaço geográfico configurado pelo contato, permeabilidade, troca, mistura, hibridismo, mestiçagem cultural e étnica que se estabelecem nessa zona. Mas como uma rica e

completa soma dos mais diversos fatores, dentre eles o linguístico, que ali se significam.

A contribuição espanhola atuou diretamente sobre a formação da linguagem gauchesca e, como já afirmamos, é constitutiva do modo de falar do gaúcho que se evidencia mais de fortemente com o gaúcho da zona fronteira. Essa presença e circulação da língua espanhola no Rio Grande do Sul são possíveis de serem apontadas desde os discursos produzidos pela historiografia. A proximidade entre falantes das línguas castelhana e portuguesa na América acontece desde os inícios da colonização/conquista. E, mais precisamente, entre brasileiros e hispano-americanos há relações e interação desde o surgimento das nossas nações (FANJUL, 2002, p. 23).

A proximidade com os países de colonização espanhola fez surgir uma mistura de termos castelhanos e portugueses na linguagem cotidiana, sobretudo dos habitantes das zonas fronteiriças com Argentina e Uruguai. Esse contato de termos espanhóis e portugueses surgiu das necessidades da vida diária para a comunicação entre os dois lados da fronteira, visto que ambos precisavam manter contatos socioculturais e, sobretudo, comerciais, uns com os outros.

Zona de fronteira, o território compreendido por essa região, Uruguai e Argentina foi um dos pontos em que a expansão colonial das duas coroas, espanhola e portuguesa, fez com que estas se chocassem, tornando-se palco de lutas de fronteiras que definiram limites territoriais e pertencimentos nacionais. Embora geralmente associada ao pampa (porém indo além do pampa geográfico) essa região foi ocupada na base da grande propriedade criadora de gado. Foi neste cenário marcado pelo binômio gado-guerra que emergiu o gaúcho, a quem conferiu significado (MACIEL, 2001, p. 240).

Com este contato diário, a região do Pampa gaúcho passou a configurar-se como um espaço constante de circulação dos habitantes desta província, e como consequência, da língua por eles falada, consolidando ainda mais a constituição de uma linguagem gauchesca que está composta por outros elementos de expressão cultural que não se restringem ao linguístico. Neste caso uma prática linguística muito específica, caracterizando uma variedade regional, que se sobressai frente a outros modos de falar, inclusive no próprio Rio grande do Sul onde há línguas de imigração ainda muito praticadas por gaúchos de outras regiões do Estado. A entrada de palavras e expressões da língua espanhola na língua portuguesa colabora para manter uma vinculação com o passado, pelo funcionamento de uma

memória, trazendo à tona o papel do gaúcho nas disputas territoriais, a defesa das fronteiras e, ao mesmo tempo, significando o peso das relações políticas, econômicas e culturais com a região do Prata.

A presença da língua espanhola na linguagem gauchesca também é uma memória histórica<sup>3</sup> que remete a um passado de disputas por território entre os Impérios Ibéricos de Espanha e Portugal. Neste período de litígios por definição das fronteiras havia um trânsito maior, menos controlado, de soldados, aventureiros, comerciantes, o que pode ter favorecido as influências de uma língua sobre a outra. Em fronteiras secas, esta falta de demarcação dos limites territoriais contribuiu para intensificar a circulação das línguas do império.

Há, sem dúvida, uma tendência para pensar as fronteiras a partir de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político. Neste sentido, a fronteira é, sobretudo, encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície. Em suma, a fronteira é um marco que limita e separa e que aponta sentidos socializados de reconhecimento. Com isso podemos ver que, mesmo nesta dimensão de abordagem fixada pela territorialidade e pela geopolítica, o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Nesta medida, o conceito de fronteira envolve duas possibilidades de concepção: a ideia de territorialidade, limite; e a compreensão pela percepção social e híbrida, pela vivência, comportamentos, palavras e gestos. A partir dessa perspectiva, a fronteira afirma-se como lugar de construção identitária relacionada às características sociais decorrentes de um modo de vida em que o gaúcho se representa como tipo social mais fortemente ligado ao modo de vida fronteiriço. Portanto, a fronteira configura-se como um espaço social; um espaço real, e também um espaço que se significa simbolicamente.

A palavra *fronteira*<sup>4</sup> é interpretada, do ponto de vista da geografia política, como uma parcela de território localizada nos dois lados de uma linha divisória limítrofe, tornando-se difícil a compreensão de sua real localização. A fronteira platina (considerada a macrorregião da Bacia do Rio da Prata, estuário que reúne os

---

<sup>3</sup>Este conceito será desenvolvido no capítulo 2.

<sup>4</sup>Grifo nosso.

limites territoriais de quatro países, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai)<sup>5</sup>, notadamente, foi marcada por grande flexibilidade de limites, logo, por grandes intercâmbios populacionais e econômicos, que geraram uma relação sociocultural muito próxima.

Era este homem gaúcho que vivia nas fronteiras brasileiras com os países platinos, interagindo e partilhando vivências e experiências que trouxe para a língua uma riqueza de palavras e expressões que ajudaram na constituição de uma linguagem originada da contínua troca de termos e expressões nessas regiões com características muito semelhantes entre si. Desse modo, a fronteira significa a hibridização cultural, incluindo o registro, na linguagem, de apropriações, mediações, assimilações e subversões de temas, ideias, imagens, formas e mitos existentes entre vizinhos lindeiros (MASINA, 2004, p. 97).

A sociedade sul-rio-grandense se constituiu a partir dessas influências. Esse gaúcho, transformado em um representante da identidade regional, que se constituiu na fronteira, é um produto social dessa fronteira que acabou tornando-se relevante para a constituição de um lugar onde sujeitos enunciam uma linguagem gauchesca, praticada e significada em diferentes expressões.

Esse alto grau de diversidade e de variabilidade se deve principalmente às diferenças estabelecidas de uma região para outra. Como resultado dessa sociedade que se formou do contato e das trocas entre os povos provenientes de ambos os lados da faixa fronteira, a língua também revela e faz significar ideologias sobre o sujeito gaúcho. Essas expressões linguísticas, caracterizadas entre outros aspectos por interjeições, expressões que demarcam regionalidade, ou com influência direta da língua espanhola como “bem capaz<sup>6</sup>”, “cusco<sup>7</sup>”, “chisme<sup>8</sup>”, “enchufar<sup>9</sup>”, “barbaridade<sup>10</sup>”, “tchê<sup>11</sup>”, “a la puchta<sup>12</sup>”, próprias do homem do da

---

<sup>5</sup> Dados extraídos da Coleção Grande Atlas Universal, 2004, Editorial Sol 90, S.L., Barcelona (Espanha). Edição para o Brasil: Tradução Martín Ernesto Russo.

<sup>6</sup> Expressão usada quando se quer dizer não. Fonte: *Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira*. Programa de Educação Tutorial (PET) Letras UFSM, 2015.

<sup>7</sup> Cachorro sem raça, guaieca. Fonte: *Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira*. Programa de Educação Tutorial (PET) Letras UFSM, 2015.

<sup>8</sup> Fofoca, mexerico, intriga; burburinho. Fonte: *Dicionário de Uruguaianês*. Disponível em: [http://www.unimed.coop.br/pct/index.jsp?cd\\_canal=50501&cd\\_secao=51289&cd\\_materia=281215](http://www.unimed.coop.br/pct/index.jsp?cd_canal=50501&cd_secao=51289&cd_materia=281215).

<sup>9</sup> Conectar na tomada elétrica, plugar; “- Prende o ferro de planchar, mas primeiro enchufa na tomada”; por analogia, também se usa como “enrabar” ou sacanear alguém; “- Eu te dizia, tu era o único que acreditava nela... taí, ó, te enchufou...”; enchufada: enrabada; “- Aí, hem, me contaram que te deram a tal enchufada...”. Fonte: *Dicionário de Uruguaianês*.



região fronteira não resultará, inclusive, na produção de um discurso sobre o gaúcho, pautado em uma especificidade do português gaúcho, que não se restringe ao linguístico, mas que se representa na dança, na música, nos usos e costumes, nos gestos, na vestimenta, etc. Essa linguagem tem diferentes maneiras de se expressar e se manifestar, tendo na língua uma presença muito forte do espanhol. Essa presença só pode existir pela circulação desse homem gaúcho de um lado e outro da fronteira. A linguagem gauchesca caracteriza-se então, por léxicos e expressões, por exemplo, que significam um universo muito específico.

Acrescenta-se, também, como fator histórico determinante para a formação étnica e social do Rio Grande do Sul, o surgimento dos Sete Povos das Missões (São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Luís Gonzaga, São Lourenço, São João Batista, Santo Ângelo) como um movimento populacional que era comandado pelos padres jesuítas. Esses movimentos auxiliaram na delimitação de fronteiras e no surgimento de cidades, especialmente na parte oeste do Estado. Esse foi um período marcante da presença do império espanhol na região Sul do Brasil. Os jesuítas ensinavam latim para a leitura dos textos religiosos, leitura e escrita em espanhol e valores cristãos aos índios. Nesse período, ocorre a fase de assimilação da cultura gaúcha e da língua espanhola.

Manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o resto do Brasil seria uma forma de preservar a identidade cultural do Estado, já que a relação entre o Rio Grande e o Brasil sempre foi uma relação contraditória. Historicamente essa relação advém justamente da tensão entre autonomia e integração, sendo a Revolução Farroupilha (1835-1845) um marco emblemático desta relação, pois foi um movimento que teve origem na insatisfação de estancieiros do Rio Grande do Sul em relação à excessiva centralização política imposta pelo governo central e no sentimento que a província era explorada economicamente pelo restante do Brasil (OLIVEN, 2006, p. 62).

Dada a sociedade que se formava, surgiu uma linguagem influenciada e modificada em grande parte pela língua espanhola falada no Prata e acentuada pelo amplo número de vocábulos originados, como referimos anteriormente, pela

---

<sup>10</sup> Expressão que quer dizer "não é possível"; "puxa vida", "que coisa absurda!". Fonte: NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul.

<sup>11</sup> Expressão gaúcha que pode ser usada como um pronome de tratamento, muito utilizada para se referir a alguém pessoalmente. Fonte: NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Expressão usada quando algo nos pega de surpresa, nos espanta ou nos encanta.

circulação do homem gaúcho nas fronteiras brasileiras com os países platinos, pelas interações sociais e trocas que, em face da proximidade física e de interesses comuns, acabaram se estabelecendo em ambos os lados da fronteira.

Por conseguinte, o que conhecemos hoje e que já mencionamos, resulta de um processo de construção de mais de quatro séculos. Ao longo desse período novas regiões foram sendo incorporadas ao território brasileiro sob o impacto de entradas, bandeiras e dos ciclos econômicos. A presença portuguesa e espanhola, desde os períodos de ocupação, conquista e colonização latino - americana, deixaram como marcas a *língua*<sup>13</sup>, elemento de identidade social de um grupo. Para Fischer e Gonzaga (1993, p. 80), a identidade gaúcha é atualmente reposta não mais nos termos da tradição farroupilha, mas enquanto expressão de uma distinção cultural.

O contato que se estabeleceu, nesse período, resultado das condições sócio históricas anteriormente tratadas, contribuiu para a formação da linguagem dos rio-grandenses na região fronteira com o Uruguai e a Argentina, significada na cultura, no comportamento e na língua do homem gaúcho, constituindo desta maneira, conforme Laytano (1981), “a base inicial do tipo étnico da região sul do Brasil”.

Petri (2013, p. 70) expõe que esse sujeito gaúcho da/na língua oscila entre estar na fronteira do Rio Grande do Sul e o restante do Brasil e estar na fronteira com os países da região do Prata.

Portanto, essa imagem de gaúcho que temos hoje se constituiu nesse espaço geográfico que hoje seria o Pampa. Esse gaúcho idealizado do passado é recuperado na fundação do “35” CTG<sup>14</sup> em Porto Alegre a partir de pessoas que vem da fronteira, sendo lembrado e trazido da fronteira para desenvolver um movimento social, tradicionalista. Como movimento cultural popular, o tradicionalismo conforme coloca Brum [s. d.] pode ser entendido como um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetivam celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante.

Assim, é na fronteira que esse gaúcho resiste como uma figura que ainda usa bota, bombacha e que tem toda uma vida ligada ao campo. Esse é o gaúcho da “resistência” e que ainda existe na zona de fronteira, muito mais representativo do

---

<sup>13</sup>Grifo nosso.

<sup>14</sup> Primeiro CTG do Rio Grande do Sul fundado em 1948, a partir dos estudantes do Colégio Júlio de Castilhos com o objetivo de preservar as tradições gaúchas, desenvolver e proporcionar uma revitalização da cultura rio-grandense. Fonte: <http://35ctg.com.br/opioneiro/o-35-ctg/>.

que em outras regiões do Rio Grande do Sul em que esses aspectos, talvez, sejam menos visíveis. Ou seja, é um gaúcho que resiste também pela língua.

### **1.1.2 A formação étnica e social do Rio Grande do Sul na perspectiva de viajantes e ensaístas**

Nesta seção pretendemos refletir sobre a condição de produção do discurso sobre a formação étnica e social do sujeito gaúcho a partir dos relatos e observações feitas pelos viajantes e ensaístas que visitaram as terras brasileiras e rio-grandenses no século XIX.

As primeiras observações sobre o habitante do Rio Grande do Sul foram feitas através dos relatos dos viajantes, destacando-se o naturalista Nicolau Dreys e o botânico Auguste de Saint-Hilaire. O discurso sobre o habitante do sul do Brasil expresso nos relatos desses viajantes franceses serviu como fonte para sustentar e subsidiar os argumentos e os pontos de vista dos ensaístas no modo como eles apresentaram o Rio Grande do Sul no período colonial, na produção de um discurso historiográfico sobre os povos que habitavam esta região naquela época. Seus relatos buscavam retratar as paisagens dos territórios, suas características geográfico-naturais, os costumes dos habitantes, conhecer a fauna e a flora, a população e a organização socioeconômica do Rio Grande do Sul, fazendo uma descrição detalhada de tudo quanto lhe fosse visível.

É importante enfatizar que o gaúcho descrito nos depoimentos dos primeiros viajantes estrangeiros que vieram ao sul do Brasil no século XIX é aquele indivíduo que habitava numa vasta e única região sem fronteiras delimitadas, que compreendia o atual estado do Rio Grande do Sul, o norte da Argentina e o leste do Uruguai, que eram também conhecidas pelo nome de *terra de ninguém* (MAROCCO, 2010, p. 112).

Esse gaúcho é relatado por Dreys como parte de uma população livre, que provém da natureza e que acalenta o gosto pela vida fácil e de perfeita liberdade.

... a província do Rio Grande oferece ainda a esse respeito uma anomalia bem digna de se notar: é a existência de uma nação mista, intercalada entre as populações originárias e que pertence à raça livre, menos ainda por sua extração, do que pela possessão imemorial de uma liberdade indefinida que as leis das sociedades vizinhas podem dificilmente refrear; dizemos nação, por ter essa associação excepcional, moral, costumes, e gostos sui-generis;

entendemos falar dos gaúchos: expressão local a que não pretendemos aceção nenhuma desfavorável;... (DREYS., [1961]<sup>15</sup> 1990, p. 109).

Ainda sobre o gaúcho e seu cavalo a descrição de Dreys parece criar a perfeita imagem do gaúcho idealizado:

O gaúcho é ótimo cavaleiro: identificado aparentemente como o cavalo, nasce, vive e morre com ele; nunca o gaúcho recusou montar qualquer cavalo, e nunca se importou com seus vícios ou suas qualidades. Nas planícies imensas em que se acha, e transporta seu grosseiro arnês[sic] para o primeiro que se apresenta e que seu laço lhe submete; sobre o cavalo, o gaúcho afeta todas as posições e toma indiferentemente a que sua comodidade ou interesse do momento lhe sugere; estando de vedeta, deita-se às vezes sobre o flanco do cavalo que se acha encoberto do inimigo, de modo que nessas campinas povoadas de animais selvagens, a vista não pode discernir, a certa distância, se o cavalo está passando solto ou se o homem o acompanha; por isso é que, na guerra contra Artigas, todos os oficiais traziam geralmente ao tiracolo óculos de alcance (Ibid.,[1961] 1990, p.161- 162).

Sobre o uso do laço, instrumento de trabalho do gaúcho, Dreys diz que:

As armas do gaúcho são as que se usam no Rio Grande: a faca, a espada, a pistola, quando a pode comprar, e, sobretudo, o laço e as bolas; estas duas últimas armas são, às vezes, as únicas que tem, e nunca o gaúcho é visto sem elas: verdade é que excele[sic] em manejá-las; com elas, assenhoria-se do jaguar, da onça, do boi, do cavalo, da avestruz, e vimos no Camaquã um rapaz matar com as bolas um abutre voando (Ibid.,[1961] 1990, p.161).

Dreys sintetizou a relação entre o gaúcho e seu cavalo escrevendo que “o gaúcho é um homem superior, e essa superioridade ele a sabe avaliar: porém sua força é emprestada e procede toda do quadrúpede a que vai associado. O gaúcho a pé é um homem ordinário” [...] (DREYS, [1961] 1990, p.164).

Esses relatos, conforme estamos descrevendo, produzem um discurso do viajante sobre a língua e sobre o habitante gaúcho, ajudando na constituição da língua e do sujeito gaúcho na história, bem como na construção de um imaginário sobre esse gaúcho e na atualização de uma memória.

Saint-Hilaire, em sua obra *Viajem ao Rio Grande do Sul*, registra nas suas anotações, permeadas por seu olhar europeu, impressões sobre a paisagem dessa região. Como botânico que era, destaca nos seus relatos a relação dos homens que viviam nestas paragens com o espaço, com o clima, com a rudeza da vida campesina. Descreve, em certo trecho que

---

<sup>15</sup> A data entre colchetes remete a edição primeira da obra em língua francesa.

“este lugar oferece a mais linda paisagem que tenho visto desde o Rio Grande. Até agora atravessamos planícies sempre uniformes, sem a mais leve ondulação do terreno, e unicamente animadas pela presença do gado que nela pasta.” (SAINT-HILAIRE, [1939] 2002, p.112).

Este lugar descrito por Saint-Hilaire refere-se ao relevo de um território transfronteiriço denominado de Pampa. Um lugar caracterizado por identificações inscritas na paisagem, pelo tipo de clima, pela atividade econômica predominantemente agropastoril e, por consequência, por modos de vida forjados pelo rigor do tempo e do trabalho campesino. Esse território, desenhado por um bioma variado, que se estende além das fronteiras geopolíticas entre Brasil, Argentina e Uruguai tem mais características comuns do que as que se costumam mencionar. Esse é um lugar com simbolismos construídos a partir dos contatos entre os sujeitos, as línguas e as culturas.

Do mesmo modo, Saint-Hilaire ao descrever esse habitante gaúcho expõe a liberdade como uma característica do rio-grandense:

O que me chamou a atenção, depois que cheguei a esta Capitania, é o ar de liberdade de todos com que me deparo e o desembaraço de seus gestos; não possuem a apatia que caracteriza os habitantes do interior; ao contrário, seus movimentos são mais enérgicos, há menos delicadeza em seus gestos. Numa só palavra: são mais homens (SAINT-HILAIRE, [1939] 2002, p. 25-26).

Podemos dizer que o trabalho historiográfico desses escritores nos estudos da história do Rio Grande do Sul no período colonial colaboraram para o entendimento da formação desse tipo social sulino, mais espanhol ou mais português, por meio do discurso que trata do processo de colonização sul-rio-grandense, delineando o ponto de vista desses sujeitos a respeito da formação étnica, cultural e tradição do Estado. Esses relatos são um testemunho sobre a vida no Rio Grande do Sul no século XIX e se voltam, dentre outras questões, para a língua do habitante gaúcho. O discurso do viajante representa um discurso sobre o outro, sobre o sujeito gaúcho e sobre a língua, colaborando para o surgimento da literatura de viagens do século XIX.

A partir dos discursos ressaltados pelas descrições desses viajantes, foi possível observar historicamente o surgimento de dois discursos na historiografia

sul-rio-grandense, que se constituíram a partir de duas matrizes ideológicas distintas, a lusitana e a platina.

Dentre o discurso historiográfico desse período, destaca-se aquele que tematiza a formação étnica e social do Rio Grande do Sul e que instituiu duas vertentes a respeito dessa formação: a *matriz lusa*, assim denominada por Neumann (1994), historiador que destaca a preponderância da colonização portuguesa, ou seja, determinante na constituição do gaúcho sulino como tipo social; e a *matriz platina* que, segundo o mesmo autor, determina a formação do gaúcho no espaço rio-platense, abrangendo os territórios do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Cada uma dessas matrizes está representada no discurso de ensaístas como Manoelito de Ornellas e Moysés Vellinho, intelectuais representativos do período historiográfico das décadas de 50 e 60, que constituíram um espaço de debate sobre a história do Rio Grande do Sul, discursivizando sobre a origem do habitante deste Estado, sobretudo para atribuir-lhe ou constituir uma identidade social (STURZA, 2006).

Ornellas (1999) evidenciou os indícios platinos na história do tipo social do sujeito gaúcho. No entanto, Vellinho (1957), fundamentou suas investigações e estudos no lusitanismo, pois atribuiu ao predomínio do colonizador português a formação sócio histórica do sujeito gaúcho brasileiro.

O discurso da origem do Estado se apoia na descrição da formação étnica e social do Rio Grande do Sul, muito em consequência do período de ocupação e colonização, com demarcações de fronteiras que mobilizaram portugueses e espanhóis no extremo sul do Brasil. Conforme Sturza (2007, p. 02), “o contato que se estabeleceu entre eles constituiu no imaginário do gaúcho, desde então, um lugar nem lá, nem cá, dando ao sul-rio-grandense esta indefinição identitária, instituindo, muitas vezes, um lugar do dizer como um lugar de defesa de posições ideológicas, fruto do convívio intenso e prolongado nas zonas de fronteira.

Segundo Cesar (1980), “a formação do gaúcho se deu em campo aberto, durante a luta com espanhóis, provindo daí os usos e costumes verdadeiramente tradicionais, ou seja, próprios deste período, e atualmente reduzidos a peças de museu”.

A historiadora Ieda Gutfreind (1992), ao analisar a historiografia tradicional afirma que a *matriz platina*, embora igualmente defendesse a identidade brasileira do território, admitia contribuições espanholas e rio-platenses para a formação

histórica do Rio Grande do Sul. Já a *matriz lusitana*, era composta de historiadores que consideravam a história do Rio Grande do Sul unicamente sob a ótica luso-brasileira, negando quaisquer tipos de vínculos com o Prata. Ambas correntes, entretanto, analisaram a história do Estado sulino como isolada ou integrada à brasileira, sem admitir a perspectiva da possibilidade de inserção geopolítica do atual território sul-rio-grandense numa área mais ampla, a Região Platina.

De acordo com a autora, o conceito de matriz é compreendido por

[...] um tipo de discurso com características comuns encontradas em um conjunto de obras históricas [...] conforme a conjuntura que se desenvolve [...]. Essas matrizes representam a busca da identidade político-cultural do território sul-rio-grandense (GUTFRIEND, 1992, p. 11).

É o entrelaçamento das duas correntes colonizadoras no Rio Grande do Sul – a espanhola e a portuguesa. Um ponto de contato nas raízes das origens da formação sócio histórica do Estado que ajudou no surgimento do sujeito gaúcho dessa região.

Com relação à questão da fronteira, Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas entram em concordância, pois esta foi uma constante no Rio Grande do Sul, sendo desde a metade do século XVII até o XIX motivo para lutas, confrontos e hostilidades entre portugueses e espanhóis.

O discurso dos ensaístas em meados do século XIX inaugura um novo modo de dizer sobre o rio-grandense, já que passa a tratar o gaúcho como um tipo gentílico característico do período colonial. São discursos que reafirmam hábitos e costumes do gaúcho, bem como seu caráter guerreiro, sua relação com o cavalo e a sua liberdade, apresentados como constitutivos desse tipo regional.

Assim, em consonância com Petri (2004, p. 185), que pela ausência de fontes precisas, elege os relatos dos viajantes como o ponto de partida de um discurso sobre o gaúcho, embora ressalte que não há “limites entre o que é realidade social, o que é histórico, o que é mitológico e o que é ficção”, podemos considerar é que a produção desse discurso representa um discurso sobre o outro, sobre o sujeito gaúcho e sobre a língua durante o século XIX, explicitando como se constitui este discurso sobre o gaúcho.

## 1.2 A FORMAÇÃO ÉTNICA E SOCIAL DO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DE DIFERENTES PERSPECTIVAS

Este item tem por objetivo propor uma perspectiva de abordagem da formação étnica e social do Rio Grande do Sul colocando em funcionamento um discurso baseado na pesquisa histórica. Para apresentar tal perspectiva consideramos tratar a questão a partir de estudos que trazem um ponto de vista acadêmico em relação a este discurso que se constituiu sobre o gaúcho.

Segundo a antropóloga Maria Eunice de Souza Maciel (2000), foi na segunda metade do século XIX que, com base no grupo social dos gaúchos, a *figura do gaúcho* começou a ser construída e exaltada, num processo que seguiu até o século XX.

A política cercada de conflitos armados entre Portugal e Espanha proporcionou relações de contato entre os habitantes do Pampa, portugueses e espanhóis, antes da conquista desse território por Portugal, e mesmo depois, já que muitos espanhóis por aqui seguiram vivendo ou passando, o que resultou segundo Neumann (2004), num discurso que busca uma condição de pertencimento<sup>16</sup> para o rio-grandense.

O sentido de “pertencer” possui duas vias: implica que se reconheça como parte de algo (eu sou/nós somos gaúchos, por exemplo), e dá ao mesmo tempo, um sentido de posse (eu tenho/nós temos – é nossa terra). Assim, podemos considerar que o pertencimento possui um duplo sentido: no que concerne ao território, nós pertencemos a um lugar (nós somos daqui) e, ao mesmo tempo, este lugar nos pertence (ele é nosso) (MACIEL, p. 192, 2002).

Por este motivo, como elemento constitutivo da formação histórica sulina, Pesavento (1980, p. 68) destaca o caráter fronteiriço e militarizado do Rio Grande desde os seus primórdios. A presença em uma área de fronteira formou a identidade dessa sociedade que vivenciou e participou de diversos conflitos no século XIX: Guerra da Cisplatina (1817-1828), a Revolução Farroupilha (1835-1845), a Guerra Grande (1849-1852), e a Guerra do Paraguai (1864-1870).

Oliven (2006, p. 142), afirma que, tradicionalmente, o gaúcho é visto pela historiografia como um tipo social para o qual contribuíram de formas distintas, diferentes etnias: índios, portugueses, negros e depois os imigrantes alemães e italianos. Apesar dessa mistura étnica, da diversidade interna do Estado, o gaúcho é

---

<sup>16</sup>“Pertencer significa sentir-se ligado a e desejar mostrar-se como identificado com”. (BRUM, 2006, p. 36).



apresentado como um tipo único e peculiar, configurando-se socialmente como um produto do Pampa.

Já, Fischer e Gonzaga (1993, p. 78), argumentam que “a colonização tardia e o caráter de fronteira aberta deram ao Rio Grande uma especificidade regional que sempre o distinguiu das demais províncias brasileiras”. As guerras contínuas contra castelhanos, índios, caramurus, paraguaios, e as próprias lutas internas configuraram o tipo rio-grandense que hoje conhecemos.

A fronteira vai assim, incorporando significações à medida que fatos históricos como, por exemplo, as já citadas disputas sobre os domínios territoriais entre Espanha e Portugal na América, a definição dos limites geopolíticos e, posteriormente, a formação dos estados nacionais, constituem os sentidos de fronteira, sobretudo, quando a questão é a relação das línguas nas fronteiras brasileiras com os países da região do Prata.

Kühn (2004, p. 26) ao escrever sua *Breve História do Rio Grande do Sul* sugere que “o espaço fronteiriço nacional deve ser compreendido como uma fronteira em movimento, com intensa circulação de homens e mercadorias, em um contexto demográfico heterogêneo e numa conjuntura de instabilidade política”. É nesse contexto da formação histórica do Rio Grande do Sul, juntamente com as origens do povoamento, a conquista do território, as guerras e as revoluções internas, a vida social, política e econômica que, então, começava a se formar a recente província rio-grandense.

Ainda de acordo com Kühn (2004, p. 77) “atualmente os estudiosos tendem a entender a história regional inserida em um contexto mais amplo, com evidentes elementos que indicam uma forte vinculação platina”. Na bacia do Rio da Prata, tais disputas se pautaram por uma divisão entre dois mundos: o mundo português e o mundo espanhol. E por duas línguas nacionais: a portuguesa e a espanhola.

Os contatos entre o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina e suas fronteiras são analisados, nesse estudo do ponto de vista, da linguagem e da enunciação pela abordagem de uma fronteira que se diz social e cultural. Essas diferentes fronteiras constituem um universo de sentidos simbólicos, possuindo agentes que são “semelhantes e díspares” ao mesmo tempo (PESAVENTO, 2006). Falar em fronteiras culturais, segundo a autora, implica um sentimento de ambivalência, sendo duas realidades presentes em um mesmo espaço, “ser um e

ser dois ao mesmo tempo, ser si próprio e ser o outro” (Ibid., p. 11). Isso se deve ao fato do Rio Grande do Sul ser um estado de fronteira.

Neste espaço configurado pela troca contínua, cotidiano, imaginário, idiomas, costumes, conflitos, expectativas e vivências se refletem em linguagens que se entrecruzam no cotidiano das populações que aí vivem, trabalham, amam, festejam, sofrem e morrem (CHIAPPINI; MARTINS; PESAVENTO, 2004), é que o gaúcho transita pelas fronteiras de outras culturas e delas partilha.

Desse modo, a perspectiva de olhar a fronteira através das línguas permite-nos compreender o modo como as línguas se relacionam, cruzam-se e significam nestes espaços, evidenciando a linha imaginária móvel entre os territórios, o contato de pessoas e do quanto elas estão expostas umas à língua dos outros, num constante “entre-línguas”, que se torna parte desse espaço social. Para Sturza (2006a), no que diz respeito ao povoamento ao longo da faixa fronteira, tanto no lado brasileiro como no lado uruguaio e argentino, esse contato de línguas contribuiu para o estabelecimento de uma fronteira menos territorial e mais social.

Esses discursos que exemplificamos ajudaram a constituir o gaúcho enquanto representativo do povo rio-grandense, de modo a estabelecer uma identidade regional. Ao tomarmos esses discursos, consideramos que os mesmos fornecem subsídios para a construção de um imaginário de gaúcho resgatado e difundido na atualidade.

Hoje, o gaúcho foi transformado como símbolo da cultura rio-grandense e suas características foram transformadas em prol da valorização de um regionalismo e da manutenção de uma cultura transformada em tradição. Esse gaúcho configurado enquanto tipo social foi inventado e instituído pela sociedade, pois surgiu e se estabeleceu como referência de uma prática social unificadora.

Diante disso, os sul-rio-grandenses criaram um modo particular de vestir, falar e agir, que pouco se diferenciava das características típicas dos *gauchos* dos pampas argentino e uruguaio. Nesse sentido, o tipo social gaúcho se reconhece e é reconhecido por sua história, geografia e modo de vida, que geraram um comportamento específico de sua cultura e tradição. Comportamento esse, permeado e significado, inclusive na língua.

Para este trabalho se fez necessário, portanto, retomarmos numa perspectiva histórica, as abordagens sobre a formação sócio histórica do Estado a fim de verificarmos como a participação de diferentes etnias e a origem de discursos sobre

a formação do gaúcho e do Rio Grande do Sul colaborou na constituição de uma linguagem gauchesca.

Nos relatos dos viajantes, podemos encontrar discursos sobre a formação étnico-social do Rio Grande do Sul em que se atribuem sentidos ao gaúcho, os quais se perpetuam até os dias de hoje em várias manifestações culturais. Já no discurso dos ensaístas, temos, pela organização da historiografia rio-grandense, um discurso sobre o gaúcho em que há por vezes, uma identificação do enunciador com o gaúcho que defende uma matriz lusa ou platina para o rio-grandense. Esta perspectiva étnica e social tratada pelos ensaístas apresenta condições para a constituição de uma discursividade sobre o gaúcho, enquanto tipo social próprio da região, surgido dessas condições sócio históricas. A apresentação da origem do gaúcho é instaurada pelos ensaístas num “discurso sobre” esse tipo social, ajudando a instituir esse imaginário do gaúcho idealizado, romantizado.

Já os antropólogos, historiadores e sociólogos apresentam um discurso acadêmico sobre o gaúcho que visa estabelecer um olhar mais crítico do gaúcho hoje como símbolo identitário e parte de um grupo étnico.

Diante de tal contexto, revisitamos a origem sócio histórica do Rio Grande do Sul a partir da constituição de dois discursos: o discurso dos viajantes (Nicolau Dreys e Saint Hilaire) e ensaístas (Ornellas, Vellinho e Guilhermino Cesar) e a abordagem sobre a constituição de um discurso historiográfico (Neumann, Oliven, Maciel, Pesavento). Ou seja, são dizeres que visam contar a história do Rio Grande do Sul. Um discurso sobre o gaúcho que sustenta e legitima o discurso sobre o Estado sul-rio-grandense.

Esta retomada histórica se fez necessária para podermos estabelecer a relação entre a formação sócio histórica do sujeito gaúcho e a constituição de uma linguagem, a fim de que pudéssemos situar nosso leitor nas questões pertinentes ao desenvolvimento desta pesquisa.

## 2 ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA

*“... entre o Blau – moço, militar – e o Blau – velho, paisano; ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia; que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas no fundo de uma arca”<sup>17</sup>.*

### 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE MEMÓRIA

O que pretendemos abordar neste capítulo são as relações entre língua, memória, história e tradição<sup>18</sup> como elementos constitutivos dessa linguagem que reforça a identidade do gaúcho construído na tradição e, sobretudo, se identifica com essa tradição. A relação entre tradição e memória é fundamental para compreendermos como essa linguagem se define e se constitui, porque o que está na base da tradição é cultivar uma memória.

Esta mobilização de conceitos nos exige o diálogo com a Análise de Discurso de linha francesa, para que possamos fazer uma melhor definição dos mesmos. Tal passagem ocorre tão somente com o intuito de subsidiar a compreensão da reflexão que trazemos nesse capítulo sobre o que é memória no discurso pela língua, sinalizando que não é um indivíduo, mas sujeitos que fazem funcionar essa língua e como por meio desse funcionamento o que é da ordem da universalidade se “regionaliza”, fazendo com que a linguagem gauchesca<sup>19</sup> se diferencie da língua de outras regiões.

É necessário, portanto, fazermos uma distinção entre esses conceitos para que possamos melhor compreendê-los. Assim, para De Certeau (2006), a escrita da história trata do passado, mas também do presente e do futuro. Para ele, o passado reconstitui as sociedades e os seres humanos.

A afirmação de De Certeau nos leva a observar como se estabelecem as relações entre história e memória e no funcionamento discursivo da memória pela história. Por isso as reflexões acerca da história e da memória enquanto elementos que estão presente nessa linguagem nos ajudam a pensar e a compreender como a língua se insere na história e produz sentidos.

<sup>17</sup> NETO. João Simões Lopes. **Contos gauchescos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.p. 04.

<sup>18</sup> O conceito do que estamos entendendo por tradição será desenvolvido no capítulo 5.

<sup>19</sup> Os conceitos de língua e linguagem serão definidos no capítulo 4.

Venturini (2009, p. 31) diz que

na perspectiva da história o sujeito fala sempre de “um lugar” e de um tempo. Essa condição faz com que nos distanciemos da lenda e da ficção, porque são da ordem do estabilizado. A memória, ao contrário, trabalha com o que faz sentido na sociedade e permanece vivo nela. A diferença entre a memória e a história está, portanto, na estabilidade da história e na instabilidade da memória, que é da ordem do vivido.

Segundo Nora (1992), memória e história não são sinônimas, ao contrário, opõem-se. A memória é a reconstrução sempre incompleta do que não existe mais. A história diz respeito ao que significa nas formações sociais. Está em permanente evolução, aberta à lembrança e também ao esquecimento. A memória é coletiva e funciona discursivamente pela história, que tem vocação para o universal.

Pretendemos a partir do que expõem os autores, discutir como a memória constitui o sujeito gaúcho pela língua e pela história, buscando compreender as relações que se estabelecem entre língua, memória, história e tradição. Uma memória, que conforme a estamos considerando em nosso estudo, é constantemente atualizada, reposta e evocada em espaços nacionais e regionais pela constituição de uma linguagem específica.

De acordo com Seixas (2001), toda memória é, fundamentalmente, “criação de um passado”, uma reconstrução que busca resgatar determinados acontecimentos ligados a grupos heterogêneos, aos quais interessa apreender o mundo do presente reconstruindo a sua identidade. A memória atualiza-se e é sustentada por enunciados que retornam no presente, e pelo lugar de memória<sup>20</sup> que guarda os vestígios da história.

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro (LE GOFF, 2013, p. 437), reconstituindo-o e atualizando-o.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (NORA, p. 9, 1993).

---

<sup>20</sup>Trataremos deste conceito no subitem 2.3.

Para isso, uma noção fundamental para compreendê-la vem da formulação de Pêcheux (1990), segundo o qual a memória funciona na “regularização da materialidade discursiva complexa”.

Diante disso, retomando o autor (2010, p. 50), “a memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

Para Nora (1993, p. 9), a memória é múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. Já a história constitui a mais forte de nossas tradições coletivas, nosso meio de memória, por excelência (Ibid., p. 10). Logo, a memória transforma-se em história como continuidade e como estabilidade.

A memória, portanto, introduz o passado no presente, atualizando-o e ajudando a reconstituir a história, seja através de lembranças, esquecimentos, silenciamentos ou pela materialidade em que essa memória se expressa (monumentos, arquivos, símbolos, rituais, comemorações.) (SEIXAS, 2001). Ou ainda, remetendo ao nosso estudo, pela perspectiva de preservação, atualização, transformação ou invenção de tradições associadas ao gaúcho e que produzem uma identificação regional, ao mesmo tempo em que nos faz pensar sobre o funcionamento do encontro da memória com a atualidade.

A história é da ordem do já-dito, que é repetido; a memória é da ordem do vivido, mas que ainda faz sentido na formação social (VENTURINI, 2009, p. 216).

Memória é muito mais que uma colagem, uma montagem, uma reciclagem, uma junção. Memória é tudo que pode deixar marcas dos tempos desjuntados que nós vivemos e que nos permite a todo momento fazer surgir e reunir as temporalidades passadas, presentes e que estão por vir (SCHERER e TASCHETTO, 2005, p. 122).

Entre lembranças e esquecimentos, ao refletirmos sobre que memórias e quais discursos retornam por essa linguagem da qual estamos tratando, podemos observar a recorrência de aspectos relacionados com a história do período de defesa do território e a trajetória histórica de ocupação do Rio Grande do Sul e formação da sociedade sul-rio-grandense no século XVII, o período de ocupação militar para defesa do território com a colocação de postos militares ao longo da fronteira, o período de povoamento com a chegada dos primeiros açorianos ao

Estado no século XVIII e o período de colonização no século XIX com a vinda dos imigrantes alemães e italianos para o desenvolvimento econômico da região. Ainda no século XIX ocorre a Revolução Farroupilha, a Revolução Federalista e a Revolução de 1930 que trouxe a presença de uma figura marcante da história gaúcha, o político Getúlio Vargas. Temos uma memória de dizeres que significa esse sujeito e produz sentidos sobre ele.

Esse processo de ocupação e formação da sociedade sul-rio-grandense contribuiu para ilustrar que a presença espanhola na fronteira brasileira, neste período, foi muito marcante. Essa presença ocorreu principalmente pelo espaço geográfico pouco delimitado, pelo caráter permeável da fronteira, o que permitiu uma livre circulação de línguas e pessoas nas zonas fronteiriças, a intensificação do comércio que contribuiu para o fluxo de pessoas e mercadorias, o uso do Rio Uruguai como travessia, a falta de controle político, militar e fiscal nas comunidades fronteiriças, fazendo surgir uma linguagem pertencente a um conjunto de representações histórico-sociais e interculturais. As línguas portuguesa e espanhola eram as línguas da intercomunicação. A língua espanhola então entra na língua portuguesa, constituindo uma linguagem específica que estamos denominando como gauchesca.

São memórias que marcam recortes de um passado histórico e o atualizam pela continuidade e vigência do discurso regional, ajudando na constituição da língua e do sujeito gaúcho na história.

A partir da perspectiva de Nora (1993, p. 15), “o que nós chamamos de memória, é de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar”.

A memória, como pontua o autor, é viva e está em permanente evolução, sempre vulnerável tanto à lembrança quanto ao esquecimento.

## 2.2 DOMÍNIO DE MEMÓRIA

As relações entre língua e memória que procuramos explicitar nesse trabalho são verificadas nos processos de identificação em que o sujeito gaúcho encontra-se inserido, ajudando na constituição desse sujeito e da linguagem gauchesca na qual ele produz suas enunciações. A memória que se estabelece nos enunciados selecionados para nossa análise se atualiza e se ressignifica a cada vez que é

retomada pelo gaúcho. E nessa retomada ocorre a preservação de uma memória coletiva que se instala nos sujeitos de um dado um grupo social. Logo, a memória se atualiza nestes enunciados pela repetição.

Courtine (2009) afirma que um domínio de memória diz respeito ao conjunto de sequências discursivas preexistentes, a sequência discursiva de referência. Ambas constituem redes de formulações, que nos permitem verificar os efeitos de memória que a enunciação produz em um discurso, podendo ser estes efeitos de memória, tanto uma lembrança, uma redefinição, uma transformação como, também, um esquecimento, uma ruptura e/ou uma denegação do já-dito. O domínio de memória nos revela um “já dado” do discurso, relação que um discurso mantém com outros discursos. Desse modo, um enunciado só poderá ser reconhecido como tal, se instalado no interior de um campo enunciativo que estabelecerá as relações de sentido possíveis com o passado – domínio de memória –, com o presente – domínio da atualidade – e com o futuro – domínio de antecipação (Ibid., 2009). Então, esses enunciados que ficaram limitados a um passado estabelecem filiações com novos enunciados, definindo assim, o domínio de memória que nos revela o “já dado” do discurso.

(...) o domínio de memória representa, num plano de organização de corpus discursivo, o interdiscurso como instância de constituição de um discurso transversal que regula para um sujeito enunciativo, produzindo uma sequência discursiva referencial em condições e produção determinadas, o modo de doação dos objetos de que fala o discurso, assim como o modo de articulação desses objetos: é a partir do domínio de memória que se poderá aproximar os processos que garantem a referência dos nomes por um sujeito enunciativo e autorizam, assim, a predicação e a correferencialidade (Ibid., 2009, p. 112).

Para Courtine, a sustentabilidade de seu discurso dá-se pelo domínio de memória, garantindo e autorizando os efeitos de sentidos produzidos no discurso realizado em determinadas condições de produção, no interior das formações discursivas em que estão inseridos os sujeitos.

Este domínio de memória “constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciativo na formação dos enunciados pré-construídos, de que sua enunciação apropria-se” (Ibid., 1999, p. 18). É no domínio de memória, portanto, que se poderão articular os dois níveis: o do enunciado (plano dos dizeres já ditos) e o da enunciação (plano do que se está dizendo, o “aqui” e “agora dos discursos”), que se referem, respectivamente, ao interdiscurso e ao intradiscurso.



Orlandi (2012) deixa explícito que é através da relação entre interdiscurso e intradiscurso que se determina a formulação do discurso. Assim, todo o dizer dá-se do encontro de dois eixos: o da memória (constituição), todos os dizeres já ditos e esquecidos; e o da atualidade (formulação), isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. Deduz-se então que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo, que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Além disso, “o que já foi dito, mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. O interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva” (ORLANDI, 2012, p. 83).

Assim, a memória inscreve-se nos discursos, nos enunciados, constituindo-os e se significando na relação sujeito/língua, produzindo seus efeitos no discurso. A memória trabalha e é trabalhada na própria língua, revelando os traços da memória que estão presentes em seu dizer. Deste modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de um passado (GUIMARÃES, 1996a). Ou ainda, conforme Orlandi (1996b, p. 67) diz, para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha.

### 2.3 MEMÓRIA DISCURSIVA E MEMÓRIA NA LÍNGUA

Referimo-nos aqui à memória como um sistema de representações coletivas formadas no imaginário popular e que constroem sentidos ao retornarem pelo senso comum. Esse funcionamento da memória é acionado tanto na língua como na própria história. Essa memória, quando resgatada, tal como mencionamos, se dá por meio de um sujeito sul-rio-grandense, o gaúcho. Evidenciamos, portanto, como a relação entre história, memória e tradição funciona na constituição da linguagem gauchesca, fazendo retornar memórias e discursos pelo funcionamento dessa linguagem.

A história do Rio Grande do Sul ancora e legitima o que entendemos por discurso *sobre* o gaúcho, sobre o seu falar e sobre sua identidade. Essa história está sustentada a partir de duas perspectivas: dos viajantes e ensaístas no período de ocupação e a partir de estudos mais contemporâneos de historiadores, antropólogos e sociólogos conforme trabalhamos no primeiro capítulo. É por isso que, em nosso trabalho, há sempre uma retomada da história, a qual pela sua estabilização liga-se

à continuidade e se constitui em memória quando faz sentido na constituição da sociedade sul-rio-grandense, e, sobretudo de uma comunidade que se identifica como gauchesca e se insere dentro da tradição. O que constitui e sustenta a memória, são as redes de memória dadas pelas redes parafrásticas, pelo que se repete em diferentes tempos, como diz Michel Pêcheux (2010, p. 53) em seu texto intitulado *O papel da memória*, “de tanto repetir esburaca-se” e é nesses “buracos” que ressoa o novo.

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plana, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos (Ibid., p. 56).

A memória é, por este viés, algo que está em constante movimento, em constante reestruturação; é um espaço de constante (re) arranjo, determinado pelo seu funcionamento, que nunca cessa. Ela está, nessa perspectiva, sempre se constituindo e se (re) definindo. O conteúdo que nela habita não pode ser tomado enquanto sentido homogêneo. Por isso é que a linguagem gauchesca é onde se formulam (intradiscurso) enunciados, expressões gauchescas, palavras, vocabulário, léxico que trazem uma memória, a qual nomeamos como do plano do interdiscurso. É essa memória que faz com o sentido heterogêneo funcione. Essa memória traz palavras e sentidos que não são aqueles expressos em outra variedade do português, isto é, sentido que as palavras tomam pelo funcionamento de uma memória que só o Rio Grande do Sul tem.

Orlandi em seu livro *Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos* (2012), diz que,

[...] a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (p. 31).

A compreensão da memória discursiva é trabalhada teoria do discurso, e abrange, em suma, o modo de existência histórica dos enunciados no seio das

práticas sociais (COURTINE, 1981), no sentido de algo que “fala antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 1995). A memória do dizer (ORLANDI, 2012) funciona requisitando sentidos anteriores de palavras e de discursos, em sua relação às formações discursivas e ideológicas, de modo que façam sentido na enunciação presente. Segundo esta autora, “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso” (Ibid., p. 32). É pela linguagem que as palavras significam, mas é pela memória discursiva que elas são dotadas de sentidos outros.

Assim, “um discurso sempre irá remeter a outro com o qual dialoga, identificando-se com ou contrapondo-se a ele”, não esquecendo que, por meio da memória discursiva, “o interdiscurso, retorna no dito como a base que o sustenta, ou seja, a memória discursiva e o interdiscurso retomam sentidos já existentes, ideologicamente determinados e já sabidos pelo sujeito [...]” (FERREIRA, 2005, p. 59).

A partir disso, a noção de memória discursiva é mobilizada diferentemente por Pêcheux, Courtine e Orlandi. Para Pêcheux (2010, p. 52), os enunciados que constituem a memória discursiva fazem sentido no intradiscurso porque pertencem à ordem do sempre já-lá-dito e significado e dos pré-construídos, memória constitutiva de uma formação social. Já Courtine (2009) retoma a noção relacionando-a ao seu funcionamento em redes, as quais instauram as repetições no eixo da formulação. A materialidade das repetições constitui-se de uma memória que atualiza os sentidos. Assim, o autor refere-se à existência histórica de enunciados que retornam como acontecimentos discursivos e que se legitimam discursivamente pelos acontecimentos históricos e discursivos. Para Orlandi (2012), não há somente uma retomada do sentido, mas também movimento, reformulação, negação ou esquecimento; é por essa retomada que a memória se inscreve numa zona de sentido. Deste modo, mobilizamos essa noção em relação à memória coletiva, que funciona em simetria com as lembranças e com as recordações (rememoração). Orlandi não difere interdiscurso de memória discursiva. Já Pêcheux e Courtine os definem como conceitos distintos.

Portanto, a memória discursiva enquanto constituída pela lembrança e pelo esquecimento, norteia os dizeres e os inscrevem na história. Trata-se, então, de um conjunto de já ditos que sustentam todo o dizer.

Segundo Pêcheux, é preciso que compreendamos o trabalho da memória discursiva como

Estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Desse modo, buscamos trabalhar com a língua como “lugar de memória”, onde os traços de memória na língua funcionam em processos de identificação na relação sujeito/língua. Logo, a memória inscreve-se nos discursos, nos enunciados deste sujeito constituindo-os e atualizando-os no presente. Os traços da memória são materializados na língua, configurando a língua como “lugar de memória”, como lugar significativo de reconhecimento da memória. Os lugares de memória organizam os discursos *de* e os discursos *sobre*<sup>21</sup> este gaúcho.

Conforme explica Nora (1993), os lugares de memória são materiais, simbólicos e funcionais: materiais porque seu conteúdo é demográfico e tem teor valorativo; funcionais porque garantem a cristalização da lembrança e sua perpetuação; e simbólicos porque se caracterizam por um acontecimento ou uma experiência vivida por um grupo.

Com base no estudo de Venturini (2009, p. 66), o lugar de memória ocorre pela inscrição do lugar na ordem do simbólico e faz retornar enunciados já-ditos, significados, mas esquecidos.

O lugar de memória possui duplo papel: impede o esquecimento de antigas tradições, como agente de mudança e transformação, pela preservação das tradições, e promove o resgate dos laços de continuidade. (Ibid., 2009, p. 70). Nesse sentido, um lugar só é lugar de memória se inscrever o acontecimento na ordem do imaginário e do simbólico, isto é, se constituir laços identitários e de representação entre sujeitos de uma formação social; se na ordem do discurso, atualizar sentidos e se os sujeitos sociais e discursivos se reconhecerem nele (Ibid., p. 72).

Nora (1993) conceitua os lugares de memória como suportes de memória que se prestam à “vigilância” das nossas lembranças para que elas não sejam esquecidas, perdendo-se no tempo e que ressignificam enunciados já ditos, a partir de uma interpretação do passado que encaminha para o presente e para o futuro, ou

---

<sup>21</sup>Conceitos que serão definidos no capítulo 3.

seja, seriam aqueles elementos destinados a fazer uma ligação entre o passado e o presente.

A partir dessas definições, tentando pensar em relação ao Rio Grande do Sul, os lugares de memória poderiam ser considerados como espaços que identificam um grupo social e também

[...] como tudo aquilo que foi investido da capacidade de manter um elo com o passado do estado e que pode ser exemplificado por monumentos, prédios históricos, museus, arquivos, espaços. Mas *lugares* não se referem apenas a estruturas materiais visibilizadas mais frequentemente em espaços urbanos. Podem também ser simbólicos, como as comemorações (Centenário da Revolução Farroupilha), as datas comemorativas (20 de setembro) ou o hino rio-grandense (POSSAMAI, 2002, p. 336).

Assim, o lugar de memória é o lugar que organiza a memória como discurso e guarda vestígios do passado sustentando o que é dito (VENTURINI, 2009, p. 168, 169). Esse espaço tem, portanto, uma memória coletiva que deve ser preservada.

Outro exemplo que podemos citar como lugar de memória é o monumento *Laçador* construído na cidade de Porto Alegre/RS tendo Paixão Cortes<sup>22</sup> como modelo. Enquanto lugar de memória, o monumento significa como representação de uma determinada identidade do Estado do Rio Grande do Sul ligada à figura heroica do gaúcho da campanha. Por isso, esses espaços, sejam eles museus, arquivos, etc., surgem como espaços destinados especificamente para lidar com a memória e o passado, neste caso, o passado sul-rio-grandense.

Estes espaços, lugares de memória, remetem à permanência e à estabilidade. Os lugares de memória recebem a marca de um grupo, e a presença de um grupo deixa marcas em um determinado lugar. Ao mesmo tempo em que o espaço faz lembrar uma maneira de ser comum a muitos homens, faz lembrar, também, costumes distintos, de outros tempos. Sobretudo, faz lembrar pessoas e relações sociais ligadas a ele. Neste sentido, é sempre fonte de testemunhos.

Nora (1993), também diz que esses lugares de memória são essencialmente meios, meios de acesso a uma memória, que não é memória, é história, porque está reconstituída através de vestígios pela história.

Orlandi (2012) concebe o dizer como a ação de rememorar discursos. Tudo o que um sujeito enuncia pertence a um universo maior, que nada mais é que o

---

<sup>22</sup> João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, folclorista e pesquisador gaúcho.

conjunto dos dizeres, o interdiscurso, a memória discursiva. Significando como interdiscurso a noção de memória atinge, portanto, a própria natureza da significação, enquanto produção de sentidos a partir das relações que se estabelecem entre enunciados, concernidos por condições de produção nas práticas discursivas (PAYER, 1999, p. 36).

Essa definição reforça a impossibilidade de controle dos efeitos de sentido do interdiscurso pela forma-sujeito do discurso e, principalmente, destaca o fato de que, ao constituir-se como discurso transversal com relação ao eixo das formulações, a interdiscursividade não se configura como mera repetição do que foi dito, como sentidos que igualmente se repetem. Ao contrário, a partir do que foi dito em outro lugar, ocorre uma nova construção de sentidos, que se dá, sobre os sentidos anteriores, os quais têm a possibilidade de configurar sentidos totalmente diferentes: atravessados pelos primeiros, mas cujos efeitos podem e devem ser outros.

É nesse sentido que ela acrescenta: “as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. Se as palavras significam pela história e pela língua, pôr a língua para funcionar é além de rememorar dizeres, rememorar a história e os sentidos que dela fazem parte” (PAYER, p. 32). Bem como pelo retorno pela memória de palavras e expressões que caracterizam esse gaúcho ou remetem a algo de sua cultura e de sua história, como as *boleadeiras* (instrumento que serve para os campeiros apreenderem os animais), *bolicho* (casa de negócio de pequeno sortimento), *peleia* (briga, disputa), *oigale!* (expressa admiração, espanto), *entonces* (então, em seguida), *capaz*, *tchê!* (expressão exclamativa). São elementos de afirmação de uma identidade que se instaura pelos efeitos de sentido produzidos pela linguagem.

Rememorar esses dizeres nos leva a observar os processos de significação e a memória de sentidos presente nesse discurso. A história é produtora de memórias, de uma memória historicizada. Portanto, a memória passa a identificar-se com a história. O funcionamento da memória se enuncia em outro tempo e espaço, logo, os sentidos já não são mais os mesmos. Tal diferenciação encontra-se em consonância com Guimarães (2010) para quem a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência, sendo o sentido constituído historicamente.

Tomando a noção de rememoração conforme trabalhada por Venturini (2009, p. 73), consideramos que a rememoração “ocupa o espaço do já-dito e do

significado antes, em outro lugar, cujo retorno ocorre pela repetição, que, de um lado, estabiliza os sentidos e, de outro, instaura o novo, movimentando a memória histórica”. O retorno de uma memória altera o passado, o presente e o futuro. Com base nesse pressuposto, a rememoração funciona pela relação da memória com a história e pela memória funcionando discursivamente pela história, ou seja, funciona pela memória discursiva, pela repetição.

A rememoração é tomada de duas formas distintas: a primeira como interdiscurso, como “algo que fala sempre antes, em outro lugar, independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo de formações ideológicas. A segunda, pelos enunciados que veiculam saberes e sustentam outros enunciados, fazendo-os retornar pelo lugar de memória. Nesses dois sentidos, a rememoração e os saberes que a constituem irrompem na atualidade (VENTURINI, 2009, p. 52).

Já em nosso corpus temos a caracterização de um efeito de memória<sup>23</sup> num discurso produzido em uma dada conjuntura histórica e que remete o leitor a uma relação a um determinado fato que veio antes e ecoa pelo funcionamento da memória. Desse modo, a memória discursiva ou interdiscurso (PÊCHEUX, 1995; COURTINE, 1982), é a que se constitui pelo esquecimento, na qual “fala uma voz sem nome” (COURTINE, op. cit). Aquela em que “algo fala antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, op. cit.), que ressoa e não se sabe bem de onde ela vem, produzindo o efeito do já-dito.

A memória é por isso, constitutiva do discurso, da língua e do sujeito (PAYER, 2009, p. 42). Os enunciados representados nas sequências enunciativas que selecionamos para as análises referem para a retomada de uma dada memória que é atualizada ao ser enunciada pelo gaúcho. A linguagem, conforme trabalharemos no capítulo 4, presente em nosso corpus se constitui como um instrumento de conhecimento, preservação e conservação da memória, de registro da presença na história.

O acontecimento de linguagem [...] é um acontecimento que temporaliza: uma temporalidade em que o passado não é um antes, mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência do futuro. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no

<sup>23</sup>De acordo com Courtine (2009) toda produção discursiva que se efetua em condições determinadas de uma conjuntura provoca movimentos, faz circular formulações anteriores, já enunciadas. Esse movimento, Courtine denomina de “efeito de memória”, o qual se realiza pela relação do interdiscurso com o intradiscurso.

tempo (dimensão empírica). [...] O passado no acontecimento é uma rememoração de enunciações por ele recortada, fragmentos do passado por ele representados como seu passado. (GUIMARÃES, 2002, p. 14-15).

Assim, ao remontar a elementos da história gaúcha, recuperamos de nossa dissertação de mestrado<sup>24</sup> um recorte que remete ao Capitão Rodrigo Cambará, personagem da obra *O Tempo e o Vento* escrita por Érico Veríssimo. Um romance que recobre na ordem ficcional mais de duzentos anos da história do Rio Grande do Sul, retratando, através da influência do espanhol, a saga da família gaúcha.

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólma militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido: – Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho! – Pois dê. (O Continente, [1949] 1995).

Extraída da obra *O Tempo e o Vento* a citação acima ilustra a construção do imaginário do homem gaúcho forte, bravo, destemido, na figura da personagem principal: capitão Rodrigo Cambará. Esse gaúcho, descrito como valente e imponente, surge, no discurso literário, para representar essa ideia do homem gaúcho, tal como a personagem Tapejara representa, um tipo social resgatado nas suas origens, um tipo de gaúcho que tem como característica ser do campo, ser singelo, rústico, valente. Ao apresentar a figura típica do gaúcho representada pelo capitão Rodrigo, podemos perceber que a linguagem utilizada pela personagem Tapejara na tira que trazemos como exemplo a seguir remete ao processo de formação do Estado do Rio Grande do Sul, pois ao utilizar as mesmas expressões do capitão Rodrigo, a personagem Tapejara rememora a história passada por meio do funcionamento da memória pela língua. Memória que é retomada ao deflagrarmos a história da família Terra Cambará e de sua principal opositora, a família Amaral, durante anos, retratando a formação do Rio Grande do Sul, o

---

<sup>24</sup>O funcionamento semântico-enunciativo da língua espanhola nas tiras do tapejara: uma representação da linguagem gauchesca. Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, 2013.



povoamento do território e a demarcação de suas fronteiras, forjada a ferro e espada pelas lutas entre as coroas portuguesa e espanhola. O autor Érico Veríssimo cria uma história ficcional, que está relacionada com a história do Rio Grande do Sul, a qual ele utiliza como um fundo de memória histórica, fazendo com que ela funcione na memória discursiva, produzindo um discurso literário e ao mesmo tempo trazendo uma memória discursiva da história para dar sustentação a esse discurso.



Fonte: Tapejara, o último guasca, 2007, p. 24.

Ambos os personagens são identificados com o gaúcho ao referirem-se à construção de dois tipos regionais. A imagem da personagem Tapejara instaura-se como representante do tipo autêntico do gaúcho, sempre identificado pela sua relação de amor com as coisas da terra do Rio Grande do Sul. Imaginário que se vê resgatado no passado rio-grandense, mantendo-o frente ao olhar contemporâneo, de bota, bombacha, de espírito guerreiro e amante da liberdade.

A frase “Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!” enunciada pelo Capitão Rodrigo Cambará no *bolicho* de Juvenal Terra, na mítica Vila de Santa Fé, tornou-se no senso comum uma espécie de símbolo referencial da cultura do rio-grandense. O discurso humorístico da tira retoma, atualiza e ressignifica pela memória uma expressão que foi apropriada de um dito popular pelo autor. Nesse momento, se estabelece um olhar que se volta ao passado para revivê-lo. Um momento histórico recuperado pelo discurso literário carregado de significações e que faz com que a memória atualize a história pelo funcionamento do interdiscurso. O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Ele se apresenta como uma série de formulações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória (ORLANDI, 1992, p. 89). É aí, no interdiscurso, que temos o domínio da memória, ou seja, a exterioridade constitutiva dos enunciados, espaço no qual o sujeito falante não tem um lugar já definido, visto que, no domínio da memória, temos uma voz sem nome (COURTINE, 1999). O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já

esquecidas que determinam o que dizemos. A língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. Desta forma, o interdiscurso permite as possíveis retomadas da memória discursiva. Logo, a memória discursiva ocorre pelo funcionamento da língua, enquanto que o interdiscurso se refere à universalidade.

A memória discursiva relaciona-se de forma estreita com a ideia de interdiscurso, definida por Pêcheux (1995, p.156) como aquilo que fala antes, alhures e independentemente. O interdiscurso ativa uma memória discursiva diante da qual o enunciado faz/produz sentido, ou seja, “o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que as minhas palavras façam sentido, é preciso que elas já façam sentido.” (ORLANDI, 2006, p. 33).

O discurso sobre o Rio Grande do sul, diferentemente do historiográfico, funciona pela recuperação de um já-dito, de uma memória. Na terceira cena enunciativa<sup>25</sup> da tira, a imagem de um canhão aliada à frase “e nos mala eu dou de bala”, faz emergir sentidos que nos remetem a um período da história no qual se deu a formação da sociedade rio-grandense e no qual se destacam os constantes conflitos armados, trazendo para a tira a recuperação de uma memória que refere ao período das conquistas, às batalhas, à defesa do território, à ocupação das zonas de fronteira. Uma situação de pertencimento que é rememorada pela memória desse gaúcho. O autor se apoia na memória histórica dessa relação conflituosa entre portugueses e castelhanos, originada no processo de ocupação das fronteiras, para produzir o efeito humorístico da tira.

Ainda com o objetivo de explicitar o funcionamento dessa memória que sustenta a tradição e que está sempre se atualizando trazemos outros dois exemplos retirados do discurso humorístico:



Fonte: Tapejara, o último guasca, 2007, p. 24.

<sup>25</sup>Guimarães (2002, p. 23) diz que uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas. [...] A cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. [...] São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas do seu dizer.



**Fonte:** Tapejara, o último guasca, 2007, p. 38.

Nas tiras acima temos a caracterização de um efeito de memória (lembranças, recordações) num discurso produzido em uma dada conjuntura histórica e que remete o leitor a uma relação a um determinado fato que veio antes e retorna pelo funcionamento da memória. A memória é constitutiva do discurso, da língua e do sujeito (PAYER, 2009, p. 42). Os enunciados representados nas sequências enunciativas analisadas referem para a retomada de uma dada memória que é atualizada ao ser enunciada. Os enunciados constituem-se em rememoração por essa volta ao passado, alterando o presente pela rememoração de fatos (acontecimentos) e produzindo sentidos na memória coletiva.

Aqui a memória é atualizada pela lembrança de acontecimentos históricos que recuperam a memória coletiva. Há a presença de traços da memória histórica que permanecem na língua e se atualizam no discurso pela recuperação de uma história que é reinventada pelo humor e produz novos sentidos. São traços que retomam uma memória e acontecimentos discursivos produzidos antes e em outro lugar e são atualizados pelas práticas sociais de uma determinada época.

A Revolução Farroupilha, então, integra um dos acontecimentos constitutivos da história desse povo que a idealiza, sendo o processo de reinvenção imaginária que transforma a memória, apagando alguns sentidos e reiterando outros. Ocorre uma retomada de significados que se atualizam no discurso construindo novos efeitos de sentido, mas onde ressoa sempre a tradição, como no enunciado que retoma o hino sul-rio-grandense.

Como espaço significativo, o discurso das tiras traz, na sua constituição, marcas de heterogeneidade que possibilitam novas conexões entre história e linguagem e multiplicam as perspectivas de leitura e ressignificação. Os sentidos produzidos no interior das tiras são representações do mundo, envolvem a interpretação de acontecimentos que podem estar filiados a diferentes formações discursivas. É nesse jogo de sentidos que o discurso presente nas tiras se constrói

como um mosaico de já-ditos, de diferentes perspectivas e visões de mundo, como uma trama tecida a partir de inscrições históricas, sociais e ideológicas que reclamam novos significados. Esses discursos são atualizados pela memória instaurada nos dizeres dos personagens das tiras.

O funcionamento da memória discursiva se enuncia em outro tempo e espaço, portanto, os sentidos já não são mais os mesmos. Tal diferenciação encontra-se em consonância com Guimarães (2010) para quem a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência, sendo o sentido constituído historicamente.

Nesse sentido, a personagem Tapejara tem esse efeito de, a partir de uma memória, acionar constantemente um passado histórico, os costumes, as vestimentas, os traços de comportamento e as expressões de uma linguagem que caracteriza este gaúcho. O Capitão Rodrigo é, então, rememorado nas tiras do cartunista Paulo Louzada por meio de seu personagem. Esse mecanismo reafirma a relação da personagem com o espaço regional onde essa tira faz sucesso, pois nela reconhecemos um modo de ser, nem sempre do gaúcho, mas de alguém que conhecemos, vimos, convivemos. A tira, desse modo, funciona como um registro dos aspectos da identificação, cultura, costumes e linguagem do gaúcho, inclusive, no que diz respeito à língua que constantemente atualiza o pertencimento a um lugar, a identificação com uma região, uma dada cultura.

A memória é rememorada pela lembrança de acontecimentos históricos que trazem de volta a memória coletiva a partir de uma memória social. Há a presença de traços da memória histórica que permanecem na língua e se atualizam no discurso pela recuperação de uma história que é reinventada pelo humor e produz novos sentidos. São traços que retomam uma memória e acontecimentos discursivos produzidos antes e em outro lugar e são atualizados pelas práticas sociais de uma determinada época, sendo o processo de reinvenção imaginária que transforma a memória, apagando alguns sentidos e reiterando outros. Ocorre uma retomada de significados que se atualizam no discurso construindo novos efeitos de sentido através do trabalho da memória. Uma situação de pertencimento que é retomada pela memória deste sujeito gaúcho. O funcionamento da memória se enuncia, portanto, em outro tempo e espaço, cuja representação ocorre como língua, dizeres, valores e saberes.

Portanto, a memória funciona com versões enunciativas, imagens do dizer [...] a memória inscreve o discurso em filiações e o sentido que as representa está sempre sujeito a deslocamento (ORLANDI, 1996b, p. 132). Segundo a autora (1996a, p. 39), o interdiscurso é o que “fornece a cada sujeito ‘a sua realidade’ enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas, experimentadas”, sendo que de posse destes “saberes” (advindos do interdiscurso) o sujeito pode inscrever-se no domínio de uma determinada formação discursiva, assumindo uma posição-sujeito bem determinada, onde o seu discurso produza determinados efeitos de sentido e não outros. Assim, o funcionamento de uma memória pela língua constrói sentido ao ser rememorada pelo senso comum. A enunciação de um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os.

Para Guimarães (1996a, p. 27), a “enunciação é o lugar de funcionamento da língua movimentada pelo interdiscurso, pela memória do dizer. A língua aparece, assim, como exposta ao interdiscurso, isto é, a língua está exposta a uma memória dizível”.

Um aspecto importante a considerar, segundo o mesmo autor (2011, p. 27), é que “os enunciados de um texto se reportam sempre a enunciados de outras enunciações anteriores, de outros textos. Há no acontecimento do texto sempre o dizer de outros”. Nesta medida, um texto fala sempre de outros textos, ou de elementos de outros textos, passando a constituir novos sentidos para este texto.

Assim,

um acontecimento enunciativo cruza enunciados de discursos diferentes em um texto. A enunciação, então, se dá como o lugar de posições de sujeito que são os liames do acontecimento com a interdiscursividade. Deste modo aquilo que se significa, os efeitos de sentido, são efeitos do interdiscurso no acontecimento (Id. 2010, p. 68).

Segundo Parcianello (2011, p. 78) é pelo funcionamento da memória discursiva, que o dizer é sempre repetível, na medida em que dela deriva para tornar-se dizer. Já os sentidos produzidos por esse dizer são, contrariamente, sempre outros, sempre novos dada a condição histórica da enunciação e a mobilidade do plano discursivo. Temos assim, uma memória constituída de duas faces: uma constante, repetível, que se manifesta na materialidade linguística e outra movente, em constante construção, a qual se manifesta no plano do discurso.

Neste trabalho de assimilação e transformação de um texto em outro texto, trazemos o conceito de intertexto ao nos apropriarmos de um texto já elaborado para (re) dimensionar outro texto. Observa-se que a intertextualidade é o uso de textos já existentes; é o meio real da construção do texto. A intertextualidade neste caso pode ser entendida como uma estratégia discursiva que permite trazer outros discursos para o próprio discurso.

Esta relação de interdiscursividade mobiliza, inescapavelmente, a relação entre textos diferentes, ou seja, mobiliza a intertextualidade. Esta relação é aquela que nos dá o lugar da historicidade específica da enunciação, ou seja, a enunciação em um texto se relaciona com a enunciação de outros textos efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os, interpretando-os. Assim, pela interdiscursividade e sua necessária intertextualidade, o sentido não é formal, mas tem uma materialidade, tem uma historicidade (ORLANDI, 2012, p. 68).

Cabe aqui buscar a noção de interdiscursividade, pois é a partir dela que se analisam as relações de um discurso, considerando outros que lhes são recorrentes. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; são sentidos que foram se construindo historicamente a partir da constelação das relações de poder, que podem ser assumidos ou não pelo sujeito, a depender das posições discursivas que este poderá ou não ocupar em função do funcionamento da ideologia. Desse modo, os textos se remetem a textos anteriores e antecipam textos posteriores, ou seja, transformam textos anteriores e reestruturam as convenções existentes a fim de originar novos textos.

No entanto, interdiscurso não deve ser confundido com intertexto. Interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. O interdiscurso utiliza parte da intertextualidade devido à interação entre textos diferentes. E por esse motivo torna-se necessária a utilização da intertextualidade em seus discursos.

Um discurso nunca é novo, o mesmo é transformado por diferentes sujeitos em diferentes situações, mas retoma o que já foi dito. Não há um começo absoluto nem ponto final para o discurso. Para que ocorra o interdiscurso é necessário que algo já tenha sido dito por um sujeito determinado e que esse tenha conhecimento de mundo retomando, que esse conhecimento seja a memória discursiva que é o interdiscurso. A memória discursiva diz respeito aos enunciados presentes na memória e no imaginário dos sujeitos que partilham de uma mesma cultura que se

atualizam no momento da enunciação. A memória discursiva, ao ser redita, leva à configuração de uma tradição.

Esse momento se relaciona com o conceito de interdiscursividade, que em linha gerais, diz que todos os discursos são repetições de outros discursos já existentes, produzidos anteriormente em outro tempo e espaço.

Dessa forma, os textos estão sempre relacionados com outros textos, eles se filiam em redes de memória, isto é, discursos anteriores que atualizam a memória, que podem mudar de sentido de acordo com as condições sócio históricas em que são produzidos.

Logo, o discurso tem sempre sua inscrição na história, na memória e é instaurado em uma relação temporal, inscrito a partir de uma narrativa própria.

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo o discurso se delinea em relação com outros dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória (ORLANDI, 2012, p. 43).

Apoiando-nos em trabalhos da professora Maria Onice Payer, falamos sobre a memória “*na*” língua, isto é, sobre o modo como os sentidos produzidos e sustentados histórica e socialmente, pela repetição, se encontram nisto que chamamos de língua. Payer (1999) define a memória *na* língua como os vestígios significativos que ela traz das suas relações com outras línguas. A memória *na* língua funciona na constituição histórica do sujeito de linguagem e significa por sua relação com a história. Colocada desse modo, a ideia de memória *na* língua é a de que a língua é tomada como parte da história, que a história significa com *a*, *através da língua* (PAYER, 1999, p. 31). Nessa perspectiva, de acordo com a autora, podemos compreender que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a “sua” língua, ou melhor, a língua que lhe é dado a falar por sua história. Compreender a sua língua leva à compreensão da sua história (PAYER, 1999, p. 39), já que a memória constitui historicamente os sujeitos.

Seguindo os pressupostos da autora (Ibid., p. 12) “a língua, em seu modo específico de inscrição histórica e de existência material, consiste, pela memória discursiva que a acompanha, de um material inseparável do sujeito que ela constitui”.

Pelo exposto compreendemos que história e memória funcionam na constituição de uma linguagem gauchesca que se significa na linguagem de uma

cultura, de um modo de ser e viver, de uma produção cultural com gêneros e estilos próprios que produz um efeito de sentido que fortalece o sujeito gaúcho. Essa linguagem se significa pela história e pela língua, atrelada a um sentimento de pertencimento a um lugar, a uma cultura, a um modo de ser. Nesse sentido, Orlandi (1992) afirma que “é porque a história se inscreve na língua que esta significa”.

A memória ressoa na atualidade instaurando efeitos de sentido na própria construção da língua, e isto constitui o fundamento do que entendemos como discurso. Logo, a memória irrompe no discurso. Podemos dizer então que há memória na língua [...]. Para significar, a língua supõe memória ao se dar como repetição (PAYER, 1999, p. 39).

A língua é plena de traços de memória que nela se materializam. Ao compreendermos a língua como um “lugar de memória”, podemos identificar como os traços dessa memória na língua funcionam na identificação do sujeito gaúcho.

A memória da língua é uma memória latente, pois para significar-se precisa confrontar-se com a memória discursiva e o presente do acontecimento. E assim, por ser latente, pode sempre ser outra coisa, para isso bastando que outras enunciações a façam derivar, mesmo que imperceptivelmente (GUIMARÃES, 1996a, p. 32).

No caso das sequências enunciativas analisadas no capítulo 5 a memória da língua funciona como forma de intervenção de uma língua sobre a outra, rememorando uma memória coletiva que reforça a identidade regional, seja pelo resgate de tradições, conservação de valores regionais e tradicionais ou pela disseminação de aspectos da história gaúcha e traços culturais a respeito dessa condição de gaúchos. Essa tradição é reproduzida e dada voz no imaginário regional, nas representações do regional.

Essa linguagem gauchesca é permeada pela história que remonta ao processo de ocupação e povoamento do Rio Grande do Sul, pois recupera uma memória da formação histórica e social do Estado e do gaúcho que é sempre reconstruída e atualizada na enunciação. A língua é mobilizada pelo sentido em um espaço discursivo ao qual a construção da identidade do sujeito gaúcho está assegurada.

Desse modo, as sequências enunciativas que selecionamos em nosso corpus funcionam como um registro dos aspectos da identificação, cultura, costumes e linguagem do gaúcho, inclusive, no que diz respeito à língua que constantemente



atualiza o pertencimento a um lugar, a identificação com uma região, uma dada cultura. Temos um passado que é memorizado e constantemente rememorado. A enunciação, então, deve ser tomada não como advinda do locutor, mas como operações que regulam a retomada e a circulação do discurso (SCHERER e TASCETTO, 2005, p. 122).

O gaúcho se reconhece e é reconhecido por um modo de vida particular, pela sua relação com o mundo rural, através da lida com os animais, pelo seu comportamento e estilo de vida em comunhão com a natureza, pela sabedoria construída no espaço social em que vive. Assim, temos na representação do discurso sobre o gaúcho materializado nos enunciados analisados, uma construção identitária amparada na figura do gaúcho como sinal distintivo, projetando valores, memórias e tradições.

Um discurso sobre o gaúcho que cria um efeito de sentido que fortalece a “figura” tradicional do gaúcho de modo a resgatar esse gaúcho pela língua através do funcionamento de uma memória. Assim, os traços de memória na língua funcionam em processos de identificação na relação sujeito/língua. Por isso temos que os traços de memória na língua são constitutivos dessa relação.

Nessa perspectiva, podemos compreender que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a “sua” língua, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história.

A memória impõe uma nova “temporalização” que se dá e se constrói na constante “presentificação” do acontecimento do passado, de modo a estar atualizando constantemente esse passado. É a manutenção de uma situação específica, que sobrevive de modo constitutivo no sujeito, como memória, pela língua. Esta memória vai produzir um discurso sobre o gaúcho que vai se instaurar a partir da linguagem por ele utilizada.

Através da análise dos recortes selecionados observamos que a memória é sempre reconstruída na enunciação e o discurso é sempre rememorado pela memória social/coletiva. Os enunciados funcionam como um lugar de memória, ressignificando no gaúcho um tipo social e instaurando através da língua um discurso sobre o gaúcho que afirma uma construção identitária regional reconstituída na memória desse sujeito.

Os acontecimentos históricos têm suas redes de memória desviadas, refeitas, reformuladas, ampliadas, proporcionando a retomada e a manutenção de uma dada memória discursiva que é atualizada ao ser enunciada.

Com isto as sequências enunciativas analisadas nos remetem a uma memória que constitui e representa o sujeito gaúcho pela língua através da rememoração de acontecimentos produzidos socialmente no passado e que se encontram na língua enquanto discurso.

As sequências enunciativas promovem a produção de um discurso sobre o gaúcho como um processo que se constitui de dizeres sobre esse tipo social e que se transformam na história e na memória coletiva. Temos a presença de uma memória coletiva, histórica e discursiva, que são constantemente, construídas, desconstruídas e reconstruídas em um dado grupo social.

Portanto, o discurso na língua e sobre o gaúcho presente em nosso recorte de análise significa na medida em que se constitui por uma memória do dizer, uma memória do conhecimento linguístico, que diz a história, o sujeito e a identidade. Logo, a especificidade dessa linguagem gauchesca se marca pela relação entre história, memória e tradição.

## 2.4 HISTÓRIA - MEMÓRIA - TRADIÇÃO

Ao retomarmos Nora (1993, p. 10) que entende a história como a mais forte de nossas tradições, ao mesmo tempo em que a considera como nosso meio de memória, é necessário compreendermos como o funcionamento da memória pela história sustenta ou põe em evidência a tradição.

No Rio Grande do Sul, as tradições têm como referencial um cenário rural e remetem, fundamentalmente, a um passado histórico recriado no presente. É a partir do gaúcho que podemos levantar questões relativas ao processo de construção de identidades que operam com a memória e a transformação/atualização/invenção das tradições e do passado (MACIEL, 2001, p. 239). Por isso, a memória e a tradição se mantêm pela língua. A tradição ao mesmo tempo em que mantém a memória funcionando, recupera uma memória histórica da língua.

Conforme já citamos anteriormente, os sujeitos são constituídos pela língua na história, e desse modo a língua é dotada de memória e história, o que assegura a sua continuidade e manutenção. De acordo com LE GOFF (2013), a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente

esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana.

Assim, a história e a memória se articulam como tradição para estabelecer uma continuidade com um passado histórico que é constantemente atualizado na história do Rio Grande do Sul.

Esta linguagem gauchesca só pode existir porque tem toda uma história, uma memória e uma tradição que a sustenta. Existe uma memória que está sustentada numa história e uma tradição que precisa da memória para se manter. Desse modo, a tradição se reforça e se atualiza pela memória ao retomar a origem e constituição do gaúcho, o passado heroico, as revoluções, o orgulho que só existe porque tem uma história que grande parte dos gaúchos vê como gloriosa. Por isso, a memória está sempre funcionando para manter essa tradição.

Assim, a relação entre memória, história e tradição se constitui pelas lembranças individuais ou da sociedade, que retornam pela rememoração, reforçando sentimentos de pertencimento e ajudando a compreender e a estabelecer um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha” (LE GOFF, 2013). Essas lembranças compartilhadas por indivíduos pertencentes a um grupo social em um determinado momento (o presente) nos leva à conservação, atualização e reconhecimento dessas lembranças e acontecimentos vivenciados por um determinado grupo social. A tradição se constitui pela existência de uma memória construída pelo coletivo. E essa memória (o já dito) é o que sustenta a tradição, fazendo com que a linguagem gauchesca se constitua pela relação entre memória e tradição.

Conforme Mariani (1998) quando tratamos de memória, estamos tratando, então, de acontecimentos e práticas do passado que sempre podem retornar e ressignificar no presente. Por isso a linguagem gauchesca funciona como meio de preservação e continuidade de algo que sempre retorna pela memória na história.

A tradição funciona como um mecanismo de atualização da memória. Portanto, o que sustenta a tradição é a memória que se atualiza pelo discurso.

A memória se atualiza cada vez que a tradição retorna pelo interdiscurso, que faz a memória estar sempre presente, funcionando via linguagem gauchesca para manter essa tradição. A tradição só se mantém e se reforça pela memória que ressoa no presente. Logo, o funcionamento do interdiscurso (já-dito) e do

intradiscurso (onde se formulam os enunciados) é o que amarra a relação entre memória e tradição, produzindo novos sentidos.

### 3 O DISCURSO REGIONAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO GAÚCHO



Para abordar a questão da constituição de uma linguagem gauchesca, consideramos a relação entre língua e sujeito no espaço enunciativo dessa linguagem, de modo a evidenciar a formação de um discurso em torno desse “ser gaúcho”, significado pela língua que usa. Propomos, neste capítulo, pensar a construção da identidade do sujeito gaúcho através da língua, bem como apontar a partir da historiografia como surgiu, se constituiu e ganhou sentido ao longo do tempo a palavra “gaúcho” e como esse sujeito gaúcho está representado no discurso regional.

Considera-se essa construção como um processo discursivo que significa o sujeito gaúcho pela língua e com isso sua vinculação com uma identidade regional. Nos modos de significar essa relação língua e sujeito explicitam-se processos identitários em constituição. Essa relação constitui-se como um ponto crucial para a construção identitária, segundo o modo como a língua funciona na enunciação desse sujeito gaúcho. Assim como também se constitui uma linguagem gauchesca dada a variedade de expressões e representações que remetem ao que é “gauchesco”.

No caso do Rio Grande do Sul, a “coisa” regional decorreu, principalmente, de um desejo oculto de pertencimento a uma identidade brasileira diversa por sua origem fronteiriça e culturalmente híbrida. A ambivalência do movimento de absorção de imaginários estrangeiros, combinando traços da cultura portuguesa, acentuados pelo contato permanente com os platinos, volta-se para a construção de uma identidade própria que busca, no entanto, integrar-se ao resto do país (CAMANI, STURZA, 2010, p. 57).

A língua conta a própria história do gaúcho e define a sua identidade regional como tipo social. A diversidade de culturas presente na formação social do Rio Grande do Sul contribuiu para a composição de uma identidade cujos traços característicos têm representatividade no dizer dos sujeitos que vivem neste contexto sul-rio-grandense. A linguagem gauchesca traduz as marcas da identidade regional como construção simbólica de pertencimento. A formação identitária do gaúcho se vê representada na língua, nos seus mecanismos linguísticos e discursivos, assim como em outras linguagens: musical, estética, literária, midiática.

A língua é o que simboliza a construção de uma origem particular do tipo humano gaúcho, desempenhando um papel significativo para a identidade gaúcha. Essa identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas (WOODWARD, 2009, p. 8). Tais sistemas se significam no falar, nas crenças, nos costumes, nos hábitos, no espaço, na paisagem e na imagem emblemática do gaúcho. Enfim, enquanto seres simbólicos nos comunicamos através de objetos, de sons musicais, de gestos e de sinais que nos constituem enquanto sujeitos de linguagem.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Ibid. p, 17).

Ainda, em consonância com a autora, podemos dizer que a identidade é marcada por meio de instrumentos; por exemplo, o laço, as boleadeiras, o cavalo, o mate amargo, o churrasco, a indumentária, que ficaram como espécie de marca para o gaúcho e ajudaram na preservação dessa identidade. Esses elementos, nesse caso, funcionam como um significante importante da diferença e da identidade, conforme observado na linguagem simbólica do gaúcho representada na fala de Maciel:

Nessa perspectiva, no processo de construção, afirmação e reconstrução de uma identidade social, determinados elementos culturais (traços, manifestações, práticas, etc.) podem se transformar em marcadores identitários, apropriados e utilizados pelo grupo social como sinais diacríticos, símbolos de uma identidade reivindicada, tornando-se emblemas de identificação de uma determinada população que os utiliza. Um simples traço serve, às vezes, para efetuar esta distinção: uma peça de vestuário tradicional, uma palavra ou então uma maneira de fazer um instrumento, os quais, ligados a uma rede de significações, servem para afirmar uma distinção e tornam-se, assim, marcadores de identidade. (MACIEL, p. 191-192, 2002).

Assim, podemos compreender que o modo como uma sociedade produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua língua, no modo como o gaúcho fala a “sua” língua, ou melhor, a língua enquanto elemento simbólico, que lhe é dada a falar por sua história.

A linguagem é um cenário privilegiado para a inscrição de conflitos sociais e ideológicos e um espaço constitutivo de identidades, uma vez que os discursos estão fortemente condicionados pelos modos como os diversos grupos acentuam seus enunciados para exprimir suas experiências e aspirações (LOIS, p. 41, 2004).

Desse modo, tomamos a língua não como um instrumento para a comunicação, mas como constitutiva de sentidos dessa identidade regional, na medida em que o sujeito ou grupo social se distribui politicamente pela língua. Os falantes atuam como figuras políticas “divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 18), sendo assim, espaços políticos.

Seus valores e suas crenças culturais estão significados de diferentes maneiras toda vez que o sujeito faz funcionar a língua. Assim, a noção de construção identitária a que nos referimos e que viemos trabalhando no decorrer do estudo, está relacionada à constituição de um tipo social que vai ser significado também pela língua.

Para Oliven (2006, p. 34), “as identidades são construções sociais formuladas a partir de diferenças reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção”. Ainda, para o autor, “as primeiras vivências e socializações culturais são cruciais para a construção das identidades sociais, sejam elas étnicas, religiosas, regionais ou nacionais”. Quando se fala em construção de identidades, quando se analisa esse processo, deve-se compreender que a linguagem característica de cada região entra na discussão automaticamente. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. O homem se torna sujeito de seu discurso por meio da linguagem.

Partindo então, do pressuposto de que a língua constitui-se como um elemento de identificação de um determinado grupo perante outros, trabalhamos neste estudo apenas com a ideia de identidade relacionada com a linguagem, como constitutiva na e pela língua; possibilidades de sentidos, de produção de sentidos. Nessa perspectiva, propomos refletir sobre a relação sócio histórica estabelecida

entre língua e sujeito num espaço enunciativo próprio que constitui por sua vez discursos na e sobre a língua, bem como evidencia a língua como instauradora e representativa da cultura que a ela está relacionada, tal como observamos nas textualidades analisadas, que, como lugar de representação desse gaúcho, constituem um discurso “do” e “sobre” o gaúcho enquanto sujeito social, funcionando como um sistema de representação que reforça uma identidade regional, na medida em que se significa e se materializa, tanto na composição, como no discurso apresentado nas textualidades analisadas. Entendemos o discurso “do” como o discurso próprio do gaúcho, produzido na linguagem gauchesca e que remete à construção sócio histórica de um grupo social específico.

A língua é mobilizada pelo sentido em um espaço enunciativo ao qual a construção da identidade do sujeito gaúcho parece estar assegurada. Nesse caso, as textualidades selecionadas para a análise funcionam como um sistema de representação que explicitam valores, ditos, expressões, vocábulos que reforçam uma identidade regional sem se distanciar do universal. Enquanto discurso, elas dão destaque ao regional sem supervalorizar o tradicionalismo, mas possibilitam recuperar pela língua os traços que identificam os gaúchos, fazendo a inserção de expressões que facilmente reconhecemos e que os fazem serem reconhecidos como gaúchos. Muitas das palavras e expressões que referem a um modo de falar particular e que se identifica como sendo do “gaúcho”, circulam em outros textos, letras de músicas, causos, trovas, poesia e que do mesmo modo fazem parte da constituição de um discurso regional e/ou sobre o gaúcho. E constituem então o que estamos denominando como “linguagem gauchesca”.

A identidade como construção social baseada em diferenças relaciona-se com as representações sociais e com o imaginário. Mas a criação de uma identidade, implicando uma demarcação de territórios, envolve um sentimento em particular: o pertencimento (MACIEL, p. 192, 2002).

Quando se considera a questão de pertencimento, principalmente quando estamos nos referindo ao caso gaúcho, MARTINS (2004, p. 247) fala que “esta questão se sobrepõe a força de uma identidade fronteiriça, resultado do amálgama de culturas, de costumes, de idiomas, de laços consanguíneos, fraternos e de convivência [...]. Assim, a identidade é construída por esta linguagem simbólica de pertencimento e que corresponde a um marco de referência imaginária que se



define pela diferença”. Logo, não é fixa nem estável, está em constante processo de mudança e produção, sendo formada e definida historicamente.

Conforme evidenciado até o momento, podemos dizer que o surgimento do gaúcho enquanto tipo social concentra-se na “figura” do homem gaúcho, na paisagem, no mundo campeiro. Fatores que se refletem no hibridismo cultural da identidade gaúcha, descrevem representações que dizem respeito ao viés do regional e retomam tradições (inventadas, reinventadas ou não) e memórias no sentido de evocar para si uma “verdade” sobre o “ser gaúcho”. Logo, como elementos constitutivos da formação da identidade gaúcha é possível apontarmos ao longo do tempo: os índios, os negros, os portugueses, os espanhóis, os imigrantes alemães e italianos, as estâncias e o próprio gaúcho.

Portanto, a construção desse discurso identitário está ancorada no discurso regional, que está sustentado na história e que mantém o tipo social representativo do Rio Grande do Sul: o gaúcho.

### 3.1 GAÚCHO: HISTÓRIA DE UMA PALAVRA

A configuração do tipo social gaúcho no Rio Grande do Sul, conforme estabelecido no primeiro capítulo, foi permeada por condições sócio históricas e culturais em meio às implicações políticas e sociológicas dos conflitos e guerras de fronteira durante o processo de ocupação e colonização do território. O fato da parte sul do Brasil fazer fronteira com a Argentina e o Uruguai também leva esse Estado a ter um perfil diferenciado de formação, com uma identidade muito forte. Ao analisar o sujeito histórico que definiu e que acabou por caracterizar todos os habitantes do Rio Grande do Sul, estudiosos de diferentes campos do saber acabaram por identificá-lo como o “ideal-típico” dos habitantes do sul do Estado, ou seja, o gaúcho. Esse sujeito gaúcho sul-rio-grandense originou-se da miscigenação de índios, negros, portugueses e espanhóis desde o período de ocupação, conquista e colonização latino-americana, resultando como o tipo social de uma região que não se restringe apenas ao território brasileiro, mas ultrapassa as fronteiras argentina e uruguaia, estabelecendo traços que significam o modo de falar dos gaúchos.

Historicamente, o gaúcho está ligado aos primórdios da ocupação europeia do Sul do Brasil. Zona de fronteira, o território compreendido por essa região, Uruguai e Argentina foi um dos pontos em que a expansão colonial das duas coroas, espanhola e portuguesa, fez com que estas se chocassem frontalmente, tornando-se palco de lutas de fronteiras que definiram limites territoriais e pertencimentos nacionais. Embora geralmente associada ao

pampa (porém ido além do pampa geográfico), essa região foi ocupada na base da grande propriedade criadora de gado. Foi neste cenário marcado pelo binômio gado-guerra que emergiu o gaúcho, a quem conferiu significado (MACIEL, 2001, p. 240).

A origem da palavra “gaúcho” tem sido objeto de um número elevado de discussões e interpretações essencialmente de linguistas, sociólogos, historiadores e literatos. Do ponto de vista etimológico, a palavra “gaúcho” no vocabulário da língua portuguesa apresenta variadas possibilidades de origem, o que, por sua vez permite várias interpretações, produzindo efeitos de sentido quando enunciada.

Conforme a acepção atribuída por Nunes e Nunes em seu dicionário,

[...] o termo *gaúcho*, vindo do árabe *gaúch*, designa “o habitante do Rio Grande do Sul”. Morador do interior do Rio Grande, dedicado à vida pastoril e às lidas campeiras. Habitante da Argentina e do Uruguai com costumes assemelhados aos dos rio-grandenses. Também era, primitivamente, chamado de changador, gaudério, desregrado, vagabundo. (NUNES e NUNES, 1996, p. 211).

Ainda, de acordo com Nunes (op. cit. p. 211) “proveniente do persa *guchi*, ‘boizinho’, formado de *gau-*, ‘boi, vaca’, mais *-chi*, sufixo diminutivo, e que, por sua vez, veio do sânscrito *gaúch-*, ‘boi, gado vacuum’; este, por seu turno, é oriundo da raiz indo-europeia *gwo-*; *gwow-*, ‘boi, vaca’. Já no castelhano antigo encontra-se a forma “*caucho*, com sentido equivalente (do árabe *chaúch*, de *choúch*, ‘tropeiro’), a par de *gauche*; e este se documentou primeiro (século XVIII)” prevalecendo então a forma ‘*gaucho*’.

Rona (1965), a partir de seus estudos da linguagem dialetal, afirma que a região onde nasceu esta palavra é a zona fronteira entre o espanhol e o português, que vai desde o norte do Uruguai até a Província argentina de Corrientes, e a zona brasileira compreendida entre ambas. Provavelmente, conforme Sturza (2006, p. 113), “a palavra gaúcho foi introduzida no português falado no Rio Grande do Sul no final do século XVIII, para definir um tipo social que era comum à região do Prata e que foi se deslocando para o estado brasileiro ocupando as regiões do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai”.

A relação do passado com o presente através da ressemantização da palavra “gaúcho” ao longo dos anos, tem seu fio condutor na permanência do tipo humano campesino nas regiões do Prata e na conservação de alguns de seus hábitos tradicionais.

O *gaucho* depois passou à forma atual *gaúcho*, sendo, no princípio, uma designação que nos remete a um “preador” de gado xucro e ladrão de estâncias; o que se transformou, na atualidade, numa designação que nos remete ao homem que está intimamente ligado às coisas da terra, enfim, à atividade da pecuária (PETRI, 2008, p. 126).

A partir do final do século XIX, após esse processo de ressignificação é que a palavra “gaúcho” passou a designar gentilmente os nascidos no Rio Grande do Sul, bem como os naturais do interior do Uruguai e de parte da Argentina. Essa designação é por sua vez marcada pela instauração de uma diferença, tal como se para os gaúchos “ser gaúcho viesse antes de ser brasileiro”, contribuindo para a instituição da identidade do sujeito gaúcho que não só surgia nesse cenário, deixando de caracterizar um pequeno grupo social, mas passando a designar todo habitante dessa região. Desde então, a palavra “gaúcho” vai aparecer nos dicionários como sinônimo de sul-rio-grandense, reconhecendo-se, de acordo com Petri (Ibid.), “uma generalização que elimina definitivamente o caráter pejorativo que tal denominação produziu até meados do século XIX”.

Meyer desenha a trajetória do termo gaúcho com sentidos que mudam ao longo da história.

“Mais interessante, no caso, seria mostrar como adquiriu lentamente novos matizes de sentido, conforme as reações de meio e momento; como afinal chegou a enfeixar todo um conjunto de sentidos, que poderiam discriminar-se, a traço grosseiro, do seguinte modo: logo de início, para os capitães-generais ou autoridades e primeiros proprietários de terras – ladrão, vagabundo, contrabandista; para os capitães de milícias e comandantes de tropas empenhadas em guerras de fronteiras – bombeiro, chasque, vedete, isca para o inimigo, bom auxiliar para o município e remonta; nas guerras de independência do Prata, ou nas campanhas do Sul – lanceiro, miliciano; a contar de certo momento histórico, no Rio Grande do Sul, para o homem da cidade – o trabalhador rural, o homem afeito aos serviços do pastoreio, o peão de estância, o agregado, o campeiro, o habitante da campanha; na poesia popular, um sinônimo de bom ginete, campeiro destro, com tendência para identificar-se com os termos guasca, monarca; e finalmente para todos nós, um nome gentílico, a exemplo de carioca, barriga-verde, capixaba, fluminense”, explica o autor (MEYER, 1957, p.35).

#### Conforme expõe Petri

Os habitantes da então Província do Rio Grande do Sul do século XIX, reconhecidos dentro e fora do estado, eram denominados “continentinos” ou “rio-grandenses”, numa forma de exclusão dos grupos marginalizados constituídos por gaúchos, negros, índios, etc. O processo de instauração da designação “gaúcho”, como representativa de todos os habitantes do Rio Grande do Sul, data do início do século XX, quando ocorre uma ressignificação do imaginário “sobre o gaúcho” (PETRI, 2008, p. 129).

Ainda conforme a autora (Ibid., p. 231), o gaúcho é concebido como uma designação que traz em si marcas de um processo social, histórico, político, econômico e cultural próprio da fundação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul e região.

Pelo que estamos expondo, observamos que a trajetória histórica do vocábulo gaúcho apresenta uma mudança em sua significação. Da construção do mito, marcado pelo folclore e cristalizado pela tradição, esta figura tal como a conhecemos hoje, foi elaborada e reelaborada ao longo do tempo, perdendo sua conotação originariamente pejorativa, até adquirir o atual significado gentílico representativo dos habitantes do Estado. Reavalia-se, então, seu significado histórico para transformá-lo no elemento representativo da identidade regional. O gaúcho é então, o tipo humano escolhido para corporificar o morador do Rio Grande do Sul. Expressão do tipo social rio-grandense resultante da tradição local que se transforma em “ícone que representa a identificação não somente de uma cultura, instituída e determinada em manuais e livros de história, mas de vários modos de sentir-se gaúcho” (LUVIZOTTO, 2010, p. 30).

Petri aponta que a designação “gaúcho”

[...] vem de um outro lugar, instaura-se ao sul da América, recupera sentidos, transforma-se e passa a significar de diferentes formas através dos tempos, conforme reinvenção imaginária, mas na maioria das vezes nos remete às relações entre o homem e às coisas da terra, caracterizando de forma mais genérica o gaúcho como um ser essencialmente telúrico. Assim, com o passar do tempo, o funcionamento da designação gaúcho ganha outros espaços, abrangendo outros setores (mais urbanizados) da sociedade organizada que antes procurava ignorar ou se opor à sua existência, enquanto representativa do grupo social do Rio Grande do Sul. Essa designação advém da região do pampa (uruguaio e argentino) e vai avançando às fronteiras do Rio Grande do Sul, levando o restante do Brasil a reconhecer essa designação como sinônimo de *rio-grandense-do-sul* ou *rio-grandense*. Estabelece-se, então, uma generalização que silencia o caráter pejorativo que tal denominação produziu até meados do século XIX. É a força representativa do grupo de “gaúchos pampeanos” que acabou emprestando seu nome aos habitantes do Rio Grande do Sul, a partir do início do século XX, seja ele do meio rural ou urbano [...] (Ibid., p. 230-231).

Essas designações significam no acontecimento de linguagem em que funcionam na medida em que abrem novas perspectivas, consubstanciam hipóteses, imprimem outros sentidos para os estudos dialetológicos que então começavam a surgir no Rio Grande do Sul, trazendo subsídios para os registros da própria língua

portuguesa falada no Brasil. Para Guimarães (2003a, p. 54), a designação é a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. Por isso a designação “gaúcho” é linguística e histórica ao estabelecer relações entre o habitante do Pampa e a época da colonização e povoamento do Rio Grande do Sul.

Dentro do discurso histórico e/ou historiográfico rio-grandense, o gaúcho é glorificado como fruto de um passado enaltecido por guerras e lutas fronteiriças com os castelhanos, tendo como cenário as planícies do Pampa, transformado em verdadeiro campo de batalha. Com isto, a construção de uma identidade para esse sujeito gaúcho teve como traços característicos o componente militar-fronteiriço e a importância da pecuária na economia da região, o que impulsionou o surgimento da Estância e do Estado. Esse processo se constituiu historicamente e ajudou a consolidar a construção de um discurso sobre a identidade cultural regional marcada, como já dissemos, pela diferença, pela “figura” real ou idealizada do gaúcho, pelo passado rural, pelo forte apego ao local, pela vida campeira e pela autenticidade de costumes e tradições. Uma identidade que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. A identidade desse gaúcho é então, como já afirmamos, constituída historicamente como resultado da interação das etnias (negros, portugueses, alemães, índios, italianos) que estiveram presente na formação do Estado do Rio Grande do Sul e foi sendo consolidada ao longo de sua história. Essas diversas etnias construíram um Rio Grande marcado por uma figura masculina, heroica, destemida, única e agregadora que teve a paisagem sem limite do Pampa como pano de fundo. O Rio Grande do Sul identifica-se com a sua dimensão rural, e o gaúcho constituído nessa região de fronteira, pela sua relação com a terra é, por excelência, um homem do campo.

Cabe, portanto, esclarecer o que entendemos como identidade, ressaltando que neste trabalho utilizamos a expressão identidade regional a fim de estabelecer um vínculo entre as noções construção identitária e pertencimento a um determinado lugar. Essa identidade é evocada e se faz presente no plano do discurso. Como construção simbólica de pertencimento, a identidade corresponde a um marco de referência imaginária definida pela diferença (LEENHARDT, 2002).

Entendemos, portanto, a identidade como um feixe de traços de processos de identificação que destacam e fortalecem aspectos típicos regionais que se referem a

hábitos e costumes, como a indumentária, a culinária, as crenças, a música, a dança, que fazem com que o Estado gaúcho se constitua num lugar específico. A identidade, desse modo, se constitui nas relações sociais mediadas pela linguagem. O sujeito se identifica com a formação discursiva a qual pertence e no interior dela afirma sua identidade.

Para a configuração de uma imagem do gaúcho como expoente representativo do Rio Grande do Sul contribuíram vários elementos, alguns de procedência popular, como a indumentária e os hábitos e modo de falar; outros de natureza erudita, como a usual associação com a figura mítica do centauro. (ZILBERMAN, p. 41, 1985). O centauro, a lenda grega do “homem cavalo” remete a uma imagem lúdica, mas que ainda mexe profundamente com esse universo simbólico da identidade do gaúcho campeiro.

A constituição desse sujeito leva a se construir um vínculo identitário muito forte entre sujeito – território – linguagem. O território rio-grandense enquanto fronteira com o Prata constituiu um tipo social característico, o do gaúcho, que seria distinto dos demais tipos sociais do país, ancorado no homem do Pampa e que encontra similares no “gaucho” argentino e uruguaio. Portanto, a sociedade gaúcha identifica-se com valores instituídos a partir de um passado de domínio da terra e defesa de fronteiras. Na Argentina e no Uruguai, o gaúcho passa a ser considerado símbolo local e nacional, ao passo que no Rio Grande do Sul é erigido como emblema do regionalismo (BRUM, 2006, p. 41).

A identidade é então uma construção social e histórica; não é constitutiva da personalidade ou é inata. A identidade não está pronta, acabada. Ela está sempre se constituindo, se (re) definindo e nunca pode ser apreendida em sua totalidade. Permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, ou seja, sempre em construção.

Se o gaúcho é o senhor da fronteira, é a identidade que se forma no entre-lugar, no intervalo entre ser brasileiro, uruguaio, argentino, platino, luso e ibero/latino-americano, o que não pode ser mais multicultural. Se o gaúcho antes era tido como vira-mundo, vagabundo, ladrão, contrabandista, matreiro, transforma-se em símbolo de luta, de resistência de apegado às raízes, ao telurismo, transforma-se em sinônimo de bravo, aguerrido, defensor das tradições, com coragem para permanecer se transformando constantemente (FIGUEIREDO, 2006, p. 166).

Para Golin (2004), o gaúcho integra um povo forte e ordeiro, associado a uma identidade regional, por isso refere a um tipo social de uma região geográfica

muito particular. As relações estabelecidas entre os grupos sociais dessas áreas geograficamente contíguas, durante o processo de formação do Estado gaúcho contribuíram, de acordo com Nunes (1996), para a configuração desse tipo social representativo do Rio Grande do Sul, desenvolvendo um sentimento profundo de liberdade individual como consequência do que era a vida do homem nômade, originalmente um rebelde e, muitas vezes foragido da lei, mas com uma inegável expressão de valor e coragem, o que contribuiu para a constituição de uma identidade marcada na força, na liberdade e na virilidade do homem gaúcho.

Tais elementos presentes na formação social do Rio Grande do Sul diferem daqueles que originaram a dos outros estados do país. Para Cesar (1980), a extração de couros e a salga da carne implantaram dessa forma, no estuário platino, um gênero de trabalho e um estilo social que vão condicionar o aparecimento dos gaudérios, gente nômade e aventureira, que, nos moldes da vida rústica, da pilhagem e do contrabando, origina o gaúcho platino, do qual o nosso herdou alguns traços.

Assim, o gaúcho sul-rio-grandense constituiu-se como um homem resistente na adversidade, alegre, leal, um cavaleiro que preza acima de tudo a liberdade adquirida nas vastas planícies das regiões campeiras. A “figura” do gaúcho associada a essa imagem de força, destreza e liberdade foi criada no campo, cenário das suas batalhas e lidas pastoris. De acordo com Vellinho, essa figura

[...] alimentada e enriquecida pela legenda, ia projetar-se no tempo e ganhar espaço, já agora liberta de seus caracteres primitivos, e acabaria como por uma espécie de mimetismo sociológico, absorvendo na sua estrutura moral todos os rio-grandenses identificados com a terra não só por filiação histórica, mas ainda por aculturação ou adesão afetiva. (VELLINHO, 1962, p. 118).

A construção da identidade gaúcha passa pela representação da figura mitificada do gaúcho (OLIVEN, 1992, p. 69), acostumado com as lidas do campo e marcado por valores como heroísmo, valentia, coragem, honestidade. Segundo o autor (Ibid., p. 100), esse modelo é "baseado num passado que teria existido na região pastoril da Campanha no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou idealizada do gaúcho". Tal mitificação "engendrou um tipo, uma personalidade, que passou a identificar idealmente o gaúcho e a impor-se como padrão de comportamento".

Logo, a construção ou a manutenção desse tipo social análogo se ressignifica e se mantém atual tanto no âmbito do regional quanto do nacional pela permanência de uma identidade gaúcha. O gaúcho passa, então, por uma tradução: não só pela mudança de sentido quase total por que passa o tipo social, mas pela reordenação dessa identidade, que, ao marcar um local, uma região, insere-a no universal, no global, com todas as suas singularidades (FIGUEIREDO, 2006, p. 17). Dessa maneira, a imagem construída historicamente do gaúcho influenciou diretamente na representação de sua identidade.

Golin (1983), afirma que o gaúcho é visto como herói, sempre acompanhado de seu cavalo ao ponto de se confundir com ele, guerreiro impetuoso e machista solitário, um centauro dos pampas, representante da raça e da tradição gaúcha. Essa tradição é reproduzida e dada voz no imaginário regional, nas representações do regional. Nos referimos ao imaginário, conforme Pesavento (2002, p. 35), como um sistema de representações coletivas que atribui significado ao real e que pauta os valores e a conduta. Pelo que podemos inferir que o tipo social gaúcho está relacionado a uma época/comunidade imaginada.

A figura é construída e alimentada através de imagens e discursos de diversas procedências (literatura e história, por exemplo). Reconhecida por uma série de traços (tipo físico, linguajar, vestimentas, objetos associados ao seu modo de vida, etc.) e por um determinado *caráter* que lhe é conferido circula através dos mais diversos veículos, tais como a escola, a mídia, a publicidade, o discurso político, etc. (MACIEL, 2000, p. 81).

Entretanto, a construção da identidade como representação de uma cultura e de um modo de vida surge, conforme afirma Golin (1983), como reflexo de um perfil marcado pelo tradicionalismo gauchesco enquanto expressão de uma distinção cultural. De tal modo, observamos que a identidade regional passa a constituir um meio de diferenciação, uma adoção de valores que representa o sujeito gaúcho enquanto pertencente a um grupo social específico. É uma tentativa de marcar uma identidade diversa; uma necessidade de afirmação pela diferença. Essa identidade não é mais um símbolo de atraso e “grossura” ou marginalidade – como ocorreu inicialmente com o gaúcho – mas um objeto estético que, ao ser ressemantizado como conceito permitiu um enriquecimento cultural [...] (FIGUEIREDO, 2006, p. 164).

Pelo exposto até o momento, podemos apontar, na historiografia, a existência de dois discursos em relação à construção identitária desse tipo social:



um discurso romântico, idealizado, ufanista, representado pelos discursos de Vellinho, Ornellas e Laytano; e um discurso mais crítico, fruto da visão acadêmica de sociólogos e antropólogos como Maciel, Oliven e Pesavento.

Para Maciel (2001), o uso da palavra *gaúcho* enquanto uma referência identitária serve para afirmar diferenças que estabelecem distinções entre grupos, contribuindo assim para o reconhecimento do grupo ao qual este “tipo” está relacionado e em referência ao qual ganha sentido.

Temos então, o gaúcho, homem solto e vagabundo do século XVII; changador e gaudério do século XVIII, pastor e guerreiro, ginete e domador do século XIX e homem honrado e hospitaleiro do século XX (ZATTERA, 1995, p.37). Nesse sentido, o tipo social gaúcho se reconhece e é reconhecido por sua história, geografia e modo de vida, que geram um comportamento típico de sua cultura e tradição. Comportamento este, permeado e significado, inclusive, na língua que usa.

Para as análises desenvolvidas nesse estudo consideramos o gaúcho como um sujeito que se constitui e se reconhece pela tradição. Que emerge do Pampa e nele se define.

### 3.2 GAÚCHO, IDENTIDADE E A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

Brignol (2002) defende que a partir da construção social da identidade deste gaúcho cristalizado, que anda a cavalo, usa bombacha e toma chimarrão, foram resgatadas e inventadas tradições que passaram a integrar a cultura regional.

Por tradição inventada entende-se, de acordo com Hobsbawm (1997, p. 09), como sendo “um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. “São reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (Ibid. p. 10). Essa tradição é reproduzida e dada voz no imaginário regional, nas representações do regional. Seja o gaúcho considerado um símbolo regional, configurado como um tipo social representativo do Rio Grande do Sul que reconhece na constituição de uma linguagem um conjunto de representações verbais e não verbais que expressam ou significam o sujeito gaúcho pela instauração de um imaginário sobre o gaúcho ou pelo que a designação da palavra *gaúcho* remete e

refere atualizando-se. Reiteramos que muito de sua constituição é esclarecida sempre a partir deste tipo gentílico que teve suas características e costumes escolhidos e retomados para a instauração de tradições históricas reafirmadas pelo modo gaúcho de expressar a sua língua. Tradições essas, muitas vezes, inventadas para a manutenção desse símbolo ou o que a ele se remete.

O gaúcho reúne em si marcas dos vários mundos presentes nesse espaço, por ser um híbrido, um fronteiro, resultado da mescla e de um contato permanente com o outro. Acreditamos que se possa pensar o gaúcho hoje como uma necessidade de permanência e de resistência identitária regional que a identifica e lhe confere um caráter excepcional. Esse gaúcho está ligado, assim, ao imaginário e às representações sociais que remetem à construção de uma identidade regional, alguém em quem as pessoas possam se referenciar e processar uma identificação (MACIEL, 2002, p. 198-199).

Segundo Pesavento (1993, p. 18), a construção de uma identidade regional procura “recuperar do passado elementos nobilizantes que configurem um quadro de tradições gloriosas, das quais todos se orgulham de partilhar e deter a herança”. Para ela, não é à toa que a Revolução Farroupilha tenha se estabelecido como carro-chefe de uma historiografia dita *tradicional*, que não se baseia na pluralidade de vozes, mas na afirmação de valores estabelecidos por um grupo privilegiado e que se socializam para o conjunto da sociedade.

A Revolução Farroupilha teve incidentes de bravura, muitas batalhas, heróis, incidentes rocambolcos (a fuga de Bento...), gestos românticos (Garibaldi e Anita), inusitados (o barco Seival arrastado por terra até a Barra do Tramandaí) ou pitorescos (a lenda da velhinha, do cavalo e do muito falado Bento Gonçalves). De quebra, o Rio Grande lutava por uma causa justa – contra a opressão do Império –, e não foi derrotado na guerra, o que ressaltava seu valor militar. Mas – o que é mais importante – o incidente configura um dos principais ingredientes para o estabelecimento de uma identidade: a coesão social (Ibid., 1993, p.19).

No presente trabalho, consideramos a produção de um discurso sobre o gaúcho como um processo que se constitui de dizeres sobre esse tipo social e que se transformam na história e na memória coletiva. Por isso consideramos o *discurso sobre* como um lugar de memória (conjunto de dizeres do e sobre o gaúcho) que guarda traços e vestígios da memória. A noção de *discurso sobre* proposta por Orlandi (1990, p. 37) é a de que ele funciona como “uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos, funcionando na recuperação de uma memória”. (...)

o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*’), caracterizando-se então como lugar próprio para o funcionamento da polifonia.

Essas representações de gaúcho, presentes nos mais diversos discursos, entre eles, o historiográfico, o nativista, o literário, o tradicionalista, trazem representações sobre o sujeito gaúcho enquanto integrante de determinado grupo social. Desse modo, o cruzamento desses discursos nos mostra a produção de um discurso sobre o gaúcho atrelado a um sentimento de pertencimento a um lugar, a uma cultura, a um modo de ser.

O *discurso sobre* tem ainda características próprias de um discurso que produz efeitos de sentidos contraditórios, pois, ao mesmo tempo em que ele funciona na recuperação de uma memória (organizando elementos próprios do *discurso de*<sup>26</sup>), ele corre o risco de reduzir essa memória a um acúmulo de informações sobre o passado. Se, por um lado, o *discurso sobre* o gaúcho atesta sua fundação; por outro, se estabelece como um lugar de interpretação, pois o *discurso sobre* já constitui um gesto de interpretação sobre o que representa ser gaúcho em um determinado momento sócio histórico. O fato é que estamos diante do *discurso sobre* o gaúcho, como já dissemos, produzido pelo outro (PETRI, 2009), do lugar do outro e que produz efeitos de sentidos. Podemos observar na constituição desse discurso, a presença de alguém que toma a voz do outro, ou seja, temos nesse discurso a presença de uma voz escrita com um sentido, o outro que toma a voz do gaúcho e fala pelo gaúcho constituindo sentidos e como Ludmer (2012) referindo-se a uma linguagem nos diz: “la voz ‘gaucho’ en la voz del gaucho<sup>27</sup>”.

El uso de la voz “gaucho” en la voz del gaucho implica un modo determinado de construcción de esa voz. El género explora el sentido de la palabra “gaucho” sometiéndola a reglas precisas: marcos, límites, interlocuciones, tonos, distorsiones y silencios. El sentido de esa voz es su construcción y a la vez su interpretación (Id., 2012, p. 39)<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> Segundo Petri (2009, p. 10) o *discurso de* é o “discurso produzido por um gaúcho que viveu a história e contribuiu para a construção da figura mitológica que hoje conhecemos, aquele sujeito rude, rural, dito como ‘não civilizado’ tem uma ‘história’ que é contada pelo outro”.

<sup>27</sup> A voz gaúcha na voz do gaúcho.

<sup>28</sup> O uso da voz “gaúcha” na voz do gaúcho implica um modo determinado de construção dessa voz. O gênero explora o sentido da palavra “gaúcho” submetendo-a a regras precisas: marcas, limites, interlocuções, tonalidades, distorções e silêncios. O sentido dessa voz é sua construção e ao mesmo tempo sua interpretação.

Essa voz constituída por um sentido nos leva a refletir sobre que lugar deve ocupar esse sujeito gaúcho reconhecido e definido a cada vez que essa voz é produzida em uma situação discursiva determinada. “Cada vez la voz del gaucho “habla” o “canta” en los textos y cada vez ocupa el lugar que se le asigna en la alianza” (Ibid., p. 140)<sup>29</sup>. Tal aliança se configura como uma relação de forças poéticas e políticas entre vozes e sentidos, produzida por enunciados do gênero. Esses enunciados funcionam na forma de um *discurso sobre* que representa o “ser gaúcho” em um determinado momento sócio histórico.

### 3.3 REPRESENTAÇÕES SOBRE O SUJEITO GAÚCHO

A partir desta imagem de gaúcho que vem se construindo ao longo do nosso trabalho, trazemos à baila o conceito de Formação Imaginária da Análise de Discurso. O estabelecimento desse diálogo teórico se torna necessário para que possamos apontar indícios sobre o modo como esse sujeito gaúcho está representado no discurso regional.

O conceito de Formação Imaginária<sup>30</sup> (FI) seria aquele que viabiliza a efetivação das relações sociais e que têm seu funcionamento garantido no discurso, enquanto um lugar onde se constituem as relações entre a situação (histórico-social) e a posição (ideológica) do sujeito, produzindo determinados efeitos de sentidos e silenciando outros.

Na Formação Imaginária os sentidos seriam produzidos por um certo imaginário, que é social e, por sua vez, resultado das relações entre poder e sentidos. E a ideologia seria a responsável por produzir o desconhecimento dos sentidos, através de processos discursivos observáveis na materialidade linguística.

As Formações Imaginárias são as relações de força e sentido que presidem todo o discurso: “a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. Assim como também o interlocutor tem de si, de quem lhe fala, e do objeto de discurso” (Orlandi, 2012, p. 15).

<sup>29</sup> Cada vez que a voz do gaúcho “fala” ou “canta” nos textos e cada vez que ocupa o lugar que lhe é atribuído na aliança.

<sup>30</sup> Noção construída no interior do campo da Análise de Discurso de linha francesa e aqui tomada por nós para tratar da enunciação.

Esse imaginário que temos sobre o gaúcho é, então, uma representação que se construiu sobre o gaúcho e que não cessa de ser reinventada até hoje. Uma imagem de sujeito representativo do povo rio-grandense. Essa construção é realizada, tendo em vista um modelo ligado profundamente a terra, à defesa das fronteiras.

Afirmção de uma identidade que viria a caracterizar esse tipo humano, tanto na sua representação gentílica – do indivíduo ligado a terra – quanto do substrato ideológico que permeia o imaginário social (OURIQUE, 2007, p. 39). O sujeito gaúcho é, assim, fruto de múltiplas identificações, sejam elas imaginárias e/ou simbólicas.

Quando são feitas referências a um “tipo”, seja ele chamado de “característico” ou “social”, está-se referindo a um modelo, uma imagem cristalizada, fruto de um processo redutor que, ao generalizar determinados atributos (sejam eles imaginários ou não) simplifica a complexidade cultural do grupo ao qual esse “tipo” concerne, reduzindo a expressão identitária desse grupo a uma figura a quem são atribuídas determinadas características tidas como “definidoras” ou “identificadoras” do grupo e condensando, assim, ideias relativas a ele (MACIEL, 2001, p. 246).

Essa identidade se constrói em torno da figura símbolo do gaúcho, tal como se conserva no imaginário coletivo, instaurando o ideal construído no romantismo de uma comunidade livre, que vive no espaço de uma tradição comum (OURIQUE, 2007, p. 40-41). Quando falamos em gaúcho, podemos estar nos referindo ao homem ligado ao pastoreio ou aos nascidos no Rio Grande do Sul. Mas também pode ser uma figura emblemática, relacionada ao imaginário social da região. Ou seja, uma figura na qual são projetados valores e representações sociais que criam uma identidade comum a todos esses sujeitos: “ser gaúcho”, pretendendo sintetizar e expressar uma determinada imagem dos habitantes da região, transmitindo ideias e valores sobre como seriam (ou deveriam ser) os gaúchos. [...] A figura do gaúcho como representativa de uma identidade regional é elaborada a partir de uma busca pelo que seria o denominador comum, procurando o que diferencia, perdura e reúne (MACIEL, 2000, p. 79).

Tal imagem que consolida o homem gaúcho contribuiu para a formação de um modo gauchesco que expressa a identificação de cada sujeito no espaço sul-rio-grandense, efetivamente num espaço bem determinado: o campo (a campanha) gaúcho. Esse sujeito representa um tipo social resgatado nas suas origens, um

gaúcho do campo, que vive em seu mundo gauchesco e que representa pela linguagem o gaúcho e a história do Estado.

O sujeito se constitui, se define e se identifica através das línguas-culturas. Desse modo, o gaúcho se constituiu como legítimo representante de todo um grupo social. Essa visão identitária sobre o gaúcho histórico compõe o imaginário social aceito pela comunidade gaúcha. É um modo de se ver como gaúcho.

A imagem de uma pátria unificada também é constitutiva do imaginário gaúcho, bem como o imaginário do brasileiro pernambucano ou amazonense, muito embora ela não seja a única. É a partir dessa imagem de que todos são iguais que irrompe o diferente, porque o gaúcho sabe-se diferente do pernambucano (e vice-versa): é o diferente emergindo no interior do mesmo. Nesse espaço de constituição linguística e cultural, alternam-se relações de identidade e de alteridade entre os sujeitos que são brasileiros, mas que também são gaúchos, ou pernambucanos, ou baianos, etc. Trata-se de se pensar o que é geral e o que é local, de se pensar o nacional e o regional, na produção dos efeitos de sentido (PETRI, 2008, p. 12-13).

Sentidos que se expressam por meio de uma “figura” emblemática integrante do imaginário local. Enquanto “figura”, ela condensa em si uma série de representações, traduzindo e expressando ideias, valores e julgamentos (MACIEL, 2002, p. 193).

Para entendermos como esse sujeito está representado no discurso regional é necessário também trabalharmos com a noção de Formação Discursiva (FD) da Análise de Discurso, que corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e o que deve ser dito (PÊCHEUX, 1995, p. 160). É através da relação do sujeito com a FD que se chega ao funcionamento do sujeito nesse discurso.

O sujeito é afetado pela Formação Discursiva em que se inscreve, com a qual ele se (des) identifica e que o constitui como sujeito. Desse modo, a FD representa o lugar de constituição do sentido. De acordo com Orlandi (1999, p. 13), na Formação Discursiva o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro. É a Formação Discursiva que vai regular as relações do sujeito com o discurso e com os outros.

O sujeito gaúcho está identificado com uma Formação Discursiva que Petri (2009) em seu artigo “*A produção de sentidos “sobre” o gaúcho: um desafio social no discurso da história e da literatura*” denomina como “gaúcha”. Uma FD que é dominante, heterogênea, pois emergem representações diversas desse sujeito gaúcho, e dotadas de fronteiras móveis. Então o sujeito gaúcho se representa nessa FD.

A Formação Discursiva é, enfim, o lugar de constituição dos sentidos e da identificação do sujeito. “É nela que todo sujeito se reconhece [...] e, ao se identificar, o sujeito adquire identidade” (Ibid., 1995). Pode-se afirmar, juntamente com Pêcheux, que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1995, p. 161). E Pêcheux é mais específico ainda ao afirmar que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (Ibid., p.163).

Ao considerarmos esses discursos representativos da linguagem gauchesca e que analisaremos na parte metodológica sob a perspectiva dos estudos enunciativos, encontramos um locutor que está inserido num lugar social, o lugar do gaúcho e, portanto, um enunciador que enuncia a partir do ponto de vista do gaúcho.

Assim, evidenciamos a construção da representação de um tipo social projetado no espaço regional e que serviu de base para a formulação de uma identidade perpetuada nos dias de hoje e reafirmada em diferentes expressões culturais.

A figura do gaúcho circula na sociedade em geral; serve como modelo de comportamento e ao reconhecimento do grupo; faz parte da vivência das pessoas, pois, mais do que uma figura abstrata através da qual as pessoas jogam com as representações sociais, o gaúcho é encarnado pelas pessoas através de um movimento denominado de “gauchismo” o qual, por meio de uma série de atividades, permite a vivência da figura tal como existe no imaginário local. Assim, a figura do gaúcho que faz parte do imaginário local pode ou não corresponder ao que é o gaúcho da campanha ou o gaúcho histórico, mas ela faz parte da representação que os habitantes da região têm do gaúcho e serve de modelo, o que implica a representação de si mesmos enquanto gaúchos e a que desejam que os outros tenham deles enquanto gaúchos (MACIEL, 2002, p. 193-194).

Temos assim, através dessas representações discursivas, a configuração de um tipo social que representa uma imagem do gaúcho e que emerge numa

construção imaginária evocada para significar a identidade desse sujeito gaúcho. De acordo com Oliven (2002, p. 167), a referência constante a elementos que evocam um passado glorioso, como a vida em vastos campos, a presença do cavalo e a virilidade e a bravura em enfrentar o inimigo fazem parte da construção social da identidade do gaúcho brasileiro.

Esses discursos sobre o gaúcho atribuem sentidos que constituem um imaginário sobre o sujeito gaúcho e se propõe à manutenção de costumes e tradições. A imagem do gaúcho que se configura nos discursos representados pelas textualidades que exemplificamos nas análises se mostra como uma imagem dispersa e fragmentada, reinventada incansavelmente no imaginário social sobre o gaúcho. Portanto, temos a desconstrução da evidência de que existiria somente uma única imagem de gaúcho presente nesses discursos.



#### 4 A LÍNGUA (GEM) E O ESPAÇO REGIONAL



*Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa que o homem, o gaúcho. De cada ser que povoa o deserto, toma ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça; os brios do corcel e a veemência do touro. O coração fê-lo a natureza franco e descortinado como a vasta coxilha; a paisagem que o agita lembra os ímpetos do furacão; o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensável uma amplitude de coração, imensa como a savana. Tal é o pampa<sup>31</sup>.*

Neste trabalho procuramos descrever o modo de funcionamento, de um ponto de vista semântico-enunciativo, da linguagem gauchesca, considerando os sentidos da palavra *tradição* nos textos recortados para compor o corpus desta pesquisa.

Deste modo este capítulo consiste em lançarmos um novo olhar sobre a linguagem gauchesca a partir da constituição da língua e do sujeito gaúcho na história, levando em conta o funcionamento e atualização de uma memória, especificando que linguagem é essa, o que a constitui e confere sentido enquanto um dizer que se caracteriza pela regionalização de um modo de dizer, de enunciar.

Neste espaço discutiremos os conceitos de língua e linguagem, partindo do entendimento da noção de língua em funcionamento. Para isso, movimentamos as noções de língua e de linguagem da perspectiva enunciativa proposta por Benveniste e Guimarães como forma de subsidiar nosso estudo.

<sup>31</sup>ALENCAR, José. **O Gaúcho**.

Considerado o linguista da enunciação, por criar uma nova teoria dentro dos estudos linguísticos – a *Linguística da Enunciação*, Benveniste irá nortear seus estudos a respeito da noção de língua, a partir da perspectiva da enunciação pela qual ele a observa. Com essa teoria, possibilitou a reintegração do sujeito e da subjetividade nos estudos linguísticos, bem como um considerável avanço em direção aos estudos do discurso. A partir dos fundamentos postulados por Saussure, Benveniste concebe uma nova dimensão à categoria da língua. Define-a como sendo uma apropriação, uma relação com o mundo. É referência e correferência, é discurso, é o eu e o outro, é metalinguagem, é subjetividade<sup>32</sup>.

Para nós a questão será explicitar como essa linguagem gauchesca se enuncia tanto nos dizeres na língua como sobre as línguas e de que forma esses dizeres sobre as línguas atualizam a memória discursiva e constroem sentidos na e para a história.

Para abordar sobre como se constitui essa linguagem à qual designamos gauchesca, é necessário nos remetermos às noções de língua e linguagem em primeiro lugar para distinguir língua de linguagem, para posteriormente compreendermos a constituição, nas formas e nos funcionamentos semânticos, de uma linguagem gauchesca. Para isso, buscamos diferenciar o que entendemos por língua, linguagem, e linguajar enquanto identificação de funcionamentos que caracterizam a comunicação humana e que na sua definição apresenta especificidades relacionadas com o seu significado para os sujeitos, sejam eles falantes de uma língua, ou de uma variedade – linguajar.

Trata-se de conceitos que revelam pontos de vistas sobre a língua como elemento simbólico, ao qual se atribui sentidos, inclusive, desde o lugar no qual nos posicionamos teoricamente. O estudo da noção de língua em funcionamento, a partir dos estudos enunciativos que mobilizamos nesse estudo, faz-se necessário para podermos entender a significação, a enunciação e o discurso sobre a língua (gem) produzido por sujeitos inseridos num espaço geográfico específico, que afeta o modo como se constitui e funciona o espaço de enunciação.

---

<sup>32</sup> A subjetividade se dá na relação EU-TU.

#### 4.1 A “LÍNGUA” DO GAÚCHO NO DISCURSO SOBRE O GAÚCHO

Os primeiros estudos dialetológicos que surgiram no Rio Grande do Sul trouxeram subsídios para os registros da língua portuguesa falada no Brasil. Até então, os trabalhos feitos sobre a questão do gaúcho traziam uma perspectiva dialetológica e sociolinguística na área da linguagem.

Segundo Sturza (2006), com o fim da Revolução Farroupilha na metade do século XIX, o cenário intelectual é efervescente, com publicações de estudos linguísticos em diversas áreas. Nesta época, começam a surgir estudos sobre o vocabulário sul-rio-grandense com o objetivo de registrar o léxico do falar do gaúcho. O primeiro vocabulário surge, conforme Laytano (1981), com Antônio Álvares Pereira Coruja em 1852, chamado *Coleção de Vocábulos e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, com expressões e vocábulos usados pelos gaúchos. Coruja afirma que o “linguajar gaúcho” recebeu influências espanholas e indígenas.

Após a publicação desse vocabulário, mais três autores viriam a contribuir com os estudos sobre a língua do gaúcho: J. Romaguera Corrêa -1898, Roque Callage -1926 e Luiz Carlos de Moraes -1935. Esses vocabulários nascem com a preocupação de registrar aspectos desta linguagem. Em 1964, todos esses vocabulários são agrupados por Walter Spalding em um único volume. De acordo com Sturza (Ibid.), “a reunião dos vocabulários sul-rio-grandenses é do ponto de vista da produção intelectual um marco para a História das Ideias Linguísticas, sobretudo por sua importância no registro da lexicografia do vocabulário gaúcho”. A partir da reunião desses estudos, tem início uma diversidade de pesquisas linguísticas sobre a linguagem e o modo de falar gaúcho, o que a autora denomina de “Discurso Fundador do Linguajar Gaúcho”.

São obras publicadas no século XIX a partir de uma linguagem do Rio Grande do Sul e que são demarcadas pela especificidade regional que as constitui. É neste momento que se dá a fundação de um modo de dizer sobre a língua do gaúcho. Essa língua se distingue, sobretudo por uma gama de léxicos regionais, de uso específico do gaúcho, constitutiva da heterogeneidade da Língua Portuguesa do Brasil.

Enquanto discurso, essas obras instrumentalizam a língua portuguesa pela diferença. Logo, buscamos interpretar o modo como se constituiu, nesse espaço regional, uma discursividade sobre a Língua Portuguesa falada no Rio Grande do

Sul, de modo a compreender como esse conhecimento linguístico produzido a partir dos primeiros registros escritos sobre o modo de falar do gaúcho contribuiu para a constituição da linguagem gauchesca.

Através desses estudos, conforme Sturza (2006) origina-se um discurso sobre a língua, que busca, através das influências linguísticas na linguagem gauchesca, caracterizar uma identidade e uma forma de expressar-se que permite a conservação da cultura gaúcha e que constitui um discurso específico que assinala o tipo social do homem gaúcho e a linguagem por ele utilizada, tornando-se um símbolo identitário de toda uma região.

Esses estudos abrem novas perspectivas, consubstanciam hipóteses, imprimem outros sentidos para os estudos dialetológicos que então começavam a surgir no Rio Grande do Sul, trazendo subsídios para os registros da própria língua portuguesa falada no Brasil.

Essas obras foram mobilizadas por considerar o discurso sobre a língua inclusive como uma produção de conhecimento linguístico que destaca uma língua do gaúcho, na qual os sul-rio-grandenses nela reconhecem e definem sua identidade enquanto sujeitos históricos e habitantes de certo espaço geográfico periférico e tido por bárbaro, nos primórdios da ocupação e colonização do território.

Esses estudos sobre o gaúcho e sobre o seu falar apresentam uma rica diversidade de referências, descrições e representações de um sujeito social que foi convertido em personagem: o gaúcho-rio-grandense, seu modo de vida, suas características físicas e psicológicas, seu ambiente sociocultural e sua história, além de possibilitarem uma representação da linguagem a que nos propomos estudar, funcionando como um espaço de produção do conhecimento linguístico.

De acordo com Bunse (1969, p. 9), estes vocabulários nascem de uma preocupação em registrar aspectos do “linguajar gaúcho”, pois as características da vida social campeira, representadas pela figura do gaúcho, contribuíram para criar uma situação peculiar que se reflete numa literatura regional, e que, em muitos aspectos, difere da dos outros estados do Brasil com suas tradições culturais bem mais antigas, naturalmente teve reflexos na língua, e não faltam estudiosos que chamam a atenção sobre o “linguajar do gaúcho”.

Pelos estudos linguísticos que reúnem, esses vocabulários são considerados a partir de uma perspectiva sociolinguística como referência para os estudos sobre a variedade linguística do português do Rio Grande do Sul. São fundamentais para a

história social e cultural do Estado, sobretudo por sua importância no registro da lexicografia regional. Fundam um discurso sobre a língua e significam na constituição de uma linguagem gauchesca.

Consideramos essas obras significativas para os estudos da linguagem na medida em que contribuem para a instauração de uma discursividade sobre a língua e por consequência parte do que entendemos por linguagem gauchesca. Essas obras são tomadas como fontes de registros linguísticos importantes para a caracterização dessa linguagem.

Essa discursividade a respeito da linguagem gauchesca vai se firmando pela existência de uma sequência de trabalhos, que passa a orientar e a determinar, em especial, um lugar de produção nos estudos linguísticos do Rio Grande do Sul. Esses estudos se destinam, sobretudo, a afirmar o regionalismo como espaço de pesquisa e reflexão (STURZA, 2006, p. 3) e constituem discursos sobre a língua e sobre o sujeito gaúcho que neles se representa. São, portanto, discursos que institucionalizam uma língua, um léxico como de um ou de outro lugar, revelando nuances de sentidos, diferenças e aproximações, compondo, juntos, a heterogeneidade constitutiva dessa língua (MEDEIROS; PETRI, 2013, p. 51).

São obras de grande importância pela produção de um saber sobre a língua, referendado no discurso da tradição, que reúne um conjunto de textualidades que constituem a linguagem gauchesca. A linguagem, nesse caso, se constitui como um conjunto de referência e de símbolos do que é o gaúcho enquanto tipo social.

Essas obras são consideradas como instrumentos linguísticos específicos para dar conta de descrever a língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul. Esses instrumentos linguísticos trazem para dentro da língua os sentidos que lhe são dados na sua relação com o real, com a história. Essa relação significa a própria existência de um discurso sobre o gaúcho, sobre seu linguajar (Ibid., p. 19). Como coloca Petri (2009), trata-se da manutenção de saberes, da manutenção de uma história, de uma identidade dita como “gaúcha”, via especificidade linguística.

É importante trabalharmos, neste momento, com a definição de instrumentos linguísticos. Para tanto, buscamos suporte na História das Ideias Linguísticas, que inscrita em uma visão histórica das Ciências da Linguagem, concebe como instrumentos linguísticos – gramáticas, dicionários, manuais, normas, etc. Segundo Guimarães (1996, p. 127), “o estudo das ideias linguísticas no Brasil tem entre seus objetivos abordar a produção de tecnologias como dicionários e gramáticas que se

fazem no Brasil desde o século XVI”. Assim, de acordo com Nunes (2008), “os instrumentos linguísticos constroem uma unidade para a língua: seja a língua utilizada na catequese e colonização, o tupi romantizado do século XIX ou a língua nacional”.

A construção dessas tecnologias é parte da maneira como nossa sociedade se constitui historicamente, nos elementos de nossa identidade. Mais do que isso, esse é um lugar privilegiado de observação da forma como essa sociedade produz seu conhecimento em relação à nossa realidade (ORLANDI, 2002, p. 125).

Desse modo, um instrumento linguístico é o dispositivo que serve como elemento de referência para orientar uma língua, ou seja, a sistematização de um conhecimento produzido. Os estudos linguísticos no Rio Grande do Sul nascem pela diversidade linguística, produzindo-se um saber metalinguístico regional, mas que é também parte do processo de gramatização da língua portuguesa do Brasil.

Essa linguagem gauchesca ganhou um espaço institucionalmente constituído, estando cristalizada em inúmeras publicações de dicionários regionalistas, em vocabulários de termos gaúchos, ou ainda em glossários específicos que acompanham as obras (PETRI, 2008, p. 15).

A compreensão desse objeto de reflexão exige, por si, o estabelecimento de procedimentos metodológicos específicos. Trata-se de procedimentos que investigam a gramatização das línguas, isto é, a sua instrumentação por meio de dicionários, vocabulários, enciclopédias, gramáticas. (Ibid.p. 123).

Com isto tem-se que, ao tratar as ideias linguísticas, tratamos a questão da língua, da produção de um conhecimento sobre ela, assim como da produção de instrumentos tecnológicos (gramáticas, dicionários) a ela ligados e sua relação com o povo que a fala (ORLANDI, 2002, p. 124).

Estamos tratando de instrumentos linguísticos marcados pela especificidade de um grupo social, o que leva a língua, nesse caso, a funcionar como expressão maior de um grupo social tão específico (PETRI, 2009). Por isso, é necessário pensarmos nesses instrumentos que contribuíram para o processo de constituição e conhecimento do modo de falar gaúcho. Esses instrumentos linguísticos carregam as representações das relações sociais que se efetivam num espaço bem determinado: o campo (a campanha) gaúcho (Ibid., p. 30).

A produção desses instrumentos linguísticos, afeta a língua na medida em que organiza um conhecimento e propõe uma nova perspectiva de pensar essa língua.

Assim, tais obras rompem com a produção que até então havia sido feita na área da dialetologia regional e produzem um conhecimento novo sobre a língua, a partir da organização dos espaços de produção linguística da época. Do mesmo modo, os estudos linguísticos, na maneira como se institucionalizam e refletem sobre o ensino da língua, têm parte fundamental na produção dessa identidade de que estamos falando e que produzem, pela ciência e pela língua, o imaginário da sociedade nacional (ORLANDI, 2002, p. 17). Este aspecto linguístico, que trata da identidade linguística na constituição do Brasil, acabou sendo a base de um projeto mais amplo que resultou na exploração articulada da história da língua e do saber produzido sobre ela (Ibid.).

Tem-se então, a origem de uma produção de conhecimento linguístico a respeito do falar regional, resultando na produção de diferentes modos de dizer que foram constituindo outra materialidade linguística com seus diferentes discursos e diferentes modos de significar.

#### 4.2 O GAÚCHO, A LÍNGUA E A FRONTEIRA

A linguagem gauchesca, em nossa perspectiva, constitui-se sempre como um espaço de memória e construção identitária do sujeito gaúcho e que revela as marcas da História e da própria memória desse sujeito. Logo, língua e sujeito são constitutivos da história quando remetem a um universo de símbolos relacionados à cultura regional, que na língua é acionada pela memória de uma história social e política da sociedade sul-rio-grandense, retomada e atualizada sob um conjunto de manifestações compreendidas como parte de uma “tradição”. Nesse sentido, a construção identitária do sujeito gaúcho se revela pelo modo como se atualiza a História. Assim, língua e sujeito são constitutivos da história. Portanto, essa linguagem é constituída pelas diversas memórias, sentidos e vivências que constituem o gaúcho e o definem como tal.

Como ponto de partida, retomamos aqui a pergunta feita por Petri (2009), que coloca a seguinte questão:

Podemos dizer que há uma língua regional do sul do Brasil? Para responder a esta questão é preciso considerar que há um sujeito que é nomeado gaúcho e que é definido como aquele que “nasce no” ou “habita o” estado do Rio Grande do Sul; bem como é preciso considerar que existem modos de identificação constitutivos da fala deste gaúcho, sejam eles de ordem lexical, fonética, sintática; sejam eles de ordem semântica; pois ampliam-se,

neste espaço, os modos de ressonância dos processos de produção de sentidos.

Na tentativa então de definir essa especificidade de língua do gaúcho, partimos do verbete “linguagem gauchesca”, lugar de constituição de uma noção de língua imbricada à noção de sujeito como forma de designar a então língua falada pelo sujeito gaúcho enquanto integrante de um grupo social.

Para a autora,

[...] a presença do substantivo linguagem sendo determinado pelo adjetivo gauchesca, definido como o que é relativo ao gaúcho. A utilização de linguagem, numa concepção geral e abrangente, aqui tem, pelo menos, dois funcionamentos na produção dos sentidos:

a) ao dizer linguagem não se está dizendo nem língua (o que poderia remeter à nação, ao povo, bem como à gramática, à bandeira), nem se está dizendo dialeto (o que se poderia remeter à variedade regional, parte de uma outra língua);

b) linguagem remete à comunicação, a vocabulário, embora possa remeter também ao que é próprio de um indivíduo ou de um grupo social, sobretudo se estiver na forma escrita.

Ao tomarmos como base esses dois funcionamentos, estamos considerando que a linguagem gauchesca não se restringe ao linguístico. Ela compõe toda a linguagem (gesto, imagem, contexto, olhar, entonação, canções, causos, histórias) desse sujeito, ou seja, são diferentes modos de expressar e significar um conjunto de traços socioculturais que representam o gaúcho. São tipos diferentes de discursos que utilizam linguagens verbais, não verbais, sonoras, estéticas, compostas por signos distintos.

A apreensão do conceito de língua que perpassa a obra benvenistiana passa necessariamente pela discussão do conceito de signo linguístico estabelecido por Saussure quanto à sua forma de significar, sendo que Benveniste propõe, para este, duas modalidades de sentido: o semiótico<sup>33</sup> e o semântico<sup>34</sup>. É assim que a língua constituída pela significação passa a ser descrita por ele como um sistema de “dupla significância”. Benveniste chama atenção para o fato de que, de todos os sistemas semióticos, a língua é o único capaz de interpretar os outros e também a própria

<sup>33</sup> Modo de significação do signo linguístico e que o constitui como unidade, considerado em relação com os demais signos.

<sup>34</sup> Modo específico de significância engendrado pelo discurso, a língua na sua função de produtora de mensagens.



sociedade (daí a relação estabelecida entre língua e sociedade, seu caráter essencialmente social).

Em Benveniste encontramos a língua sempre no seio da sociedade. E, segundo esse linguista, o homem não nasce na natureza, mas na cultura e nenhuma língua é separável de sua função cultural. Essa primazia da língua sobre os outros sistemas se dá pelo seu modo singular de significação, que não pode ser reproduzido por nenhum outro sistema. Benveniste ([1970] 2006, p. 64, 65) formula essa peculiaridade como uma dupla significância, ou seja, dois modos distintos de significação: o semiótico e o semântico conforme citado anteriormente.

Ao reconhecer a natureza da subjetividade, Benveniste percebe a necessidade de distinguir a língua como repertório de signos e como atividade manifestada nas instâncias de discurso. Benveniste coloca então, a língua em uma nova extensão, a da significação, que só se dá na instância do discurso, isto é, na enunciação. E nessa teoria, a língua é vista na singularidade do sistema, ou seja, a língua passa a ser considerada pela sua subjetividade enquanto está em exercício pelo sujeito que a utiliza e a atualiza a partir da enunciação.

Assim, a perspectiva benvenistiana de língua, vista como um mecanismo total e constante (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 82), configura-se, pois, inicialmente por sua natureza e função social que permite ao homem, pela apropriação, encadeamento e adaptação dos diferentes signos, significar (produzir sentidos) e ressignificar.

Consideramos a linguagem gauchesca como uma linguagem simbólica, que mais que a transcrição de um modo de falar, escreve a história do Rio Grande do Sul. É um conjunto de expressões simbólicas, manifestas na arte, na poesia, na culinária, na indumentária, nos adereços, em uma variedade linguística particular, no tipo de trabalho, e que se significam na linguagem, na qual cabem diferentes modos dessa linguagem se mostrar, se significar; formas e sentidos.

Trata-se da manutenção de saberes, da manutenção de uma história (na qual ficção e realidade se misturam, pelo trabalho da invenção), da manutenção de uma identidade dita como “gaúcha”, via a especificidade linguística, cultural e literária (PETRI, 2009, p. 34). Logo, retomamos do segundo capítulo que a linguagem gauchesca se constitui pela relação que se estabelece entre história, memória e tradição. Essa linguagem só pode existir porque tem toda uma história, uma memória e uma tradição que a sustenta. Existe uma memória que está sustentada

numa história e uma tradição que precisa da memória para se manter. Desse modo, a tradição se reforça e se atualiza pela memória ao rememorar todo um passado histórico. Essa tradição é reproduzida no imaginário regional, nas representações do regional.

A linguagem gauchesca é a língua portuguesa do Brasil, mas também é outra, é regional do Rio Grande do Sul, atravessada pelo espanhol falado no outro lado da fronteira. É resultado da formação de uma identidade linguística e cultural diferenciada, com influências indígenas e europeias, demarcada pela questão da territorialidade e aspectos históricos.

É uma linguagem comum que circula no Pampa, funciona na fronteira e que, como já afirmamos, possui uma relação muito forte com o espanhol, e que tem por função a manutenção e atualização do tipo social gaúcho. Ou seja, a linguagem gauchesca identifica os sujeitos nos diferentes espaços. É o que define o gaúcho enquanto elemento muito particular de uma região.

Cabe esclarecer que não estamos considerando língua como sinônimo de linguagem. A língua é constitutiva da linguagem e a linguagem gauchesca se constitui em discursos sobre o regional, a tradição e a língua que se apoia em diferentes textualidades (música, poesia, causos, verbetes, imagens) e que se referem ao falar de um grupo social bem específico, regional.

No artigo *A forma e o sentido na linguagem* Benveniste já atribuía à linguagem a marca do homem. Dizia que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (BENVENISTE, [1967] 2006, p. 222).

Ao projetar valores, memórias e tradições, a linguagem gauchesca constitui uma atualização do passado que pretende efetuar uma preservação, que implica a criação e recriação de necessidades simbólicas para a identidade dos gaúchos do presente. É a expressão de uma cultura que os filhos herdaram dos pais e que procuram reproduzir em seu ambiente para preservar e resgatar suas origens.

Há um sujeito que é nomeado gaúcho e que é definido como aquele que “nasce no” ou “habita o” estado do Rio Grande do Sul; bem como é preciso considerar que existem modos de identificação constitutivos da fala deste gaúcho, sejam eles de ordem lexical, fonética, sintática; sejam eles de

ordem semântica; pois ampliam-se, neste espaço, os modos de ressonância dos processos de produção de sentidos (PETRI, 2009, p. 27).

Linguagem que se representa e se manifesta em diferentes materialidades e instaura uma discursividade sobre determinado aspecto da língua do/no Brasil (isto é, a linguagem gauchesca). Discursividade que se repete em outros discursos, em outros lugares, em outros tempos. Essa linguagem, como já dissemos, está presente em canções, causos, trovas, mitos, histórias, lendas que perpetuam expressões idiomáticas que extrapolam a própria identidade do Rio Grande do Sul. É uma linguagem que se representa em um costume e que se tornou uma expressão da cultura gaúcha, que se reconhece em uma série de traços e que sintetiza a especificidade da região e dos seus habitantes, contribuindo para a manutenção de saberes, de uma história e, conseqüentemente, para um imaginário de língua e de sujeito relacionado ao imaginário social da região.

Logo, portadora de referência à identidade e à memória, pois memória e história funcionam na constituição da linguagem gauchesca. Sentimento de amor a terra e às origens, pois o surgimento dessa linguagem específica está relacionado à condição de o Estado do Rio Grande do Sul ser um dos limites territoriais do Brasil, às suas características geográficas, às disputas relativas à delimitação de fronteiras, à forma de seu povoamento e ao modo pelo qual se insere na história nacional, conforme tratamos no primeiro capítulo.

Filiadas ao sistema de pensamento benvenistiano observamos a indissociabilidade entre homem e linguagem, em nosso caso, entre o gaúcho e a linguagem que usa para se representar, pois como o próprio Benveniste ([1958], 2006, p. 287) afirma: “única é a condição do homem na linguagem”.

A linguagem é uma faculdade ou prática humana que se apresenta através de línguas específicas. O homem exerce essa faculdade através da diversidade das línguas, realizando coisas e produzindo significação, isto é, criando e recriando sentidos. A linguagem extrapola, ou seja, não se resume ao verbal, ao linguístico. Determina as condições de existência da língua (NEVEU, 2008, p. 191).

Quer dizer, a constituição de uma linguagem gauchesca que transcende o linguístico ao se representar em diferentes formas de manifestação. Ela abrange o extralinguístico, como a música, o teatro, a poesia, o cinema, e ainda, propagandas, imagens, gestos, jornais e tantas outras manifestações que o homem produz. Assim,

o significado passa a existir também fora da linguagem por meio de substâncias não linguísticas (BARTHES, 2012).

A linguagem gauchesca, tal como se representa nas textualidades selecionadas para este trabalho está no dizer, logo significa o que diferencia o sujeito do Rio Grande do Sul pela língua, em sua variedade linguística do português brasileiro.

Essa linguagem é marcada por expressões regionais, destacando-se, por exemplo, vocábulos e expressões em espanhol que estão muito presentes em uma variedade de português do Rio Grande do Sul relacionada, sobretudo, à vida do homem rural. Linguagem permeada pela fronteira e atravessada pelo espanhol. Fronteira do ir e vir, de sujeitos, de línguas que se entrecruzam na cultura do outro. “Nós nos vemos nos outros (nosotros). Nós somos os outros, nós somos nós mesmos nos outros. Essa é a maravilha da fronteira, o entrelaçar de culturas” (SCHLEE, 2014)<sup>35</sup>.

A linguagem gauchesca compreende então, o modo de falar de um grupo social que se denomina gaúcho, que se identifica e cultua uma determinada tradição e que habita, sobretudo, o espaço do Pampa, da fronteira onde essa linguagem se insere, emerge e ganha sentido. Essa linguagem própria desse gaúcho do Pampa aparece com muita força e vitalidade também na literatura regionalista, revelando traços da origem de um povo, que se constituiu na relação com outros povos. O estudo da língua culta pode produzir um processo discursivo histórico de apagamento de elementos linguísticos fortemente presentes na língua coloquial ou ficcional; mas, por outro lado, tem o poder de estabelecer relações de semelhança e de dessemelhança linguístico-cultural-literárias, que produzem uma linguagem regional, como é o caso da do gaúcho (PETRI, 2008, p. 17).

Esse português falado no Rio Grande do Sul é diferente da Língua Portuguesa em sua forma erudita, em suas normas cultas, ele não é “puro”, pois a ele “se agregaram [no passado] elementos uruguaios, argentinos, paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas, araucanos, áfricos e de várias procedências, resultado do contato entre diferentes grupos sociais ou étnicos” (PETRI., 2009, p. 31). Caracteriza-se por ser uma variedade regional. E dentro dessa variedade sul-rio-

---

<sup>35</sup>Fala do professor Aldyr Garcia Schlee extraída do documentário “A linha imaginária” sobre a fronteira Brasil-Uruguay.

grandense há mais variações, como por exemplo, a diferença que percebemos no falar de um gaúcho da fronteira, de um gaúcho da serra ou da região metropolitana. O gaúcho da fronteira é o que se aproxima mais ao gaúcho da tradição porque expõe na sua fala uma variedade linguística mais ampla no sentido de apresentar diferenças mais marcadas, inclusive, com considerável influência do espanhol.

Referir-se ao português com outro nome, outra designação produz outro sentido para esse mesmo português. O português que aí se fala não é apenas um português brasileiro, mas um português brasileiro do Rio Grande do Sul (RONA,1965). Diante disso, a língua é um traço de distinção relativo ao tipo étnico e social que simboliza o tipo social sulino, sobretudo, o da tradição campesina. A língua é o elemento que vai marcar esse lugar do gaúcho. É o que se coloca na diferença.

Outro fator que contribuiu para constituir o modo de falar da região Sul, em especial do Rio Grande do Sul, foi a distância mantida em relação aos grandes centros urbanos do Brasil. Durante o período inicial da formação da sociedade sul-rio-grandense, o Estado gaúcho tinha pouca comunicação com o resto dos estados do país. Até o final do século XIX, as comunicações eram feitas por navios e as modificações linguísticas que aconteciam no Rio de Janeiro, por exemplo, não chegavam até a província do Rio Grande do Sul. Como não teve um desenvolvimento como as demais regiões do Brasil e sua integração foi tardia, o Rio Grande do Sul, de acordo com Machado (1966, p. 21), acabou fixando alguns vocabulários sobrevividos do contato com o espanhol platino, originando, dessa maneira, o “linguajar pampeano” utilizado pelo homem gaúcho. Ao nos referirmos ao termo “linguajar”, estamos considerando como um modo de falar, uma expressão local de um pequeno grupo social e que se representa, sobretudo, na oralidade.

Considerando o estudo realizado por Laytano na obra *O linguajar do gaúcho brasileiro*, como fonte de registro dos primeiros estudos dialetológicos sobre o Linguajar Gaúcho, a língua do gaúcho, se assim se pode definir, é denominada como “o linguajar do gaúcho brasileiro”: “língua portuguesa” (p. 22); “linguagem do gaúcho” (p. 24); “linguajar gaúcho” (p. 41); “nosso dialeto” (p. 41); “linguagem popular do gaúcho” (p. 47); “português falado no Rio Grande” (p. 50); “fala do gaúcho” (p. 75). São formas linguísticas diferentes para esse linguajar: língua, linguagem e linguajar, fazendo surgir outras designações. Neste caso, a obra de Laytano é considerada como um discurso sobre o português do Rio Grande do Sul,

pelo que podemos chamar de linguajar do gaúcho brasileiro. Ao nomear esse modo de falar do gaúcho como um linguajar Laytano já está marcando sua diferença em relação ao português padrão e em relação ao português como língua nacional, pois o linguajar é um modo de falar não é uma variedade da língua portuguesa.

É neste aspecto que se encontra a diferença da obra de Dante de Laytano, a especificidade da língua, a identificação do traço regional pela reunião de termos gauchescos empregados no falar comum. O linguajar gaúcho constitui-se, segundo Sturza (2006), como a fala que identifica um tipo regional trazido do meio rural para ser valorizado, tornando-se um símbolo identitário de toda uma região, indistintamente, se urbano, se rural.

Em realidade, com essa designação de Laytano parece ser uma decorrência do que já havia sido produzido por Antenor Nascentes em “linguajar Carioca” e por Amadeu Amaral em “Dialeto Caipira”, autores vinculados aos estudos dialetológicos. Nessa mesma direção Laytano publicou também sobre outros falares como o dos pescadores do Rio Grande do Sul. A língua do sujeito gaúcho é uma língua heterogênea, haja vista a influência das várias línguas que estão em tensão: portuguesa, espanhola, indígena e também as línguas dos imigrantes alemães e italianos que num primeiro momento também fez parte da variedade regional. Esclarecendo que dentro da variedade regional temos uma marcadamente mais gauchesca, entendendo por gauchesca a variedade relacionada a uma cultura entorno do gaúcho como tipo social e simbólico.

A partir deste contexto, a influência de outras culturas deixou na língua falada pelo gaúcho, sobretudo na escrita marcas mais permanentes, que contribuíram para a riqueza e especificidade dessa linguagem, originando uma forma peculiar de manifestação linguística. Portanto, compreendemos que a língua adquire um significado social. É pela inscrição do sujeito na história que sabemos que somos sujeitos históricos e, do mesmo modo, que, sem língua, não há história nem memória. O terreno da língua como espaço de movimentação/produção/reprodução da história e da identidade de um grupo social, acaba revelando as várias facetas desse sujeito gaúcho. A língua significa, então, na sua relação com a história (ORLANDI, 1996).

Portanto, compreendemos que a linguagem gauchesca é constitutiva da identidade desse sujeito gaúcho e o significa a partir de sua existência e de seu

funcionamento na enunciação. Relação identitária que é significada na língua e nas suas relações sociais.

Trazemos os conceitos de língua, linguagem e linguajar para definir o que entendemos por linguagem gauchesca no estudo que desenvolvemos. A linguagem é todo este conjunto de enunciações que trazemos para debate, que por sua vez abrange a língua, em nosso caso, o português do Rio Grande do sul na sua manifestação linguística especificamente gauchesca; já a expressão linguajar se destaca a partir dos estudos de Laytano e trata dessa especificidade como um modo de falar marcado por sua diferença em relação ao português enquanto norma padrão, como desvio de uma norma em funcionamento sobremaneira na modalidade oral da língua.

A linguagem gauchesca recolhe exemplares linguísticos de três vertentes históricas: o português, trazido pelos imigrantes; o falar rude do homem da região da campanha, as línguas indígenas e o contato com o espanhol. O espanhol constituiu-se então de uma grande fonte para essa linguagem gauchesca dada suas influências nos falares fronteiriços entre Uruguai e Argentina. Essa presença do espanhol na linguagem gauchesca é observada especialmente na linguagem informal e no meio rural.

Sturza (2006) mostra que até a década de 1950 o espanhol tinha presença muito maior nos hábitos linguísticos das populações brasileiras de fronteira, sobretudo em virtude de uma integração vial mais intensa com Buenos Aires e Montevideu pelo desenvolvimento econômico dessas capitais rio-platenses, tendo a população fronteiriça mais proximidade e acesso aos portos dessas capitais do que aos centros econômicos e políticos do Brasil.

No lado brasileiro da fronteira, o espanhol teve sua presença mais marcante no Rio Grande do Sul, durante o século XIX, provavelmente porque havia nesta época um fluxo comercial mais contínuo entre as populações da fronteira, que era determinado pelo tipo de economia agropecuária, baseada na produção do charque. Também existia uma tendência de valorização do regional e da cultura gauchesca por parte dos intelectuais sul-rio-grandenses, que os fazia incorporar influências castelhanas, de modo especial, na produção literária. No entanto, as influências do espanhol sobre as expressões culturais do Rio Grande do Sul, principalmente na constituição de um linguajar do gaúcho, foi objeto de muito debate por parte da intelectualidade gaúcha, como Guilhermino César, Dante Laytano, Moisés Velhinho, Manoelito de Ornellas, entre outros. (STURZA, 2006a, p. 50).

Por outro lado, Laytano (1981, p. 122) assinala três elementos formadores da linguagem gauchesca: “a língua portuguesa do século XVIII, a língua guarany das Missões e a língua castelhana”. Esses grupos étnicos fazem parte do primeiro grupo de povoamento do território sul-rio-grandense. A indefinição das fronteiras territoriais com a América espanhola, as constantes batalhas na região, a falta de controle aduaneiro, a distância dos grandes centros urbanos, contribuiu para intensificar a circulação de pessoas, a atividade econômica similar, os negócios, as relações familiares e o comércio local, que colocaram línguas em contato e ajudaram a constituir a linguagem gauchesca como um elemento de identificação do sujeito dessas regiões. Com isso, a linguagem gauchesca constituiu-se como sendo uma das muitas variedades do português brasileiro, no entanto é também uma variedade do português sul-rio-grandense; nem todos gaúchos se identificam com aquilo que a linguagem gauchesca traz de memória, com o que ela apresenta de simbólico toda vez que remete a uma história e a uma cultura com referências muito específicas.

Como resultado dessa sociedade que se formou do contato entre os povos provenientes de ambos os lados da faixa fronteira, a manifestação linguística também revela e faz significar ideologias sobre o sujeito gaúcho, que ao fazer uso dessa linguagem se assume ideologicamente, conforme dito no capítulo anterior. Essas expressões linguísticas próprias do homem do campo, do fronteiro, vão resultar, inclusive, na produção de um discurso sobre a língua, pautado na heterogeneidade linguística do português gaúcho, diferenciadora desse grupo social e, sobretudo, caracterizada pelo tom regional.

De acordo com Guimarães (2006, p. 47- 48),

[...] as línguas funcionam segundo o modo de distribuição para seus falantes, ou seja, línguas não são objetos abstratos que um conjunto de pessoas em algum momento decide usar. Ao contrário, são objetos históricos e estão relacionadas inseparavelmente daqueles que as falam. Não há língua portuguesa sem falantes desta língua, e não é possível pensar a existência de pessoas sem saber que elas falam tal língua e de tal modo. É por isso que as línguas são elementos fortes no processo de identificação social dos grupos humanos.

As línguas estão ligadas ao processo de subjetivação dos sujeitos. Ao constituírem seus falantes, as línguas fazem parte do processo social de identificação de seus sujeitos. Isso caracteriza o espaço de enunciação a que Guimarães (2002) se refere e que estamos denominando por “gauchesco” e que



será tratado no próximo item. Um espaço que reflete a relação cotidiana entre as línguas e os falantes. Essas línguas são distribuídas em relação nesse espaço, e essa distribuição é sempre desigual.

No plano da enunciação, os enunciados, verbais ou não verbais, representam os dizeres de um sujeito social que significa na língua a sua identidade. A linguagem gauchesca, quando funciona na sua materialidade linguística recupera pela língua traços que identificam esse sujeito como gaúcho, dando-lhe um lugar de representação social, logo remetendo a um modo de vida, a uma identidade, a uma regionalidade. Temos, portanto, a constituição de saberes sobre a língua com suas especificidades locais e regionais.

A linguagem gauchesca faz parte da língua portuguesa, que por sua vez, é também brasileira de forma que também se inscreve no espaço nacional. Isto nos permite identificar uma representação de língua que está significada num território. É a mesma língua portuguesa, mas sempre diferente de si mesma. Desse modo, linguagem remete ao regional, enquanto que língua remete ao nacional.

Os registros expressos nos recortes que constituem nosso *corpus* contribuem para marcar as diferenças entre o português brasileiro e o português falado no Rio Grande do Sul, atravessado por muitas línguas, assinalando assim diferenças entre línguas e sujeitos inseridos em histórias e contextos diferentes.

Portanto, quando dizemos linguagem, estamos nos referindo a todos os sistemas de produção de sentidos, formas de comunicação e significação modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação social diversos da linguagem verbal. Nessa medida, *linguagem* abrange também outras formas de linguagens como a dos ruídos, a dos sinais, a da arte, desenhos, pinturas, que se constituem como sistemas de representação do mundo. Ao designarmos a língua do gaúcho por linguagem gauchesca, entendemos e acreditamos que essa se constitui e se expressa tanto por frases, canções, palavras, como por imagens, sons, gestos, que dizem respeito a um modo de falar específico da cultura do Rio Grande do Sul e que contribuem para a construção de um saber sobre a língua representado na “figura” do gaúcho.

Ao tratarmos da definição de língua que estamos considerando, tomamos a que considera a língua em uma nova extensão, a da significação, que só se dá na instância do discurso, isto é, na enunciação. Nessa perspectiva, a partir de

Guimarães (1987), é que definimos a língua como uma dispersão de regularidades linguísticas constituídas sócio historicamente.

Assim, a língua é vista na singularidade do sistema, ou seja, a língua passa a ser considerada pela sua subjetividade enquanto está em exercício pelo sujeito que a utiliza e a atualiza a partir da enunciação. Pela enunciação a língua se converte em discurso. Guimarães (2006, p. 124), afirma que a enunciação é o acontecimento em que a língua funciona e assim constitui sentido. Benveniste ([1970] 2006, p. 81-92) entende a língua como uma estrutura na qual subjaz elementos disponíveis ao sujeito para dela fazer uso. Com isso, tem-se que o sistema da língua se realiza a partir do sujeito falando.

Segundo Guimarães (2004, p. 9), é preciso mostrar as relações entre as palavras enquanto relações na língua. E a língua, tal como ele pensa, está exposta à enunciação (enquanto acontecimento histórico), e isto a constitui.

Na perspectiva dos estudos enunciativos, a língua produz sentidos no seu funcionamento. Uma língua é mais do que podemos inferir de um conjunto de enunciados efetivamente realizados: qualquer que seja a dimensão desse conjunto, ele será sempre limitado, enquanto conjunto, pelas condições específicas de produção de seus enunciados. Por outro lado, uma língua é menos do que podem prever as regras de um dado modelo gramatical: haverá enunciados cujas condições específicas de formação, pelo menos parcialmente, desautorizam as regras. Assim, há uma discrepância na relação entre uma língua e seus enunciados; o espaço da língua e o espaço dos seus enunciados não são contemporâneos (DIAS, 1996, p. 71).

Para Celada (2002), a língua como constitutiva do sujeito é muito mais do que falada, é a língua que atravessa este sujeito como ser simbólico, ou ainda é a língua que o designa. É um sistema de regularidades que caracteriza um determinado povo.

É pela inscrição do sujeito na história que sabemos que somos sujeitos de algum lugar e, do mesmo modo, que, sem língua, não há história nem memória. O terreno da língua como espaço de movimentação/produção/reprodução da história e da identidade de um grupo social, acaba revelando as várias facetas desse sujeito gaúcho. Um enunciador gaúcho, que também se marca na língua e, por consequência, representa enquanto discurso de uma identidade regional. Temos a presença de um locutor que está inserido num lugar social; um enunciador que

enuncia a partir do ponto de vista do sujeito gaúcho. A língua é então materializada no dizer por um sujeito que se designa e se subjetiva como “EU” na linguagem. Um sujeito que ao enunciar, está significando a relação das línguas as quais afetam sua enunciação. A língua é então materializada na enunciação na sua forma, e seus sentidos emergem do ponto de vista desse enunciador social que é o gaúcho permeado pela linguagem gauchesca.

A especificidade da linguagem, especialmente quando nos referimos à linguagem gauchesca, se desvela quando é relacionada ao homem, à sua natureza, pois “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, [1958], 2006. p. 285). Do que podemos compreender que linguagem e homem estão fortemente vinculados em Benveniste, pois a linguagem é constitutiva do homem. A linguagem é “condição do homem” – já que é ela que ensina a própria definição do homem (op. cit.). A linguagem é constitutiva do sujeito nas suas relações sociais.

A língua só existe como expressão do sujeito, o qual só existe na linguagem. O homem apropria-se da língua para colocá-la em uso, e nisso a linguagem é o que constitui o sujeito. É na língua posta em funcionamento que evidenciamos sinais da atividade do homem.

O fato é que há uma língua, que é a portuguesa no/do Brasil, vinculada a uma gramática bem específica, a gramática da língua portuguesa de Portugal. Ao mesmo tempo, há um vocabulário bem próprio do sul do Brasil, um vocabulário que faz parte da oralidade dos falantes do Rio Grande do Sul. (DELEVATI, 2014, p. 82). Há uma linguagem própria do lugar.

É pela linguagem que o homem existe, é pela linguagem que se faz significar, é pelo discurso que podemos observar como os sentidos são construídos historicamente (Ibid., p. 95).

Nos recortes que selecionamos para este estudo<sup>36</sup> podemos salientar um discurso na língua e a construção de um imaginário que a linguagem gauchesca faz significar, atualizando uma história social do Rio Grande do Sul e a sua configuração geopolítica.

Face ao exposto, a linguagem gauchesca não se restringe a uma variedade linguística que tem por natureza constitutiva a influência do espanhol, mas também porque se significa na linguagem de uma cultura, de um modo de ser e viver, de

---

<sup>36</sup>Conforme capítulo 5.

uma produção cultural com gêneros e estilos próprios, tais como as danças, as músicas, as tradições e os costumes. Portanto, o uso dessa linguagem é um modo desse sujeito gaúcho ressaltar seus traços identitários. Sobre a linguagem gauchesca, podemos então dizer, que se constitui em uma linguagem regionalista do sul do Brasil, uma linguagem que é própria de um grupo social, que é popular e que diz respeito a uma cultura de língua falada. A linguagem gauchesca é constitutiva desse sujeito que se identifica com a tradição. Nessa direção, a “tradição” se rememora.

#### 4.2.1 Espaço de enunciação gauchesco

A enunciação, enquanto acontecimento de linguagem dá-se no espaço de enunciação, o qual, enquanto espaço do funcionar de línguas, está sempre permeado pelo político<sup>37</sup>.

Tendo como objeto a linguagem que circula nesse espaço peculiar que é o Pampa, de uma perspectiva dos estudos enunciativos, a tomamos em seu funcionamento pela enunciação, considerando a relação sujeito-língua(s), assim como a das línguas entre si.

A enunciação é produzida de acordo com determinadas condições, expressas em situações próprias, que servem para o entendimento dos sentidos produzidos no discurso. Estas condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação, juntamente com o contexto sócio histórico envolvido no ato discursivo.

O espaço de enunciação do Brasil tem suas particularidades. Nele funcionam o português, língua oficial e nacional e língua materna da grande maioria dos brasileiros, línguas indígenas, línguas de imigração, línguas de fronteira, e, mesmo que precariamente, línguas africanas. Mas essas línguas, ao funcionarem nesse espaço específico, se modificam em virtude das relações particulares que têm, em virtude da relação de seus falantes uns com os outros<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Aqui, aludimos à concepção de *político* desenvolvida por Guimarães, para quem o político caracteriza-se por ser “algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem”. Essa noção é então compreendida como um “conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento.” (Guimarães, 2005, p. 15-16).

<sup>38</sup> Fonte: <http://www.labor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=212>. Acesso em: 25/08/2014.

Esta relação que se estabelece entre o falante e as línguas constitui um espaço que Guimarães (2002) denomina de Espaço de Enunciação. Os Espaços de Enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços habitados por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer (Ibid., p. 18). Esse espaço é então caracterizado como um espaço de relação entre línguas, entre falantes e entre línguas e falantes (Id., 2011, p. 23). O sujeito tem seu dizer regulado pelo espaço de enunciação, o qual determina os lugares e os modos de dizer.

Os Espaços de Enunciação são, portanto, habitados por falantes que atuam como figuras políticas “divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (Guimarães, 2005: 18), sendo assim, espaços políticos.

Ainda, segundo o autor (2011), o falante é a figura da enunciação determinada por esse espaço enunciativo. O falante só é falante enquanto falante das línguas de um espaço de enunciação específico.

A presença das duas línguas em um mesmo enunciado significa a permanência contínua do lugar do encontro, que pode ser o do conflito. A instabilidade também faz com que as línguas funcionem discursivamente em um constante processo de mistura. (p. 75). Sentidos de uma língua são apropriados pela outra língua e novos dizeres se constituem (Id., 2006, p. 75).

As línguas, então, estão constituídas de sentidos que significam ainda mais quando se enunciam na fronteira, fronteira do transgredir e do integrar, pois dizer e significar a fronteira, também, é dizer e significar outras fronteiras. (STURZA 2006a, p. 68-69). Há a presença de outra língua que está explicitamente dentro do espaço enunciativo do português, que é o espanhol. Aí ambas compartilham um mesmo espaço enunciativo significando um modo de entrada de uma língua no espaço de enunciação da outra, fazendo surgir o que Sturza (2006a, p. 74) denomina de Espaço de Enunciação Fronteiriço.

Esse espaço,

[...] é um espaço constituído pelo entre línguas, no qual se inclui o cruzamento de línguas. E o cruzamento é significado de dois modos: pela presença concomitante das duas línguas nacionais, em um mesmo enunciado, ou pelo resultado da mistura dessas línguas que se materializa em uma outra prática linguística.

Esse cruzamento das duas línguas resulta em um modo de circulação da língua espanhola no espaço de enunciação do português. Os sujeitos são distribuídos entre línguas, de acordo com Sturza (2010), de diferentes modos: falando cada um na sua língua; falando, às vezes, segundo a competência linguística, com alternância de códigos; ou utilizando uma mistura das duas línguas.

Portanto, o Espaço de Enunciação Fronteiriço é um espaço constituído por um conjunto de línguas, no qual se inclui a mistura das línguas. As relações entre as línguas se significam nesse espaço de enunciação fronteiriço de modo diferenciado em relação a outros espaços de enunciação.

Uma língua que funciona em estado de interface com a outra, pertencente a um conjunto de representações histórico-sociais e interculturais que as identificam como tal. Ao estarem condicionadas à presença uma da outra, essas línguas se organizam politicamente para significarem a fronteira nos seus variados aspectos. (STURZA; FERNANDES, 2009, p. 212).

Os sujeitos se significam ao moverem-se entre uma língua e outra, decorrentes de uma mobilidade social, atravessada pelas condições sócio históricas que vão impondo a construção de uma nova territorialidade (STURZA, 2010, p. 85), um novo espaço constituído por um conjunto de línguas, no qual se inclui a mistura das línguas. Mistura que resulta da interface entre duas línguas em contato (português e espanhol), por ser enunciada desde esse lugar particular, por ser reconhecida na mescla, porque funciona para interagir com o outro (Ibid., p. 95).

Na fronteira, elas se enunciam de modo distinto, produzem sentidos para tal relação nas discursividades nas quais passam a representar a condição mesma do contato, que só pode se dar entre línguas que se aproximam enunciativamente, relação que entendemos como hierárquica e política (STURZA, 2010, p. 98).

Através dessa possibilidade de pensar a língua, a enunciação e o sujeito que nelas se encontra, é possível apontar uma resignificação da linguagem gauchesca devido ao contato com o espanhol.

Enquanto falantes, estamos todos, no dia a dia, afetados pela linguagem. Esses falantes são caracterizados histórico-socialmente pelo modo como são tomados pelas línguas e suas divisões, e que nesta medida se distinguem linguisticamente (GUIMARÃES, 2005, p. 19).

Os sujeitos se significam ao moverem-se entre uma língua e outra, decorrentes de uma mobilidade social, atravessada pelas condições sócio-históricas que vão impondo a construção de uma nova territorialidade (STURZA, 2010, p. 85), um novo espaço constituído por um conjunto de línguas, no qual se inclui a mistura das línguas.

Cada espaço de enunciação tem uma regulação histórica específica, ou seja, distribui as línguas que estejam em relação em condições históricas, de um modo particular. [...] As línguas estão constitutivamente ligadas ao processo de identificação social dos grupos humanos, ou seja, as línguas não são abstratas e as pessoas sempre falam uma língua e de um certo modo. Em outras palavras, as pessoas não falam uma língua sempre do mesmo modo. E essas diferenças entre como as línguas constituem seus falantes fazem parte do processo social de identificação dos sujeitos. (GUIMARÃES, 2005, p. 10-11).

A linguagem gauchesca se representa na constituição de um espaço enunciativo particular, a região do Pampa, fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai. Espaço que em nosso estudo estamos denominando e referindo como “Espaço de Enunciação Gauchesco”. O Brasil, segundo Guimarães, é um espaço de enunciação em que as línguas convivem e se relacionam a parte das inúmeras tentativas do Estado de unificação linguística, apresentando-nos, então, um espaço de enunciação marcado pelo contato linguístico. O referido autor considera ainda que, ao estudarmos as relações das línguas com os seus falantes, verificamos que a forma como o falante se significa se dá pela língua e que essa significação o identifica socialmente. É essa relação entre os falantes e as línguas que significa de forma mais intensa como o gaúcho se relaciona com a língua. Para tanto, tomamos as línguas no seu funcionamento discursivo.

Partindo dessa premissa, consideramos que o conjunto de textualidades analisadas fazem parte de um espaço de enunciação específico, fazendo com que se apresentem sentidos diferenciados, nesse espaço enunciativo, de outros espaços enunciativos, e que seus sentidos são construídos por uma confrontação de línguas na configuração de um espaço próprio.

O aparecimento dessa linguagem nesse espaço de enunciação traz o Pampa, a fronteira, marcando, na materialidade linguística, os sentidos constituídos na materialidade enunciativa.

Com isto, consideramos que as manifestações linguísticas do sujeito gaúcho fazem parte de um espaço de enunciação específico, fazendo com que apresentem

sentidos diferenciados de outros espaços enunciativos, e que seus sentidos são construídos por uma confrontação de línguas na configuração de um espaço próprio. O universo gauchesco está desenhado pelo pampa, o “pago”, o chão do gaúcho, que reflete o discurso sobre o gaúcho representado nas textualidades recuperadas para este estudo. No caso do Pampa, o espaço de enunciação, ao ser o lugar onde os sujeitos colocam em funcionamento as línguas às quais estão expostos e por elas se significam (Guimarães, 2005), é o lugar onde o sujeito falante se apresenta como um enunciador gaúcho para significar o pertencimento ao lugar.

A análise que propomos em nossa tese revela a observação de determinadas manifestações linguísticas e, neste caso, sobre uma especificamente representativa também da identidade sul-rio-grandense, por apresentar uma perspectiva de mundo de sujeitos que vivem, circulam e enunciam entre línguas, tornando-se representativo de um espaço social e de um contexto sócio histórico capaz de produzir um discurso característico e diferenciado do restante do território brasileiro. Temos a presença de um enunciador que está inserido num lugar social; um enunciador que enuncia a partir do ponto de vista do gaúcho.

Nesse espaço de circulação da linguagem constituído pelo Pampa, é que se apresenta a construção desse gaúcho do campo, reforçado pela utilização de marcas linguísticas típicas do discurso *do* e *sobre* o gaúcho e que marcam a atribuição de uma identidade gaúcha, especialmente fora do Estado, diante do resto do Brasil, contribuindo para a constituição desse tipo regional. O locutor enuncia sua posição de sujeito e com isto marca-se na língua.

O corpus que analisamos está constituído de materialidades produzidas na linguagem gauchesca constituída e representada em diferentes textualidades do discurso publicitário. Entendemos essas materialidades como textualidades capazes de significar a presença da linguagem gauchesca pela circulação em um lugar que estamos conceituando como Espaço de Enunciação Gauchesco. A nosso ver, as materialidades recortadas em nossa análise constituem textualidades capazes de representar os espaços de enunciação das línguas, permitindo-nos lançar um olhar sobre a configuração da circulação da linguagem gauchesca no Pampa, o que nos leva à reflexão de que aí se constitui um espaço de enunciação diferenciado, que já mencionamos como Espaço de Enunciação Gauchesco.

Desse modo, a constituição da linguagem que estamos estudando resulta, portanto, do modo como se dá a mobilização dos falantes nos espaços de



enunciação, fazendo circular as línguas, uma no espaço da outra, às vezes, verbalizadas numa mistura como é o caso do português e do espanhol.

A linguagem gauchesca, conforme afirmamos anteriormente, se insere, emerge e ganha sentido no Pampa, este espaço simbólico onde o gaúcho se constitui no contato com argentinos e uruguaios, nesse constante ir e vir entre os dois lados da faixa fronteira, ou seja, se constitui entre espaços e línguas.

O sujeito se apropria de um espaço geográfico que é o Pampa para se apropriar da língua. É uma forma de coloca-la em funcionamento pela enunciação. Para Benveniste (1989, p. 84), “enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação”. O espaço do Pampa é, então, transformado, reconfigurado por um sujeito que, pela enunciação, apropria-se daquele pela língua. Logo, consideramos o Pampa enquanto um espaço de enunciar de línguas e falantes que circulam no território fronteiro, como um lugar do dizer, que significa a relação do sujeito com o próprio território e atualiza sentidos.

Como cada espaço de enunciação tem uma regulação específica, esse Espaço de Enunciação Gauchesco se diferencia do Espaço de Enunciação configurado por Guimarães e do Espaço de Enunciação Fronteiro estabelecido por Sturza, pela especificidade e particularidade dessa linguagem gauchesca, pelos seus elementos regionais que vão além do território e pela singularidade de expressões e manifestações que determinam e extrapolam a própria identidade do Rio Grande do Sul, criando um espaço de enunciação sobre o gaúcho, no qual encontramos o cruzamento de línguas e discursos diferentes.

#### **4.2.2 O território da linguagem**

Para melhor discutir nesta seção a noção do que estamos considerando como território e de como este se relaciona com a linguagem, trazemos algumas definições para as noções de espaço e território, na medida em que estas surgem atreladas uma à outra.

Segundo Haesbaert (2005), uma visão mais tradicional concebe o território reduzido a sua dimensão jurídico-administrativa, vinculada à delimitação e ao controle de áreas geográficas pelo Estado.

Historicamente sempre foi fundamental delimitar um território seja pela identidade social dos grupos que ocupavam esse espaço, pela cultura, pelo

estabelecimento de sua língua, seus símbolos, seus costumes, etc., ou pela manutenção de diferenças regionais e culturais. A linguagem é um elemento caracterizador de um território. Para melhor compreender essa questão é importante considerar a fronteira a partir das relações ali vividas, significando sua organização, sua configuração como espaço de mobilidade, contatos, interfaces, trocas e fluxos diversos, conforme já mencionamos.

Partindo dessa premissa podemos ver que este conjunto de enunciações que se formula sobre o gaúcho e que tomamos como parte de nosso objeto de análise constitui a língua como um traço diacrítico que os sujeitos exibem para demonstrar e conservar sua identidade mediante a interação com membros de outros grupos. Com isso, esses dizeres que constituem a linguagem gauchesca e que estamos denominando como “do gaúcho” não estariam restritos ao território, pois são levados para além das fronteiras territoriais, preservando suas tradições, sua linguagem e seus costumes, constituindo um modo singular desse sujeito relacionar-se com a língua. Mesmo fora do Rio Grande do Sul, pela transposição de fronteiras, os gaúchos partilham um conjunto de práticas e representações expressas no “ser gaúcho” (KAIZER, 2010).

Assim, conforme expõe Maciel (2001, p. 247), a partir desta ideia, existiria uma essência no “ser gaúcho” que o definiria como tal e essa assim chamada “essência” seria traduzida, sintetizada e expressa pela figura emblemática do gaúcho. A partir desta visão essencialista, o que atualmente predomina no imaginário coletivo é a figura romantizada do gaúcho, associada à historiografia oficial, aos feitos heroicos de um gaúcho mítico, que surge e se mantém em torno das relações com o campo e com o universo das estâncias, conforme já exposto.

No cenário específico do Pampa, região de fauna e flora características, formada por extensas planícies que dominam a paisagem do Sul do Brasil e parte da Argentina e do Uruguai, nasceu o gaúcho, essa figura histórica, dotada de bravura e espírito guerreiro, resultado de batalhas e revoltas por disputas de fronteiras entre os reinos de Portugal e Espanha, a partir do século XVI.

O Pampa é o único bioma<sup>39</sup> localizado somente em um estado brasileiro, o Rio Grande do Sul. Com cerca de 700 mil km<sup>2</sup>, o pampa é um dos grandes biomas

---

<sup>39</sup> Bioma é uma unidade biológica ou espaço geográfico caracterizado de acordo com o macroclima, a fitofisionomia (aspecto da vegetação de um lugar), o solo e a altitude específicos. O Brasil é formado

do planeta. Inicia-se na Argentina, estando presente em todo o Uruguai e na metade sul do Rio Grande do Sul. É uma das maiores regiões de campos temperados do mundo. Caracteriza-se por apresentar grandes áreas cobertas por campos, associados às matas ciliares e banhados<sup>40</sup>.

O Pampa é diluidor de fronteiras, território da liberdade, lugar de encontros amistosos e do Mercosul hoje, de guerras ferozes no passado, mas sempre imóvel e soberano (BRASIL, 2002, p. 128). É a terra dos gaúchos, inexoravelmente sem limites. A figura do gaúcho está ligada a esse ilimitado, a esse além fronteira. O território, mais profundamente ainda, a alma do “gaúcho” é uma paisagem, na qual só a silhueta do homem a cavalo estabelece um ponto assinalado na imensidade (LEENHARDT, 2002, p. 30).

Conforme o mapa abaixo, podemos ver que a campanha é o pedaço do Rio Grande do Sul que vai compor junto com a Argentina e o Uruguai, o Pampa.



Delimitação da Região do Pampa. Fonte: <http://www.revistaecosistemas.net/index.php/ecosistemas>

por seis biomas de características distintas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

<sup>40</sup>Fonte: <http://www/miguelvonbehr.com.br/ecossistemas-brasileiros/fase-i/pampa-gaucha/>. Acesso em 25/08/2014.

Nesse processo de construção e legitimação de uma figura emblemática retornou-se ao passado e ao universo rural da campanha, a região das estâncias, onde o gaúcho histórico surgiu e adquiriu significado. Ancorada, pois, no mundo pastoril-pampeano, os traços que forjam e alimentam a figura (por exemplo, o uso do cavalo, a vestimenta – a bombacha, e os hábitos – chimarrão, etc.) correspondem, historicamente, a essa região específica. [...] Cria-se, assim, um “pampa simbólico” que, com o tempo vai extrapolar tanto os limites da campanha e do meio rural quanto os limites regionais [...]. (MACIEL, 2000, p. 82).

É nesse espaço que se apresenta a construção deste gaúcho do campo, reforçado pela utilização de palavras e expressões que marcam uma variedade do português do Rio Grande do Sul e que assinalam a atribuição de uma identidade gaúcha, especialmente fora do Estado, diante do resto do Brasil, contribuindo para a constituição desse tipo regional. A construção dessa identidade é referenciada, através de elementos que apresentam relação com o rural, com o Pampa e com diversos atributos que dizem respeito a seus hábitos e costumes.

Há um espaço que predominantemente é o Pampa e encima deste espaço comum, uma cultura comum, que é a cultura gaúcha. O pampa é a paisagem comum e esse espaço físico é um espaço de identificação do gaúcho pelo predomínio de uma cultura que foi desenvolvida a partir da exploração de gado nesse território exemplar e único no mundo, o Pampa. O homem que se adestrou neste tipo de ofício foi este homem que nós chamamos de gaúcho, que seria o gaúcho real, caracterizado pela estética do Pampa e pelo estereótipo do gaúcho da fronteira. Homem aventureiro, destemido, guerreiro, bruto. Filho do encontro violento entre o europeu e a mulher indígena. (SCHLEE, 2014)<sup>41</sup>.

O Pampa é permeado por essa cultura de fronteira, cultura de entremeio, que se significa em hábitos e costumes comuns. E é nessa paisagem, nesse espaço comum, que o gaúcho se forma. A construção de uma identidade gauchesca está associada ao sujeito que tem relação com o rural, com o Pampa e com um modo de falar específico. O gaúcho constitui-se na e pela história, de modo que passa a caracterizar-se por suas atividades, seu modo de viver, pelos usos, costumes, crenças, valores, sua cultura, enfim. A fronteira é constitutiva do Pampa (o Pampa é um espaço transfronteiriço) e, ao mesmo tempo, é um elemento/uma concepção que atravessa a língua e o modo de enunciar deste sujeito e nesta linguagem gauchesca.

---

<sup>41</sup>Fala do professor Aldyr Garcia Schlee extraída do documentário “A linha imaginária” sobre a fronteira Brasil-Uruguay.

A representação do lugar, nesse caso, o Pampa, pelo viés da relação com a língua funciona na constituição desse sujeito gaúcho que se significa na história do Rio Grande do Sul. É nesse lugar que está inscrito um discurso sobre o gaúcho. Cabe-nos, portanto, situar de qual gaúcho se está aqui falando. Maciel (2001, p. 245) diz que

sob esta denominação podemos nos referir tanto a todos os *sul-rio-grandenses* (um gentílico) como também ao *homem das estâncias* ligado às atividades pastoris (de ontem e de hoje), como também é possível pensar em uma *figura emblemática*, construída a partir do homem do campo e que acaba implicando *todos os nascidos* no estado. Em outras palavras, é criada, a partir de uma série de representações ligadas ao homem do campo (que serve como referencial básico) que fazem parte do imaginário local (constituem e alimentam-no), uma figura que serve como modelo, implicando o conhecimento e reconhecimento de todos os gaúchos.

É este gaúcho, enquanto sujeito histórico, social e político que toma voz na enunciação, que se constitui como sujeito de nossa pesquisa e que tem uma linguagem que se organiza por certas condições sócio históricas e que o institui como sujeito enunciador gaúcho.

Pelo exposto, percebemos que a individualização do sujeito gaúcho ocorre justamente nessa passagem, em que o perfil do gaúcho brasileiro é o de “mestiço”, aliado, ainda, ao fato de conciliar lusitanismo e platinismo. Ou seja, reconhece as duas matrizes (lusitana e platina) e produz um novo sentido, ao tratar do que seria o encontro de diferentes etnias e múltiplas expressões. Esse novo sentido é dado a partir dessas circunstâncias histórico-sociais e produzido para dar origem ao gaúcho enquanto tipo social de hoje. Esse caráter não estático do gaúcho é evidenciado por Hessel (1967, p. 34), que diz que o gaúcho não foi um tipo único, fixo, imutável através do tempo social. Pelo contrário, teve sua gênese, seu período de formação, sua juventude e seu apogeu, sua maturidade e sua decadência.

Com isto, segundo Mota (2014, p. 39) espaço e território não devem ser tomados como equivalentes, se trata de uma diferença conceitual devido à anterioridade do primeiro em comparação ao segundo, pois o território se funda a partir do espaço, é produto da ação de sujeitos que atuam sobre ele, “é o resultado de uma ação de atores sintagmáticos” de acordo com Raffestin (1993, p. 143). O que promove a conversão do espaço em território é a sua apropriação (concreta ou abstrata), sua territorialização. O território surge, então, como produção, limitado pelo próprio homem, determinantemente constituído por relações de poder (Ibid., 1993).

O espaço também pode estar relacionado com as noções de paisagem. Para o geógrafo Santos (1997), o espaço enquanto efeito da produção humana configura-se por meio de objetos naturais e artificiais, sendo a relação entre o homem e a natureza de ordem cultural, mas também política, técnica, etc.

Em consonância com o que nos expõe Haesbaert (2004), vinculada à questão do território está a de territorialidade, pois é por meio dessa que espaço e território diferenciam-se. Como apropriação do espaço a territorialidade pode ser múltipla. Fala-se então em territorialidades, pois muitas são as formas de poder e os sujeitos que os exercem na construção de territórios: indivíduos, grupos sociais, o Estado, as empresas, instituições como a igreja, etc.

Assim, segundo Mota (2014, p. 49), a territorialidade abarca não só uma dimensão exclusivamente política, mas se refere também às relações econômicas, culturais e linguísticas, pois estas se ligam ao modo como as pessoas fazem uso do espaço e se organizam em torno dele, atribuindo sentidos ao lugar. Para Raffestin (1993, p. 158), a territorialidade “reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral”.

Portanto, na territorialização do espaço, o que há é um processo que se rearranja ao longo do tempo de acordo com as diferentes condições sócio históricas e com a atuação de sujeitos que acabam por demarcar territórios pelo modo como dele se apropriam, não respondendo apenas a uma determinação jurídico-administrativa (HAESBAERT., 2005).

Desse modo, Ludmer (2010, p. 187), define que se pode constituir o território da língua como pátria subjetiva e como um dos territórios latinoamericanos do presente, pois a língua neste caso se caracteriza como a língua de encontro, instrumento de comunicação e pátria comum.

Para a autora,

El territorio de la lengua aparece como un campo de opresión sin opresor y un típico territorio del presente: real, virtual, abstracto concreto, natural (el lenguaje como facultad humana preindividual), económico (hay una “industria de la lengua”), político (hay “políticas de la lengua”) y afectivo (“la patria del emigrado”)<sup>42</sup> (LUDMER, 2010, p. 188).

---

<sup>42</sup>O território da língua aparece como um campo de opressão sem opressor e um típico território do presente: real, virtual, abstrato, concreto, natural (a linguagem como faculdade humana pré-individual), econômico (existe uma “indústria da língua”), político (existe “políticas da língua”) e afetivo (“a pátria do emigrado”).

Ludmer (op. cit.) ainda afirma que este território está feito de palavras (ditas, ouvidas, vistas, lidas, lembradas) e de tudo o que circula em nosso idioma: rádios, jornais, revistas, telefones, internet, blogs, chats, manuais, dicionários, enciclopédias, entre outros tantos meios. Podemos dizer então, que é nesse território que a linguagem gauchesca se constitui e adquire sentido. A linguagem gauchesca ocupa o espaço do CTG, da música, dos rodeios, da literatura, da fronteira, da dança, da culinária, das trovas, dos contos, dos gestos e de outras tantas expressões e manifestações que exploram e fortalecem o imaginário pampiano.

Pensar a relação língua e território a partir de uma concepção de fronteira nos revela que este espaço marcado pela presença das línguas, sobretudo a portuguesa e a espanhola, ultrapassa os limites geográficos e permite o deslocamento dessas línguas para além das margens desse entre lugar. Deste modo, língua e território contribuem para a constituição, definição e manutenção desse gaúcho. Ao tomar a linguagem gauchesca enquanto objeto de pesquisa, refletimos sobre seu funcionamento e sua relação com os sujeitos, considerando-a em seu conjunto, colaborando para a manutenção dessa linguagem no Rio Grande do Sul e também fora dele. Com isto, a relação entre sujeitos e línguas na região fronteira constitui-se permeada por sua relação com o espaço e/ou território como uma construção geopolítica e sócio histórica.

Ao pensarmos sobre o sentido da palavra fronteira, quando estamos nos referindo ao território, somos conduzidas ao estabelecimento de quatro diferentes tipos de fronteiras que se encontram e se delimitam entre si: social, geográfica, linguística e étnica. Contudo, somos levadas a pensar também no modo como essas fronteiras são móveis quando estamos tratando de línguas. Temos uma fronteira que é própria da língua.

Pautando-se no antropólogo Frederick Barth (1998), por considerarmos o gaúcho um grupo social, abordamos a questão da etnicidade e a persistência das fronteiras criadas por unidades étnicas. Para o autor a etnicidade estaria relacionada com a organização dos grupos étnicos e as fronteiras seriam mantidas apesar da movimentação e intercâmbio entre eles, além do que delimitariam a posição do grupo ou indivíduos nas diversas relações. As fronteiras são mantidas a partir de um conjunto ilimitado de traços culturais. Define ainda, os grupos étnicos enquanto categorias de atribuição e de identificação de grupos sociais, que estão vinculados

aos traços culturais e aos traços de pertencimento, atribuídos pelos próprios participantes do grupo. O autor (Ibid.) nos diz que as identidades são construídas e transformadas na interação de grupos sociais por meio de processos de exclusão e inclusão e que tais processos estabelecem limites para estes grupos, definindo quem os integra.

Deste modo os grupos conservam sua identidade para além das fronteiras sociais. Observa-se a manutenção dessas fronteiras, através das quais os limites culturais persistem entre os quais está a língua.

Para Barth (1998, p. 226), as fronteiras são igualmente mantidas entre as unidades étnicas e que, conseqüentemente, é possível especificar a natureza da continuidade e a persistência de tais unidades. Essas fronteiras podem ser mais ou menos fluidas, moventes e permeáveis. Podem manter-se, reforçar-se ou desaparecer dependendo das condições de estabelecimento, manutenção e transformação das fronteiras entre os grupos.

Conforme Barth (Ibid., p. 196) essas situações de contato social entre as pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica, pois nessa situação a língua se apresenta como uma diferença cultural persistente, além de ser uma forma de reconhecimento por parte de outros grupos.

No caso específico de nossa pesquisa, não estamos tratando apenas de sujeitos que vivem em uma região caracterizada pela presença de uma fronteira geopolítica. Mas de um espaço marcado pela fronteira que é o dizer; o que nos leva a considerar tal fronteira como linguística, ou seja, uma fronteira que decorre da delimitação de um espaço linguístico marcado pelo funcionamento das línguas e que também pode ser relacionado ao político na língua(enunciação).

Essas relações entre língua e fronteira quer seja ela física, cultural, histórica e/ou geográfica aparecem quase que na sua totalidade marcadas pelo lugar da fronteira nos estudos sobre a língua tomados por uma espécie (e ilusória) necessidade de se traçar, além de uma fronteira linguística, física e histórica, um imaginário político alimentado, muitas vezes, por um ideal separatista que cerceia a ideia de um estado independente (PETRI, 2009, p. 26).

De acordo com Lois (2004), esse movimento de desterritorialização da língua remete-nos a outro cruzamento de fronteiras, desta vez na trajetória de um processo de simbolização, pois a linguagem gauchesca cruza as fronteiras entre nações, línguas e culturas. Ou seja, se origina num espaço e acaba migrando para outros.



O Rio Grande do Sul é um exemplo significativo. Ele mostra como a cultura de uma de suas regiões se torna hegemônica e, num processo de sucessivas desterritorializações e reterritorializações, sai de sua área de origem, recobre todo o estado e vai deste para outros estados brasileiros a países para os quais os gaúchos migraram. Isso faz com que o termo gaúcho, através de um processo de elaboração cultural, perca sua conotação originariamente pejorativa e seja nobilitado até ter o atual significado gentílico de habitante do Rio Grande do Sul (OLIVEN, p. 216, 2006).

O conceito de desterritorialização, para o antropólogo, só faz sentido se for associado ao de reterritorialização, pois as ideias e os costumes saem de um lugar, mas entram noutra no qual se adaptam e se integram, como por exemplo, a culinária e as manifestações culturais. Tal fato se explica pela questão do gaúcho ter se formado e se constituído pelo Estado de fronteira. Essa linguagem que estamos estudando não é restrita ao território, pois é levada para além das fronteiras territoriais. Não se resume apenas a uma língua de fronteira geográfica. A linguagem gauchesca se desloca para outros espaços, para além de uma fronteira enquanto limite geográfico. É como se tivéssemos o apagamento dessa fronteira territorial e o estabelecimento de uma fronteira invisível, simbólica, marcada pelo pertencimento regional, inclusive para outras regiões não caracterizadas como específicas da fronteira, em regiões do Rio Grande do Sul com presença mais marcantes de imigração alemã, italiana, polonesa etc. Essa desterritorialização na língua está materializada nas misturas, nas mesclas de línguas que funcionam como mobilizadora das interações entre os sujeitos (STURZA, 2011, p. 103).

Levar em conta as diferentes noções de espaço - território – territorialidade nos ajuda a compreender como a linguagem gauchesca funciona como forma de apropriação, em um sentido simbólico, e pode operar na identificação do sujeito com o “espaço vivido<sup>43</sup>” do pampa, territorializando-o, ao mesmo tempo em que significa as relações entre o sujeito e a língua em um território geograficamente configurado. Isso mostra como o território se torna uma força mobilizadora de sentimentos intensos (OLIVEN, 2006, p. 212).

Sendo assim, as línguas surgem como elementos que contribuem para a identificação territorial e para o sentido de pertencimento dos sujeitos a uma nação ou outra, ou ainda, a um espaço de convívio e mistura de identidades. A noção de

---

<sup>43</sup> Expressão utilizada por HAESBAERT (2002, p. 70).

território que consideramos é, portanto, de lugar em que a linguagem gauchesca se constitui e hoje ocupa.

#### 4.3 UM OLHAR ENUNCIATIVO SOBRE A LÍNGUA (GEM)

A partir do modo como se organizam, distribuem-se e relacionam-se as línguas, quando tomadas pelos sujeitos que as praticam e que as significam, juntamente com a ênfase nas peculiaridades linguísticas do Estado, nesse sentido, identificar o funcionamento do atravessamento da língua espanhola na língua portuguesa, conforme estudo realizado por Tatsch (2013) nos possibilitou estabelecer a constituição de uma discursividade sobre a linguagem gauchesca.

Para analisar como essa discursividade se organiza pela reunião de dizeres que se mantém no contexto regional, recortamos para este estudo sequências enunciativas (SE) representativas do universo gauchesco.

Estamos considerando, portanto, o enunciado enquanto unidade de análise apresentado na forma de sequências enunciativas.

Guimarães (2008, p. 73) diz que

[...] o enunciado como uma unidade discursiva. Nesta medida o enunciado se caracteriza como elemento de uma prática social e que inclui, na sua definição, uma relação com o sujeito, mais especificamente com posições do sujeito, e seu sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e seu interlocutor e do assunto de que se fala.

Visando demonstrar como o sujeito gaúcho, enquanto sujeito do Pampa, está constituído no discurso regional, partimos de uma noção de sujeito que só existe a partir de um “eu” que produz enunciados em função da existência de um “tu”, demonstrando que enunciadore gaúcho é esse que se apresenta como sujeito na enunciação e procura expressar uma dada identidade regional que se manifesta na língua.

Em vista disso, tomamos a Semântica do Acontecimento a partir de Guimarães (2002) como aparato teórico-metodológico norteador de nossa pesquisa. A perspectiva semântico-enunciativa aqui estabelecida nos permite identificar os mecanismos e o funcionamento desse discurso, no qual se revela uma autoria gaúcha, no sentido de também mobilizar as especificidades do português falado no Rio Grande do Sul, que, por sua vez, instaura, tal como afirmamos, uma discursividade sobre a linguagem gauchesca, bem como, afirma o regionalismo

como um espaço de pesquisa e reflexão. Compreendemos, portanto, a linguagem numa perspectiva histórica, social e enunciativa.

Desse modo, de acordo com Guimarães (2005), consideramos a língua como constitutiva de sentidos que significam a identidade, na medida em que o sujeito ou grupo social se distribui politicamente pela língua. Nessa perspectiva, refletimos sobre a relação sócio histórica estabelecida entre língua e sujeito num espaço enunciativo próprio que constitui por sua vez discursos na língua, bem como evidencia a língua como instauradora e significativa de culturas, no recorte do regional, tal como destacamos nas materialidades linguísticas selecionadas, que como lugar de reprodução deste gaúcho, formam um discurso sobre o gaúcho enquanto tipo social. Buscamos compreender a relação que se estabelece entre a produção de um discurso, que tem como questão a língua, mais especificamente, o que entendemos como sendo uma variedade do português brasileiro, com os efeitos de sentido que a relação língua e etnia, língua e formação social produz nesse discurso.

Partindo dessas definições que tratam da língua e seu funcionamento pela enunciação, e a qual nos propõe a enunciação centrada no sujeito que se apropria do aparelho formal da língua para enunciar, consideramos que os recortes que compõem nosso *corpus* são tomados pelo viés da Semântica do Acontecimento<sup>44</sup>, na medida em que se configuram como um acontecimento enunciativo nos quais buscamos analisar o funcionamento desses enunciados, especificamente da palavra *tradição*, considerados que estão carregados de sentidos. Compreendemos a noção de acontecimento focando na sua relação com a enunciação através dos trabalhos de Eduardo Guimarães (2002).

Segundo Benveniste ([1970], 2006), o presente do acontecimento é o tempo no qual o locutor diz “eu” e enuncia. Para Guimarães (2002), no entanto, o acontecimento se apresenta diferente, na medida em que o mesmo afirma que ao considerar o acontecimento enunciativo, o faz por meio de uma perspectiva diferenciada de tempo. De acordo com o autor, não é o sujeito que temporaliza, mas o acontecimento, de forma que o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento. Assim, todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro. Esse presente e futuro funcionam por um passado que os faz

---

<sup>44</sup>O sentido está no funcionamento da língua.

significar e essa latência de futuro, que projeta sentido no acontecimento, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável. No acontecimento a língua e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua, na qual se enuncia algo, são, de acordo com Guimarães (2002), elementos decisivos para a conceituação desse acontecimento. A entrada do acontecimento produz no campo da semântica uma concepção histórica da linguagem, de modo a fazer com que se pense a atuação da história no interior desse acontecimento. Enfim, analisar o acontecimento como afetado pela história é analisá-lo como estando afetado pelos cruzamentos de discursos, ou falas e dizeres diversos, em uma relação com as condições sociais que definem a existência de todos esses dizeres.

Nessa perspectiva, a Semântica do Acontecimento é definida como “lugar em que se trata a questão da significação ao mesmo tempo como linguística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia” (Ibid., p. 85). Dessa forma, a enunciação é vista como um acontecimento, que instaura sua própria temporalidade, e é nessa enunciação que se dá a relação do sujeito com a língua.

Considerando o estudo que estamos propondo, o acontecimento ocorre pela instauração de uma discursividade sobre o “linguajar gaúcho”, fundada pela publicação de um instrumento linguístico regional (dicionários, glossários, vocabulários, literatura regional). A publicação dessas obras aliada aos estudos de Laytano, Coruja, Propício da Silveira Machado e Romaguera Corrêa deu visibilidade a um conhecimento linguístico produzido pelos gaúchos sobre a “sua” língua.

A partir desses instrumentos linguísticos o acontecimento se materializa no discurso sobre a linguagem gauchesca, colaborando para o registro de aspectos dessa linguagem.

A linguagem gauchesca quando considerada a partir do seu funcionamento é um acontecimento que coloca este sujeito gaúcho em evidência. Esse gaúcho é reconhecido como sujeito pelo lugar social que ocupa e pelos lugares a partir dos quais enuncia.

A língua, que tomamos pela enunciação, está em constante movimento nesse espaço, constituindo, mantendo e atualizando sentidos. Por isso, o acontecimento faz surgir o novo, produzindo sentidos pelo funcionamento da língua. Funcionamento esse orientado por uma memória de dizeres sociais, a partir dos quais a língua passa a ter significado. Nessa perspectiva, o acontecimento enunciativo é permeado por determinações de sentido. Os falantes se constituem enquanto sujeitos de

linguagem a partir dos sentidos que emergem de seus enunciados, sentidos que são sempre outros e que se constituem no funcionamento da língua que é político e que mobiliza uma história de sentidos, sem desconsiderar os sujeitos.

Ao trabalharmos o sentido como constituído pelo acontecimento enunciativo, é necessário ressaltarmos que esse “acontecimento é constitutivo do sentido, mas enquanto configurado pela relação do presente com a memória do interdiscurso e as regularidades da língua.” (GUIMARÃES, 2002, p. 86). Regularidades essas, autônomas e históricas. Portanto, a relação entre o presente do acontecimento desse enunciado e as condições históricas que o sustentam dá lugar à enunciação. “Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. Desse modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de um passado” (Id., 1996, p. 27). E ao trazer a memória, a atualiza para outra situação sócio histórica, sendo outra, por estar significada em outro momento.

Para o autor (op. cit.), a(s) língua(s) é (são) tomada(s) no acontecimento enunciativo, em relação com o(s) sujeito(s) e produzindo sentido(s). Guimarães (Ibid., p. 7) configura a Semântica do Acontecimento como “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”. Por outro lado, considera que “tomar o ponto de vista de uma semântica linguística é tomar como lugar de observação do sentido o enunciado. Desse modo, saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado” (Ibid., p. 7).

Concebemos a enunciação enquanto acontecimento de linguagem que se faz pelo funcionamento da língua. A língua funciona no/pelo acontecimento. Essas construções, a saber, os modos de significar a língua do/no Brasil e o falar do brasileiro, especificamente, o falar do gaúcho se tornarão parte do seu dizer, de modo que o espaço de enunciação seja transformado por esse cruzamento de dizeres. Esses dizeres significam a relação da língua com o território do Pampa como espaço social, onde o gaúcho circula.

A enunciação, enquanto acontecimento de linguagem dá-se no espaço de enunciação, o qual, enquanto espaço de funcionar das línguas, está sempre permeado pelo político. As línguas dividem-se porque, ao funcionarem, significam como o falante se relaciona com elas, como por elas está tomado. Na medida em que a língua produz um acontecimento nos oferece um passado em suas próprias

formas e essas formas são capazes de nos inserir na corrente da memória, fazendo com que presente e passado se instalem nesse acontecimento de modo a fazê-lo figurar em acontecimentos futuros.

Assim, acreditamos que todo acontecimento é captado por um dizer e esse dizer, que já vinha passando por um processo de discursivização, produz efeitos de sentido e também provoca outras discursividades. Dessa forma, o acontecimento enunciativo possibilita que o acontecimento histórico se inscreva na memória do dizer. Logo, a significação constitui-se discursivamente a partir de um acontecimento enunciativo, criando um efeito de sentido decorrente desse acontecimento. O sentido é uma relação determinada do sujeito afetado pela língua com a história. Para Guimarães (2006, p. 117), o sentido constitui-se como o colocar em funcionamento a língua pelo locutor; e a relação do funcionamento da língua com suas condições sócio históricas. As palavras são afetadas pelo acontecimento onde se inscrevem num constante movimento de sentidos.

Diante do exposto até agora, consideramos que a linguagem se significa no dizer, caracterizando uma heterogeneidade da língua portuguesa pela existência, então, de uma linguagem gauchesca. A heterogeneidade linguística é compreendida aqui conforme Orlandi (2002, p. 23):

[...] no sentido de que joga em 'nossa' língua um fundo falso, em que o 'mesmo' abriga, no entanto um 'outro', um 'diferente' histórico que o constitui ainda que na aparência do 'mesmo': o português-brasileiro e o português-português se recobrem como se fossem a mesma língua, no entanto não são. [...] A nossa língua (brasileira) significa em uma filiação de memória heterogênea.

Desse modo, através de uma abordagem da linguagem pelo viés semântico-enunciativo e conforme a interpretação e compreensão que fizemos dos conceitos trabalhados por Benveniste e Guimarães é que justificamos a análise enunciativa aqui proposta.

Consideramos diferentes textualidades, ou seja, diferentes formas de manifestação e representação dessa linguagem, que constitui um conjunto de enunciações que, reunidas, formam uma discursividade sobre a linguagem gauchesca e sobre o gaúcho enquanto tipo social singular do Estado. Essa linguagem, conforme discutido no primeiro capítulo, está constituída sob condições sócio históricas que contribuíram para o que se define como uma variedade do

português brasileiro, falado por um sujeito, o gaúcho. A linguagem específica que permite aos gaúchos se reconhecerem enquanto sujeitos históricos e habitantes de certo espaço geográfico, teria como fim primordial a fixação de tipos humanos, costumes, valores, hábitos, estilo de vida e linguagem locais. Tal linguagem é evidenciada por expressões gauchescas marcadas por uma fala mais informal. Desse modo, a força da cultura local cria uma linguagem composta em grande parte por influxos do campo e palavras oriundas do espanhol.

Compreendemos, portanto, a linguagem gauchesca enquanto acontecimento e o conjunto de textualidades que compõem nosso *corpus*, enquanto lugar de enunciação e produção de sentidos. Cada vez que o sujeito gaúcho faz funcionar essa linguagem na sua enunciação ele produz um acontecimento novo.

#### 4.4 A SUBJETIVIDADE NA LÍNGUA (GEM)

Ao reconhecer a natureza da subjetividade, Benveniste percebeu a necessidade de distinguir a língua como repertório de signos e como atividade manifestada nas instâncias de discurso. Benveniste colocou, então, a língua em uma nova extensão, a da significação, que só se dá na instância do discurso, isto é, na enunciação. E nessa teoria, a língua é vista na singularidade do sistema, ou seja, a língua passa a ser considerada pela sua subjetividade enquanto está em exercício pelo sujeito que a utiliza e a atualiza a partir da enunciação. “O discurso está sempre atravessado pela subjetividade; não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem” (MICHELETTI, 2008, p. 31).

A língua é o instrumento de que se utiliza o locutor para enunciar e produzir o discurso. Pela enunciação a língua se converte em discurso. Guimarães (2006, p. 124), afirma que a enunciação é o acontecimento em que a língua funciona e assim constitui sentido. Entretanto, Benveniste ([1970] 2006), diz que a enunciação deve ser entendida como o ato mesmo de produzir o enunciado e não como o texto produzido. É esse ato de produzir um enunciado e não o texto produzido que elege como seu objeto de estudo. E é desse modo que, partindo de manifestações individuais, ele busca no interior da língua os caracteres formais da enunciação, isto é, a universalidade do processo de enunciação. Desse modo, Benveniste, através de seu *Aparelho formal da Enunciação* (1970), caracteriza a enunciação como um

movimento vivo da língua e de seus sujeitos, que se realiza nas situações concretas de comunicação.

Gomes (2006, p. 169-170) aponta que

[...] subjetividade, na teoria da enunciação de Benveniste, emerge de um processo de intersubjetividade – de um homem falando com outro homem. Por isso, falar de subjetividade é falar de linguagem, uma vez que não atingimos nunca o homem (sujeito) separado da linguagem [...]. A subjetividade de que ele trata é a “capacidade do locutor para se propor como sujeito”. E essa subjetividade é realizável pela categoria de pessoa. Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem.

Benveniste ([1790], 2006) entende a língua como uma estrutura na qual subjazem elementos disponíveis ao sujeito para dela fazer uso. Com isso, tem-se que o sistema da língua se realiza a partir do sujeito falando. Portanto, a visão de língua defendida por Benveniste é social, funcionando no plano do linguístico, na medida em que parte das causas sociais dos fatos linguísticos para construir sua teoria. Verifica-se, essencialmente, que, para Benveniste, a língua é vista enquanto enunciação. A língua é concebida como possibilidade, pois é o sujeito que dela se apropria e a atualiza.

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 84).

Cabe-nos também fazer algumas considerações a respeito do conceito de enunciação e sobre a Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1986), ao considerarmos que a partir das colocações desse autor, bem como as de Benveniste ([1970], 2006), teremos os conceitos que serão revisitados por Guimarães (2002).

Em Ducrot (1986), encontramos que o conceito de enunciação é dado como o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. Dessa forma, o autor nos coloca que a realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico, pois é dada a existência de algo que não existia antes e que não existirá mais. É, portanto, esta aparição momentânea que Ducrot denomina enunciação. E, a partir dessa definição, o autor constitui a Teoria Polifônica que busca contestar o pressuposto de unicidade do sujeito falante.



#### 4.5 O SUJEITO DA ENUNCIÇÃO

Benveniste é um linguista que, apoiado nas ideias estruturalistas, procurou incluir o sujeito, anteriormente excluído da teoria saussuriana, na teoria linguística a partir de uma abordagem enunciativa da linguagem. Surgindo assim, no texto *Da subjetividade na linguagem*, datado de 1958, a sua teoria do sujeito. Para tal, questiona e critica a ideia de linguagem como instrumento de comunicação, pois “falar de instrumento é por em oposição o homem e a natureza. A linguagem está na natureza do homem que não a fabricou” (BENVENISTE, [1958] 2006, p. 285). Desse modo, pressupõe uma ideia de linguagem que dê ao indivíduo um status de sujeito porque “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, op. cit.), ou seja, o homem só é homem porque fala. O homem é um ser de linguagem. Mas não o é sozinho, precisa do outro. E é a linguagem que viabiliza a existência do par *eu-tu*, como sujeitos. Diante disso, podemos compreender que a linguagem é o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito, pois conforme afirma Benveniste “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito<sup>45</sup>”.

A constituição do homem como *sujeito*, como *eu*, só se dá numa relação dialógica, onde *eu* fala para um *tu*, que será na alocação deste um *eu*, e este, um *tu*. Por essa possibilidade de inversão, compreende-se o que Benveniste chama de “eco” do *eu*, possível pela extensão do *tu*. Essa polaridade é condição fundamental na linguagem, uma vez que ela existe no homem para torná-lo *sujeito*, na medida em que *eu*, manifestação máxima de subjetividade, é transcendente a *tu*, embora só exista pela realidade deste. O sujeito de Benveniste é, em resumo, um “eu” que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um “tu” – alocutário – opondo-se ambos a não-pessoa, “ele” (*eu – tu x ele*). Embora o *tu* seja complementar e indispensável, na relação é o *eu* que tem ascendência sobre o *tu*.

Benveniste defende a ideia de que o sujeito para se constituir como tal, precisa reconhecer o outro, sendo este real ou imaginário. Assim, estudando o homem na língua, Benveniste procurou entender o sujeito na linguagem como aquele que é origem da enunciação e do sentido, como a fonte do dizer. Podemos pensar então,

---

<sup>45</sup>Grande momento da enunciação: sujeito falando sempre.

que o sujeito foi uma consequência do anseio de Benveniste pela descoberta da significação, vindo a tornar-se o centro da teoria da enunciação do autor, o que nos remete a uma concepção de sujeito egocêntrico, ser único, origem e fonte do sentido.

A noção de subjetividade nos estudos linguísticos foi retomada por Benveniste, que se preocupou em analisar o processo de reprodução de um enunciado, buscando nele detectar a manifestação do sujeito. Para este autor, a subjetividade se daria por meio da capacidade de o locutor se posicionar no discurso e de propor-se como sujeito do mesmo.

Portanto, o sujeito de Benveniste é aquele que se apropria da língua e a coloca em funcionamento. É um “eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um tu – alocutário – opondo-se ambos a não pessoa, ele (eu – tu x ele)” (Brandão, 1991, p. 49).

Quem enuncia é o sujeito “enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES, 2002, p.11). “Trata-se de um sujeito que tem a capacidade de apropriar-se da língua e semantizar, e fazer significar” (Id., 2010, p. 47). Desse modo o sujeito se constitui na e pela enunciação e se dá na e pela linguagem. O sujeito se marca na língua e na linguagem pelo caráter linguístico, pelas expressões que usa, pela linguagem que o define e o singulariza e do modo como enuncia essa linguagem, o que nos faz pensar no que significa ser este sujeito do Pampa, e como esta condição se manifesta na língua, pela enunciação. A linguagem gauchesca significa o sujeito gaúcho, pois segundo Benveniste ([1966] 2006, p. 286) “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”.

É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento (GUIMARÃES, 2010, p. 70), representando a relação do homem com o mundo simbolizado pela linguagem.

## 5 UM ESPAÇO ENUNCIATIVO: CONSTITUIÇÃO DE UMA LINGUAGEM GAUCHESCA

*“Mais faceiro que guri de bombacha nova”<sup>46</sup>.*

### 5.1 TRADIÇÃO: O CONCEITO E A PALAVRA

A palavra *tradição* apresenta grande circulação nos discursos sobre o Rio Grande do Sul e tem os seus sentidos comumente associados ao tradicionalismo. Trazer o conceito de tradição neste capítulo tem por objetivo o estudo da história e do funcionamento semântico da palavra *tradição* em textos que se representam na linguagem gauchesca, para demonstrar como essa linguagem se constitui e se reforça a partir de um discurso que se sustenta entorno das tradições e de que forma essa mesma tradição, que é recorrente no discurso sobre o tipo social gaúcho, determina a linguagem gauchesca. O objetivo desta parte não é contar a história da palavra *tradição*, mas compreendê-la enquanto designação no acontecimento enunciativo.

Assim, a linguagem é pensada em seu funcionamento, logo, é um já dito que se repete, mas que é articulado a outros dizeres, outros enunciados. A palavra *tradição* é em si um acontecimento porque está constituída de história e significa segundo o lugar do dizer.

Por tratar-se de uma linguagem com diferentes enunciações que se evidencia tanto na materialidade linguística como se significa no plano da enunciação, descrevemos a linguagem gauchesca em funcionamento, mobilizando a análise para apresentar os efeitos de sentido da designação na sua relação dessa linguagem regional com a tradição.

Observando as circunstâncias histórico-sociais que produzem e reproduzem um imaginário social sobre o homem sul-rio-grandense, e pensando na constituição do nosso corpus, partimos do fato de como e em que momento da nossa história se instaura o gaúcho enquanto tipo social de uma região específica, desde o processo de ocupação e colonização do Rio Grande do Sul. Recuperando a contextualização histórica da constituição desse grupo social que recebeu o nome de “gaúcho”, conforme trabalhamos no primeiro capítulo, nosso objetivo nesta parte é abordar a constituição de uma linguagem gauchesca a partir de textos que constituem

---

<sup>46</sup> Expressão gauchesca.

discursos sobre o gaúcho no âmbito regional, identificando a construção ou manutenção de um sujeito gaúcho, e de como esse mesmo gaúcho se ressignifica e ganha reconhecimento enquanto tipo humano e cultura de uma região a partir de uma linguagem com um conjunto de enunciações, constituídos de uma história e de uma memória constantemente ressignificadas nas diferentes textualidades nas quais se enaltece o sujeito gaúcho. A linguagem gauchesca se materializa por referências visuais, estéticas e linguísticas no modo de dizer do sujeito gaúcho. Tais textualidades projetam um discurso na e sobre a língua do/no Rio Grande do Sul a partir de um sujeito que enuncia do lugar do gaúcho. O sujeito, ao enunciar, o faz a partir de uma memória de dizeres que o significa e também produz sentidos sobre ele mesmo.

A constituição dessas enunciações coloca em funcionamento os mecanismos de manutenção e atualização dessa linguagem regionalista, que se mantém pela história e pela memória. Portanto, a tradição está materializada pela linguagem.

Essa linguagem de cunho regional, tal como conceituamos no capítulo 4, remete fortemente ao Pampa<sup>47</sup>, como espaço geográfico, cultural e de ocupação econômica, na fala de um tipo social mais rural, mais especificamente, daquele que faz parte da região de fronteira, situada no oeste do Rio Grande do Sul. Nessa perspectiva, a linguagem gauchesca significa esse gaúcho. Ou seja, o tipo regional de homem da fronteira, que enfatiza costumes e tradições ligadas à região da campanha, calcado nas estâncias, base da formação social do Rio Grande do Sul. Expressão de uma linguagem que pende a terra e busca raízes no âmago do Pampa. Conforme Cesar, (1971, p. 38), “tal instrumento de comunicação forjou-se nos fogões gaúchos, nas lides do campo, de lá invadiu as cidades, criando para as tristes ‘cousas’ urbanas o disfarce agreste de nomes ingênuos ou rudes”.

Consideramos essa linguagem falada, que está em constante funcionamento, como uma língua fluida, aquela que é própria da oralidade, usada pelos falantes no dia a dia e que revela memórias, idas e vindas dos interlocutores e que não é apreensível por uma gramática, nem priorizada, muitas vezes, pelo sistema de ensino, não sujeita, portanto, às normas, às regras. Tomamos o conceito de fluida, conforme Orlandi (2009, p. 18), que diz que “a língua fluida é a língua movimento, mudança contínua, que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas,

---

<sup>47</sup>Conforme capítulo 4.

não se deixa imobilizar, a que vai além das normas e que não tem limites”, portanto, essa linguagem regional que estamos desingando por gauchesca e que se especifica baseada na cultura regional. Isso nos remete, sobretudo, à especificidade lexical, como algo próprio da área rural/pastoril e marcada pela oralidade, muito mais próxima da representação de uma língua fluida do que de uma “língua imaginária<sup>48</sup>”, porque a linguagem gauchesca tem uma ordem própria, mas não está normatizada, regrada. Tem uma identificação de que existe uma linguagem gauchesca em que os sujeitos que se expressam nessa linguagem identificam um conjunto de elementos em comum. Identificam-se pela música, pelo chimarrão, pela vestimenta, pela dança ou pelo uso de certas expressões verbais.

Portanto, a linguagem gauchesca não é uma linguagem que o sujeito pode ter controle. Ela significa o sujeito, mas o sujeito não se adequa a ela como na norma da língua portuguesa, por exemplo. O sujeito é afetado pela linguagem gauchesca, usando-a e incorporando-a, mas sem seguir regras. O gaúcho usa essa língua de acordo com a situação, no meio em que ele vive, na comunidade de falantes à qual pertence e de como reconhece que esse uso tem ou não efeito.

Maciel (2000, p.79) define o gaúcho como um grupo social vinculado a uma tradição e enquanto ser histórico social representado ao longo do processo de construção da identidade regional busca-se via a especificidade da linguagem, o resgate desse gaúcho do campo, da estância campeira, espaço fundante do regionalismo gaúcho. Baseada em referências históricas e calcadas em determinados valores, a figura do gaúcho constitui-se como um ponto de referência identitária, que procura sintetizar e representar a especificidade da região e de seus habitantes.

O gaúcho, como já especificado no início deste estudo, formou-se devido a condições históricas ancoradas nas relações com o campo e as estâncias. Maciel (2001, p. 242) afirma que foi na segunda metade do século XIX que, com base no grupo social dos gaúchos, a “figura” do gaúcho começou a ser construída e exaltada, num processo que seguiu até o século XX.

Consideramos, igualmente, que falar em tradição implica entendermos: De qual gaúcho estamos falando? O que entendemos como tradição? Desse modo,

---

<sup>48</sup>É a língua a que os analistas fixam em suas regras e fórmulas, em suas sistematizações. Língua estável, com unidade, regrada, sobre a qual, através do conhecimento de especialistas, podemos aprender, termos controle (ORLANDI, 2009, p. 18).

trazemos algumas reflexões sobre o conceito de tradição e que nos fornecem subsídios para a compreensão do funcionamento da linguagem gauchesca. Para discutirmos o conceito/noção de tradição, partimos da interpretação ou das definições de estudiosos da antropologia, da sociologia, da história e da filosofia.

Originalmente a palavra *tradição* teve um significado religioso: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra. Mas com o passar do tempo significou diferente, pois cada vez que a palavra aparece, nunca está no mesmo enunciado e nunca no mesmo acontecimento enunciativo, significando práticas culturais presentes nos costumes, nas artes, nos valores que são herança do passado. Numa definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas enraizado nos costumes de uma sociedade que tem a função de preservar para essa mesma sociedade, costumes, comportamentos, memórias, crenças e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado<sup>49</sup>.

Com isso, por meio da tradição, os gaúchos buscam recriar no presente o passado histórico do Rio Grande do Sul e a “figura” idealizada do gaúcho, traços distintivos da identidade gaúcha. Logo, essa maneira de cultuar as tradições remete à presença do campo e ao gaúcho como forma de atualizar o modo de vida do gaúcho do passado histórico e expressar a vivência dessas tradições no presente.

A tradição seria assim, uma forma de preservação da identidade regional, na medida em que busca o que corresponderia ao autêntico, ou seja, ao que realmente foi o gaúcho rústico, mais rural. Para tanto, as tradições gaúchas servem como meio de preservação de um patrimônio que é coletivo e de resgate de aspectos que visam recuperar no presente um passado constituído historicamente. Nessa perspectiva, Maciel (2005, p. 458) afirma que o patrimônio cultural ganha significado no grupo ao qual pertence, o grupo que lhe confere sentido estabelecendo uma ponte entre o passado e o presente. Nesse sentido, o patrimônio se estabelece também na conservação, repetição de aspectos e expressões linguísticas, que ao serem textualizadas como patrimônio a ser preservado, passam a refletir a manutenção e a valorização de uma identidade cultural. O patrimônio contribui para a preservação destas tradições associadas ao universo do gaúcho.

---

<sup>49</sup>SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

Nesse contexto, surgiu um conjunto de expressões que objetivavam reproduzir no presente o modo de vida do gaúcho do passado, para ser cultuado e, ao mesmo tempo alimentar um sentimento de pertencimento (KARAM, 2009), no sentido de pertencer a terra, ao território. Ou seja, a partir do pressuposto da socióloga Ceres Karam Brum, a tradição reforça um sentimento de pertencimento do sujeito a um grupo social e a um recorte espacial. Portanto, as tradições baseiam-se na referência a um passado histórico. Essa tradição é reproduzida no imaginário regional, nas representações do regional.

A criação ou invenção do culto à tradição foi uma tentativa de reação às transformações da sociedade e à influência de outras culturas que penetravam na sociedade sul-rio-grandense. É uma manifestação em defesa de uma cultura original e fundamenta-se na história de lutas desse povo pela defesa do seu território. (LUVIZOTTO, 2010, p. 37).

Este culto às tradições gaúchas seria para o antropólogo George Ruben Oliven (2006) uma forma dos gaúchos manterem uma identidade enquanto grupo social com características distintas. Ao analisar as relações entre o regional e o nacional, o autor (Id., p. 97) afirma que o modelo em que se baseia o culto às tradições gaúchas está sustentado num cenário rural e na figura do gaúcho enquanto tipo social livre e bravo. Para ele, as tradições gaúchas remetem fundamentalmente a um passado histórico, ao tempo das origens em que se move um homem livre em oposição ao mundo urbano opressor da atualidade.

Lenclud (1994, p. 33), também antropólogo, reflete sobre a palavra *tradição* a partir da relação problemática entre suas categorias e a história. Uma tradição é uma resposta encontrada no passado a uma questão formulada no presente. O passado apresenta os materiais, ou as formas nobres a serem utilizadas no presente (Ibid.). A partir das ideias do autor, a tradição é o que mantém uma permanência de elementos do passado pampeano e que evocam representações associadas ao gaúcho, que mantém a relação homem/território no presente. Lenclud então, não percebe a tradição como um produto do passado recebido passivamente pelo presente, mas como um ponto de vista, uma interpretação desse passado.

A noção de tradição remete, antes de tudo, à ideia de uma posição e de um movimento no tempo. A tradição seria um fato de permanência do passado no presente, uma sobrevivência em obra, o legado ainda vivo de uma época; contudo, de uma época esgotada. Seria algo de antigo, por suposto conservado relativamente sem mudança, e, por certas razões e segundo

certas modalidades, objeto de transferência para um novo contexto. A tradição seria o antigo persistindo no novo (LENCLUD, 2013, p. 151).

Por outro lado, J. Pouillon (1975, p. 160) ao abordar a questão da tradição também pela vertente da antropologia, afirma que “não se trata de colocar o presente sobre o passado, mas de nele encontrar o esboço de soluções que hoje acreditamos justas não porque elas foram pensadas ontem, mas porque nós as pensamos agora”, isto é, ela adquire significado para os homens de hoje. Para o filósofo Ortega y Gasset, a “tradição é uma colaboração que nós pedimos ao nosso passado para resolver nossos problemas atuais<sup>50</sup>”.

Assim, por estar atrelada a costumes, ritos e valores simbólicos, a tradição pode tanto referir-se ao conservadorismo e ao resgate de períodos passados, como pode ser inventada, conforme conceito trabalhado pelo historiador Eric Hobsbawm (1997) e retomado do terceiro capítulo. Essa tradição inventada pelas sociedades se reforça e adquire sentido pela criação de manifestações culturais como o tradicionalismo, como por exemplo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, dos Centros de Tradições Gaúchas, do gauchismo, que tem o gaúcho como ponto de referência. São espaços de expressão que mantêm a afirmação do regional e o sentimento de pertencimento.

Ao nos referirmos ao tradicionalismo enquanto movimento cultural que expressa e significa a cultura de todo um grupo social, estamos diferenciando-o do discurso tradicionalista que está materializado nas textualidades utilizadas para nossa análise. A linguagem gauchesca está presente nesse discurso tradicionalista e como tal, procura significar o que considera a cultura do gaúcho. O Movimento Tradicionalista Gaúcho é um espaço para referenciar e conservar tradições e costumes da cultura gaúcha, especialmente para reforçar uma identidade sul-riograndense associada a este tipo social oriundo do campo.

O Estatuto do Movimento Tradicionalista Gaúcho em seu Art. 2º, inciso VI nos diz que o MTG tem por objetivo, entre outros, “preservar o nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares”.

A partir do fim do século XX, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul aprovou algumas leis no sentido de preservação de determinados elementos

---

<sup>50</sup>Ortega y Gasset, citado por ZUMTHOR, Paul. L'oubliet la tradition. In: **Politiques de l'oubli, Le Genre Humain**. Paris: Seuil, 1988.



culturais rio-grandenses. A primeira foi a “Lei das Pilchas<sup>51</sup>”, tratando da indumentária regional. Alguns anos depois surgiu a “Lei do Churrasco<sup>52</sup>”. Segundo Maciel (2005, p. 454) trata-se de oficializar uma autoridade relativa sobre a questão aos marcadores de uma identidade regional, àquilo que pode ser utilizado para o reconhecimento do gaúcho. Ou seja, normatiza a tradição para não perdê-la impondo-lhe uma perspectiva legítima e oficial.

Muito frequentemente observa-se a associação entre folclore e tradição. Não vamos explorar o conceito de folclore, apenas explicitar que existe esta perspectiva quando estamos tratando de tradição. Essa associação das manifestações folclóricas às tradições populares que desapareceram ou estão em vias de desaparecimento implica, segundo Maciel (2002, p. 195), frequentemente o que já foi chamado de “espírito de antiquário”, ou seja, a coleta e preservação destas manifestações sem que isso seja acompanhado de uma busca pelo sentido. Logo, essa perspectiva se traduz como expressão de uma identidade, da “alma” de um povo (Ibid). Esta vertente tem sua representação nas figuras dos folcloristas gaúchos Paixão Côrtes e Luiz Carlos Barbosa Lessa.

Nesse contexto, as tradições inventadas são (re) inventadas constantemente a cada geração, ressignificando práticas e valores do passado para o presente. A tradição ao ser inventada ou (re) inventada reforça o vínculo identitário e preserva a memória coletiva.

Na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial...elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” (Hobsbawm, 1997, p. 10).

Diante das afirmações destes estudiosos, assumimos para este estudo as concepções postas pela vertente da antropologia, assim como Maria Eunice Maciel, que conceitua tradição como

Patrimônio, herança, ou seja, aquilo que é adquirido por transmissão, vindo de gerações anteriores. Esse “patrimônio” compartilhado por um grupo é composto por valores e julgamentos que são expressos e representados em práticas e manifestações culturais com todo um sistema de significados que lhe é subjacente (MACIEL, 2005, p. 458).

---

<sup>51</sup>Lei nº. 8.813, de 10 de janeiro de 1989.

<sup>52</sup>Lei nº. 11.929, de 20 de junho de 2003.

Esta tomada de posição teórica a partir da antropologia nos faz considerar a tradição como um saber que implica vivências, memórias, visões de mundo, crenças, valores, maneiras de viver e estilos de vida que trazem a continuidade de uma história e a atualização do passado. A tradição só se mantém quando o mesmo se repete, e por se repetir busca afirmar algo, mesmo que ao se manter, não ocorra da mesma forma e seu sentido seja outro. Essa ordem da repetibilidade garante a manutenção da memória. A linguagem gauchesca rememora a tradição, significando-a em relação à memória.

A linguagem gauchesca está constituída por um discurso que se sustenta no amor pelo Rio Grande, na tradição, no orgulho, tal como aparece nos recortes selecionados para compor o corpus desta pesquisa, e que valida a diferença para marcar uma então identidade regional que se representa na defesa de uma linguagem própria. Por isso ao questionarmos sobre a relação entre linguagem gauchesca e tradição, podemos afirmar que essa linguagem do Rio Grande do Sul está fortemente relacionada com uma identidade regional que se sustenta e se mantém pela tradição. Ou seja, ao mesmo tempo em que é preservada pela tradição, a linguagem gauchesca reforça o que a tradição é. A tradição é fundamental para entender a linguagem gauchesca. A linguagem gauchesca só se mantém e se reforça porque está atrelada à tradição.

A palavra *tradição* é o que define essa linguagem gauchesca. É uma forma de reafirmar o pertencimento de um grupo social que se constitui e se define pela língua.

Apoiadas no conceito de tradição aqui exposto, podemos dizer que o gaúcho ao utilizar a tradição como mecanismo de defesa diante de outras culturas, está buscando o resgate, a preservação, a transmissão, a continuidade e a permanência inclusive dessa linguagem, que se mantém, sobretudo pela força simbólica da língua.

## 5.2 DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

À medida que fomos desenvolvendo este trabalho, fomos descortinando e elucidando questões sobre nosso objeto de pesquisa, o que nos levou a um recorte que evidenciou a repetição de um discurso constituído e sustentado a partir de três elementos simbólicos recorrentes na constituição da linguagem gauchesca: o *amor*, o *orgulho* e a *tradição*, e que organizam um discurso sobre o gaúcho. Esse discurso

se enuncia tanto nos dizeres na língua como sobre a língua e constitui um dizer (um acontecimento) sobre o gaúcho que é um dizer no qual a linguagem gauchesca se constitui e significa na sua especificidade.

Nosso corpus não se compõe somente de uma produção sobre essa língua que está organizada e sistematizada em gramáticas, dicionários, glossários ou obras literárias, mas compõe-se de um discurso *na* linguagem gauchesca, língua fluida, representada na escrita, no discurso publicitário. Procuramos demonstrar como cada textualidade constitui um acontecimento de linguagem, do mesmo modo que observamos o funcionamento da noção de língua pela enunciação em suas relações com as formas de identificação do sujeito gaúcho.

Assim, para este trabalho, tomamos como objeto de análise materialidades produzidas no que estamos considerando linguagem gauchesca, constituída e representada em diferentes textualidades do discurso publicitário. O corpus foi organizado a partir de recortes que evidenciavam a recorrência e a repetição de um discurso que se sustenta no “amor pelo Rio Grande, no orgulho e na tradição”, recorrentes em textos de um arquivo organizado ao longo dos quatro anos do doutorado. O discurso publicitário está identificado no conjunto de anúncios publicitários impressos de jornais locais, da cidade de Santa Maria/RS – *Diário de Santa Maria* e regional, da cidade de Porto Alegre/RS – *Zero Hora – Correio do Povo*, publicados e coletados durante as comemorações da Semana Farroupilha, especificamente o dia 20<sup>53</sup> de setembro dos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016 e que corresponde a constituição de uma linguagem gauchesca, considerando o funcionamento da palavra *tradição*, bem como de duas formas linguísticas relacionadas à tradição: *tradições* e *tradicional*, nos enunciados recortados de textos que representam essa linguagem. A linguagem construída nos textos busca aproximar o leitor utilizando uma linguagem, que é um dizer sobre o Rio Grande do Sul e que remetem a uma questão territorial, do Estado, ao que é gauchesco.

A escolha pela data ocorreu em virtude da mesma ser uma data simbólica que rememora fatos da história do Rio Grande do Sul e de seus habitantes e reforça o tipo social gaúcho a cada 20 de setembro com coberturas que retomam todas as características que compõem essa identidade cultural heterogênea. O fato da

---

<sup>53</sup>Data comemorativa no Rio Grande do Sul em que é celebrada a Revolução Farroupilha, movimento ocorrido entre os anos de 1835 a 1845 e que teve origem na insatisfação de estancieiros do Rio Grande do Sul em relação à excessiva centralização política imposta pelo governo central e no sentimento de que a província era explorada economicamente pelo resto do Brasil.

escolha da palavra *tradição* como elemento constitutivo da linguagem gauchesca foi determinante para a seleção do corpus analisado. Ressaltamos que iremos considerar os anúncios publicitários enquanto textos, que reunidos formam um conjunto de textualidades, constituídos pelos enunciados escritos e pelas imagens que os integram.

Entre os textos publicados nessa data e nesses anos, foram escolhidos para compor nosso recorte analítico aqueles que apresentavam enunciados que traziam a palavra *tradição* escrita, e também aqueles em que os sentidos dessa palavra se faziam mais presentes, observando a frequência em que a palavra *tradição* se repetia nos textos, trazendo pela língua em funcionamento, o resgate de uma memória e a rememoração de um passado, atribuindo-lhes um significado, ou seja, aqueles em que a temática *amor, orgulho e tradição* eram mais recorrentes, permitindo, desse modo, analisar o movimento de sentido da palavra dentro desses textos que representam a linguagem gauchesca. Logo, constituímos um conjunto de textualidades composto por nove textos a partir dos quais desenvolvemos nossa análise.

Em relação aos anunciantes, os mesmos são constituídos por diferentes empresas de distintos ramos: indústria de alimentos, instituição bancária, empresas comerciais, casa de produtos gauchescos, a própria instituição do jornal, loja de materiais de construção, marcas de bebida e órgão do governo municipal.

Nesses textos observamos a presença de um enunciador que toma o lugar do sujeito gaúcho e que se apoia na linguagem gauchesca para comunicar e transmitir a sua mensagem. Logo, esse enunciador deixa de ser o sujeito jornalístico representado pelo jornal e que se dirige a um enunciatário específico, para assumir o lugar de enunciador gaúcho e enunciar da posição de gaúcho. O publicitário, enquanto sujeito jornalístico se coloca no ponto de vista do gaúcho, não do gaúcho sul-rio-grandense, mas do gaúcho como um tipo social que simboliza a identidade e a cultura regional.

O discurso publicitário reforça e enaltece o gaúcho que é rememorado e mantido pelos Centros de Tradições Gaúchas. É o gaúcho idealizado e celebrado na Semana Farroupilha. Por isso, nem todo sul-rio-grandense se caracteriza como o tipo social gauchesco representado nos textos publicitários, visto que muitos não cultivam as tradições específicas do gaúcho, como frequentar o CTG, andar pilchado (vestido com as roupas características do gaúcho) ou tomar chimarrão. A tradição,

quando estamos nos referindo ao Rio Grande do Sul, é designada para um tipo social específico que não coincide com o sujeito sul-rio-grandense, mas com aquele que especificamente cultua as tradições dentro das normas, do tradicionalismo gaúcho, que adota os hábitos da cultura local e alimenta pela rememoração esses hábitos. Assim, o discurso publicitário se apropria da palavra *tradição* para rememorar uma data comemorativa ao tipo social, ao gaúcho e à cultura gauchesca para simbolizar todo um universo que significa o que é ser gaúcho. Dessa forma, podemos dizer que 20 de setembro é uma data que celebra muito mais que a Revolução Farroupilha. Celebra uma relação identitária do sujeito gaúcho com o seu lugar, a sua terra, a sua cultura com a sua identidade regional.

Portanto, as questões que este trabalho propõe estão ancoradas na Semântica do Acontecimento (conceito a ser desenvolvido no próximo item) e nas reflexões sobre como a linguagem gauchesca, representada em diferentes textos, em um mesmo espaço de enunciação, e constituída a partir do funcionamento da palavra *tradição* nesta linguagem, pode significar (designar) diferentemente. Bem como, explicitar de que maneira a palavra *tradição* determina esse sujeito enunciativo gaúcho, a partir de uma memória na qual se organizam e projetam relações de sentido. Assim, pretendemos analisar como a palavra *tradição* se articula e se reescreve estabelecendo distintas relações com outras palavras e com outros enunciados, a fim de compreender o que designa e que sentidos ela mobiliza no conjunto de textualidades que estamos analisando.

### 5.3 DO APARATO METODOLÓGICO

Para desenvolver nossa análise procuramos estabelecer o que a palavra *tradição* designa no conjunto de textualidades que selecionamos. Nesse trabalho realizamos uma análise do funcionamento da palavra *tradição* a partir desse conjunto de textualidades, levando em conta o sujeito gaúcho na história e a constituição de uma linguagem gauchesca. Nesse sentido, a questão de pesquisa que orientou esse estudo foi o funcionamento da palavra *tradição* na materialidade linguística e enunciativa de um conjunto de textualidades caracterizadas por constituir uma linguagem gauchesca, sobre a qual se procedeu a análise do Domínio Semântico de Determinação dessa palavra, para, ao final, apresentarmos a rede de sentido que a palavra *tradição* constitui. É assim que uma mesma palavra, representada em textos (que constroem e alimentam a figura do gaúcho) diferentes

e em um mesmo espaço de enunciação, pode significar (designar) diferentemente e ajudar a constituir uma linguagem própria: a linguagem gauchesca.

Zandwais (2012, p. 187) nos diz que “a língua em funcionamento, enquanto linguagem reflete não somente os diferentes modos de relação dos sujeitos com ela, caracterizando sua própria hibridez, mas também as condições em que os sentidos se deslocam”.

Consideramos assim, uma enunciação específica: a do discurso publicitário, para buscar compreender a designação da palavra *tradição*, descrevendo e interpretando os sentidos que emergem dessa palavra na constituição e no funcionamento da linguagem gauchesca. Com isto, a palavra *tradição* se relaciona com a história e se articula com as diferentes manifestações da linguagem gauchesca.

Para tanto, a fim de respondermos essa questão, mobilizamos para a análise três pontos teóricos: primeiro, o conceito de palavra; segundo, o que é textualidade; terceiro, o mecanismo de funcionamento do sentido da palavra *tradição* e seu Domínio Semântico de Determinação.

A partir desses pontos teóricos, estruturamos nossa análise em duas etapas: uma descritiva, na qual descrevemos o funcionamento semântico da palavra dentro dos enunciados e do enunciado com outro enunciado. Essa descrição tem por objetivo explicitar como os procedimentos de reescrituração e articulação funcionam no enunciado para constituir a significação da palavra *tradição*. É uma parte interpretativa desse conjunto de Domínio Semântico de Determinação, demonstrando que efeitos esse DSD tem na constituição de uma linguagem gauchesca que vai além do linguístico, que não se restringe apenas à língua em funcionamento, mas a toda uma expressão que é visual, gestual, estética, etc. Ressaltando que neste trabalho nos atemos aos elementos visuais (imagem) e linguísticos.

A perspectiva teórica adotada neste trabalho situa-se na ordem da Semântica do Acontecimento, teoria proposta pelo linguista Eduardo Guimarães, que “considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2002, p.7). Ou seja, a “significação é produzida enunciativamente no e pelo acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2002, p. 7). Assim, palavras e expressões são significadas a partir do que se diz e o dizer (a enunciação, seja ela escrita ou oral) vai construindo a memória de uma

palavra na língua. Para esta teoria enunciativa, a história da palavra é a história de suas enunciações.

Diante disso, a teoria da enunciação é entendida por Guimarães como um acontecimento histórico relativo à produção do enunciado. Nesse sentido, consideramos que a “enunciação, enquanto acontecimento da linguagem se faz pelo funcionamento da língua.” (GUIMARÃES, 2002, p. 11). Funcionamento esse orientado por uma memória de dizeres sociais, a partir dos quais a língua passa a ter significado. De tal modo, “o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivibilidade de tempos, sem a qual não há sentido [...] não há enunciação.” (GUIMARÃES, 2002, p.12). Dito de outra forma: acreditamos que a significação constitui-se discursivamente a partir de um acontecimento enunciativo. Este acontecimento enunciativo, conforme propôs Guimarães (2010, p. 12) temporaliza, pois o presente e o futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar.

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convivibilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (GUIMARÃES, 2012, p. 12).

Dessa forma, cada dizer é um acontecimento enunciativo diferente. O dizer não é repetível. Cada vez que a palavra *tradição* é (re) dita se constitui um novo acontecimento na enunciação. Guimarães considera a relação entre enunciação e acontecimento em relação à história, à memória sem tratar o tempo de forma cronológica.

Desse modo, para Massman (2016) o dizer é um acontecimento e a cada acontecimento as palavras podem assumir sentidos diversos. É, no acontecimento do dizer, que o sentido se constitui, pois a língua<sup>54</sup> em funcionamento movimenta-se, transforma-se e significa de diferentes formas. Este processo de produção de

---

<sup>54</sup>Lembrando que neste trabalho, a língua não é tomada “como uma estrutura, um sistema fechado, mas como um sistema de regularidades determinado historicamente e que é exposto ao real e aos falantes nos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2007, p. 96).

sentidos mobiliza procedimentos enunciativos distintos que afetam, reescrevem, retomam e ressignificam aquilo que já foi dito.

Para Guimarães (2005), o acontecimento se apresenta diferente, na medida em que o mesmo afirma que ao considerar o acontecimento enunciativo, o faz por meio de uma perspectiva diferenciada de tempo.

De acordo com o autor, não é o sujeito que temporaliza, mas o acontecimento, de forma que o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento. Assim, todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro. Esse presente e futuro funcionam por um passado que os faz significar e essa latência de futuro, que projeta sentido no acontecimento, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento.

No acontecimento, a língua, e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua na qual se enuncia algo, são, de acordo com Guimarães (2005), elementos decisivos para a conceituação deste acontecimento.

A partir dessa abordagem teórico-metodológica demonstramos como a linguagem gauchesca se constitui a partir do funcionamento da palavra *tradição* nos diferentes textos analisados, e como a palavra *tradição* determina esse sujeito enunciativo gaúcho, a partir de uma memória, que faz a língua funcionar e na qual se organizam e projetam relações de sentido. Isto implica tomar a língua em seu funcionamento enunciativo, considerando a relação sujeito-língua(s), assim como a das línguas entre si, uma vez que nosso olhar é para a língua em funcionamento. Esses procedimentos constituem a textualidade do enunciado, produzindo sentidos, ou porque retoma, reescrevendo outra expressão, ou porque se articula, estabelecendo relações semânticas.

Consideramos que os sentidos são produzidos pelo funcionamento da língua no acontecimento da enunciação e que o sujeito do dizer está afetado por esta língua e, portanto, por esses sentidos. Este conjunto de textualidades que selecionamos configura um espaço de enunciação específico, que chamamos de espaço de enunciação gauchesco. Enquanto sujeito, o gaúcho é constituído pela memória discursiva, pela memória da língua e por esse espaço de enunciação gauchesco.

Partindo de Guimarães, entendemos a textualidade como aquilo que faz com que um conjunto de enunciados seja um texto, produzindo relações de sentido. A



textualidade é então, responsável pelas relações de sentidos entre os enunciados. Desse modo, as palavras ou “expressões linguísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam” (GUIMARÃES, 2005, p. 5), sendo o texto compreendido, tal como conceituado por Guimarães (2011, p. 9), como “uma unidade de significação” e caracterizado “não como composto por segmentos, mas como integrado por elementos linguísticos de diferentes níveis e que significam em virtude de integrarem esta unidade”. Um texto é constituído por um conjunto de enunciados articulados entre si (Ibid., 2007, p. 83). E é nessa e por essa relação que o sentido se produz.

O texto se caracteriza por ter uma relação com outras unidades e linguagem, os enunciados, que são enunciados e que significam em virtude dessa relação. O texto é, nesta medida, uma unidade que se apresenta entre outras da mesma natureza (GUIMARÃES, 2011, p. 20).

As sequências enunciativas são aqui tomadas enquanto discursividades *na* linguagem gauchesca. Esses elementos linguísticos revelam uma caracterização do falar do gaúcho. Essa discursividade se dá pelo funcionamento de uma memória, significando uma ideologia histórica relativa à formação de uma identidade gaúcha – como identidade política e social de uma região (STURZA, 2006).

O discurso na linguagem gauchesca se representa no conjunto destas textualidades que reunimos e que identificam o homem, o meio, os usos, e os hábitos e costumes do sujeito gaúcho. Nesse conjunto de enunciações constituídas por essas textualidades é possível observarmos uma representação do que é gauchesco e o que a ele está remetido.

#### 5.4. UMA PALAVRA E SEUS SENTIDOS: O DOMÍNIO SEMÂNTICO DE DETERMINAÇÃO DA PALAVRA *TRADIÇÃO*

Com o objetivo de analisar o funcionamento semântico da palavra *tradição*, utilizamo-nos do conceito de Domínio Semântico de Determinação (DSD<sup>55</sup>), proposto por Guimarães (2007). O DSD é um conceito que vem sendo utilizado pela Semântica do Acontecimento, segundo o qual o sentido das palavras é construído a partir de relações entre expressões linguísticas constituídas pela enunciação. A

---

<sup>55</sup>O Domínio Semântico de Determinação (DSD) é a representação, a escrita da semântica, para a designação do nome.

relação fundamental dessa construção de sentido é a determinação, que Guimarães (2007, p. 78) define como a relação semântica estabelecida entre determinante e determinado, tornando-se uma relação fundamental para o sentido das expressões linguísticas.

Estudar e estabelecer o que o autor chama de DSD permite-nos descrever como opera a categoria analítica (a designação) no funcionamento enunciativo da língua, as relações entre as palavras nos enunciados de um texto, e outras pertencentes a outros textos, a outros discursos. Desse modo, constituímos o DSD da palavra *tradição* a partir das relações de sentido que esta estabelece pelo funcionamento do enunciado no corpus especificado, de modo que seja possível definir o que estamos tratando por linguagem gauchesca. Esse domínio nos mostra não os sentidos estabilizados, mas os sentidos que circulam no funcionamento da palavra no enunciado. É preciso, portanto, considerar os efeitos de sentidos na relação com a história de enunciações e na textualidade do texto, o que nos permite vislumbrar a designação de uma palavra em um texto e compreender os seus sentidos. Dizer o que uma palavra designa é poder dizer com que outras palavras ela se relaciona no Domínio Semântico de Determinação.

Nessa medida um DSD é uma análise da palavra, sendo construído pela análise das relações de uma palavra com outras que a determinam nos textos em que funciona. Assim, para Guimarães (2007), os sentidos se constroem e se constituem pelas relações de determinação<sup>56</sup> entre as palavras que resultam do modo como estas se relacionam umas com as outras, não só ao longo do(s) enunciado(s), mas também do longo do texto e entre textos distintos. A partir do DSD, mostra-se então como os sentidos são construídos enunciativamente. Em outras palavras, o DSD nos permite descrever as relações semânticas que as palavras estabelecem com outras no interior dos enunciados (e dos textos) em que aparecem.

Para a constituição de um DSD parte-se de uma palavra específica e procura-se, por um procedimento de análise específico, relacioná-la a outras do corpus buscando as relações de determinação que organizam as relações. [...] O DSD é a caracterização de como, no acontecimento da enunciação, uma língua se movimenta ao funcionar (GUIMARÃES, 2007, p. 95-96).

---

<sup>56</sup>A determinação é descrita por Guimarães (2007, p. 79) como “uma relação fundamental para o sentido das expressões linguísticas”. O autor esclarece ainda que, “semanticamente, é possível dizer que toda relação de predicação é, em certa medida, pelo menos, uma relação de determinação e vice-versa”.

Guimarães (2005, p. 91), afirma que “o que um nome designa é constituído simbolicamente. Esta construção se dá porque a linguagem funciona por estar exposta ao real, enquanto constituído materialmente pela história”. Os sentidos vão se constituindo na e pela história. Dessa forma o autor preocupa-se com o modo como os sentidos de uma palavra se constituem dentro de um enunciado que integra um texto. O linguista (2007, p. 77) ainda diz que “a significação é produzida enunciativamente no e pelo acontecimento da enunciação”.

Para o estudioso, a análise do sentido deve ser desenvolvida também considerando a designação das palavras, considerada a partir do domínio semântico de determinação. A designação é compreendida aqui como sendo “a significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história” (Guimarães, 2005, p. 09). É o sentido da palavra constituído *na e pela* relação com a memória de significações dessa palavra em outros enunciados (Idem., 2002, p. 9). A designação é, assim, uma categoria analítica, ou seja, um elemento, uma palavra sujeita à análise.

O DSD, conforme Guimarães (2007) se constitui para representar o sentido das palavras e caracteriza como no acontecimento, na enunciação, uma língua se movimenta ao funcionar. Trata-se, então, de observar como uma palavra determina outra palavra produzindo-se uma relação de sentido entre elas. Assim, analisamos enunciativamente a palavra *tradição*, verificando os possíveis sentidos postos a partir do funcionamento da palavra na linguagem gauchesca, que são evidenciados pelas relações linguísticas e semânticas nas textualidades recortadas para o corpus desta pesquisa.

Pelo Domínio Semântico de Determinação compreendemos como a relação de sentidos dá a conhecer a especificidade do funcionamento da linguagem em dado espaço de enunciação, é um modelo descritivo da semântica das palavras que compõem um mesmo texto. Para Guimarães (2007, p. 81), o DSD “representa uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado (um texto, um conjunto de texto, etc.)”.

O autor (2004, p. 129), coloca ainda, que é preciso pensar as palavras nas suas relações com outras palavras. Por outro lado, precisamos esclarecer que nossa

unidade de análise não é a palavra, mas sim o enunciado em que esta funciona, pela enunciação. E, nesta medida, a questão é saber o que significa uma palavra, em nosso caso especificamente *tradição*, que inscreve uma rede de relações semânticas no texto.

De tal modo, para compreendermos o que *tradição* designa precisamos analisar o seu funcionamento no conjunto de dizeres que recortamos para a análise.

No DSD as relações de sentido das palavras são apresentadas por uma escrita própria, por meio de alguns sinais específicos:  $\vdash$  ou  $\dashv$  ou  $\perp$  ou  $\top$  (que significam determina); --- (que significa sinonímia) e o traço \_\_\_\_\_ dividindo um domínio semântico de outro (que significa antonímia). Esses sinais têm por função descrever o funcionamento do domínio semântico.

Para compreender a designação de “tradição” e tendo em vista estas relações de sentido, observamos nesta análise dois tipos de procedimentos nos quais a enunciação está constituída: procedimento de reescrituração e procedimento de articulação. Esses procedimentos possibilitam que se tome o enunciado, não isoladamente, mas enquanto lugar de observação do funcionamento da palavra em relação ao texto. Para Guimarães, (2004, p. 130), estes procedimentos são operações enunciativas que se caracterizam como agenciamentos específicos pelos quais o acontecimento diz e mobiliza a língua em determinadas textualidades.

Dentro deste quadro teórico-metodológico, as categorias analíticas revelam o funcionamento semântico da palavra *tradição* sob a perspectiva da Semântica do Acontecimento através dos procedimentos de reescrituração e de articulação, que caracterizam, conforme indicado por Guimarães (2005), modos diferentes de ocorrência de funcionamentos semânticos.

A análise do funcionamento semântico de tais designações nos mostra como elas operam, em cada um dos enunciados, pela rememoração de sentidos a cada vez que são ressignificadas nestes textos. Ou seja, não há como considerar que uma palavra funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto.

#### **5.4.1. Procedimento de articulação**

O procedimento de articulação é um mecanismo de funcionamento semântico que vai ser analisado neste trabalho a partir das relações que a palavra *tradição* estabelece com outras palavras no enunciado e das relações de um enunciado com

outro enunciado, se articulando na constituição da linguagem gauchesca. Guimarães (2004, p. 131), chama de procedimentos de articulação as relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem. A articulação permite observar como o funcionamento dos elementos linguísticos pode afetar e modificar seus próprios sentidos, ressignificando-os e redizendo-os no interior de um mesmo enunciado.

Desse modo, a articulação é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Ou seja, a organização das contiguidades linguísticas se dá como uma relação local, significada pela enunciação, entre elementos linguísticos. Duas palavras estão em relação de articulação quando uma afeta o sentido da outra sem que haja a reescrituração propriamente (GUIMARÃES, 2007, p. 87).

Segundo Guimarães (2009, p. 52), um aspecto importante na caracterização das articulações é que elas não são meramente relações internas ao enunciado, mas relações de contiguidade que fazem do enunciado um elemento que se integra a um texto, conforme podemos observar no exemplo abaixo:



**Fonte:** Jornal Diário de Santa Maria, ano 15, edição nº. 4.413, Santa Maria, 20/09/2016.

Não pretendemos fazer uma análise extensa do enunciado, mas apenas demonstrar como o movimento de articulação funciona no enunciado e de que modo a palavra *tradições* estabelece relações com outros elementos no texto. Para isso recortamos a seguinte sequência enunciativa:

**SE:**

**VALORIZA O QUE O GAÚCHO TEM DE MELHOR: SUAS TRADIÇÕES.**

A palavra *tradições* estabelece uma relação de articulação com o adjetivo “melhor”, exaltando uma tradição que se representa pelo hábito de comer, através de combinações diferentes, e fazendo funcionar o sentido de que a tradição pode ser comparada a um meio de consumo pelos gaúchos, ou seja, essa tradição é de todos os gaúchos e a marca *Isabela* enaltece esse acontecimento. É como sentir o sabor da tradição do Rio Grande do Sul.

A tradição também está na escolha lexical: “chimia”, “nata” e “doce de leite” são produtos identificados como do Rio grande do Sul. É interessante notarmos que nata e chimia vem de outra influência que é alemã e que também compõe o que entendemos como parte do universo da linguagem gauchesca.

Enquanto procedimento enunciativo de produção de sentido, a articulação nos permite observar como as palavras significam nas relações de proximidade com outras palavras no texto, ou seja, o sentido das palavras se constitui como relações entre palavras. Um texto é constituído por um conjunto de enunciados articulados entre si (GUIMARÃES, 2007, p. 83). Assim, como afirmamos anteriormente, uma articulação é uma relação de contiguidade significada pela enunciação.

A operação enunciativa de articulação produz sentido pelo modo como uma forma é afetada pela outra pelo agenciamento enunciativo do acontecimento, ou seja, como o enunciado significa o/no texto de que faz parte. Do ponto de vista semântico, é possível dizer que, na articulação, o funcionamento dos elementos linguísticos se configura através de diferentes modos de significação, como, por exemplo, referência, determinação, pressuposição, argumentação e performatividade, da reescrituração entre outras.

#### **5.4.2. Procedimento de reescrituração**

O mecanismo da reescrituração segundo Guimarães (2005, p. 46) “[...] é um método, um procedimento de análise que consiste em se redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a outra por algum aspecto que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão”. Ainda, segundo este autor, trata-se de um modo de construir o sentido para uma determinada palavra, em que a enunciação de um texto rediz ou retoma o que já foi dito. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado por meio de marcas linguísticas ou expressões que as retomam. É um procedimento com vários modos de operar no funcionamento da linguagem.

A reescrituração é uma operação que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu presente. A reescrituração é a pontuação constante de uma duração temporal daquilo que ocorre. E ao reescrever, ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. E o que ele atribui? Aquilo que a própria reescrituração recorta como passado, como memorável (GUIMARÃES, 2005, p.28).

Uma expressão reescrita outras de diversos modos, podendo ocorrer por diferentes maneiras (GUIMARÃES, 2007) quando o acontecimento enunciativo é posto em funcionamento, na língua:

- ▶ Por repetição: quando uma expressão ou palavra é repetida tal qual aparece na primeira vez;
- ▶ Por substituição: quando uma expressão é retomada por outra em outro ponto do texto substituindo-a;
- ▶ Por elipse: neste caso a palavra é omitida em algum momento do texto;
- ▶ Por expansão: uma expressão ampliada reescreve um sintagma ou palavra;
- ▶ Por condensação: quando a expressão é retomada de modo conciso por outra, sintetizando-a;
- ▶ Por definição: quando a reescrituração define o que já foi dito, retomando-a.

A reescrituração coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto, que Guimarães (2004) chama de operação de predicação. A predicação é um mecanismo de funcionamento semântico que utilizaremos para explicitar este dizer sobre o gaúcho, que se constitui no funcionamento de linguagem gauchesca.

Consideramos o dizer *na* língua, onde a predicação diz algo sobre tradição, um procedimento analítico (Id., 2006a, p. 131) pelo qual o sujeito atribui sentidos aquilo que diz. Dizer *na* língua é predicar, todavia, não dentro dos limites do funcionamento sintático, mas no plano discursivo, onde podemos considerar o enunciador como sendo constituído historicamente e, portanto, sujeito do dizer. Predicar na língua é, neste sentido, mais que defini-la, que caracterizá-la. É produzir novos sentidos. É “uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos” (Id., 2007).

Para Guimarães (2006a, p. 131), uma relação predicativa “é aquela que se dá no interior de uma sentença ou enunciado”, podendo ocorrer de diversos modos, o que a faz significar em cada instância de modo diferente. Predicar é, então, falar

sobre em circunstância determinada e colocando em relação sujeito e enunciado, resultando em produção de sentidos.

Para melhor caracterizar o procedimento da reescrituração, trazemos como exemplo uma materialidade não linguística, a fim de observarmos como se dá o modo de constituição do sentido no enunciado, neste caso numa linguagem gauchesca não verbal.



**Fonte:** <http://wp.clicrbs.com.br/degalpao/2014/03/08/de-galpao-desvenda-os-mitos-e-verdades-do-chimarrao/>

Nessa reescrituração de tradição, temos a presença de um enunciado que constitui-se na linguagem visual enquanto um discurso sobre o gaúcho e sobre a tradição à medida que chimarrão remete a um hábito regular, incorporado pelo gaúcho e simbolizado como referência de tradição. Esse enunciado funciona como um significante constituído pela imagem da cuia. Esse significante representado pelo plano não linguístico é repetido de modo a produzir diferentes tipos de apresentações do modo de preparar a cuia, nas formas de elaborar a bebida tradicional do Estado, destacando uma estética do chimarrão, que se inclui em uma linguagem gauchesca. O dizer sobre (nesse caso um dizer não verbalizado) que se significa pela apresentação do chimarrão faz com que a cuia, enquanto elemento material remeta a uma simbologia daquilo que é do universo gauchesco. A imagem



da cuja faz funcionar no enunciado o sentido de pertencimento, significando um costume que é do Rio Grande do Sul e do gaúcho.

Um aspecto interessante de comentar aqui é que a imagem integra um enunciado que se repete através dos diferentes modos de fazer chimarrão, logo, significam uma diferença e a rememoração de um costume. Dessa maneira, a cuja passa a ser significada como a representação de uma tradição que se expressa no chimarrão.

De acordo com Guimarães (2007, p. 87), a reescrituração funciona justamente como um mecanismo analítico que nos permite observar como se articula, se conectam

[...] pontos de um texto com outros do mesmo texto, e mesmo pontos de um texto com pontos de outros textos. [...] este processo, ao se dar, produz sentido na medida em que ao retomar alguma expressão faz que ela signifique de outro modo. [...] nosso interesse, então, não está no fato de que uma retomada se faz sobre algo que é o mesmo, mas ao contrário, ao se fazer, faz significar algo que não estava significado (GUIMARÃES, 2007, p. 87).

O movimento, produzido enunciativamente, de redizer o que já foi dito produz efeito de sentido sobre a significação do texto, pois dizer de novo não é dizer a mesma coisa: no movimento de repetição do mesmo, a diferença emerge como efeito. O movimento de redizer produz, assim, uma deriva para o sentido produzido na/pela relação de reescrituração entre duas formas integrantes de um mesmo texto; ou seja, a reescrituração é um procedimento que projeta sentidos sobre aquilo que é dito de novo. A reescrituração, dessa forma, é capaz de estabelecer um percurso de sentido(s) materializado no acontecimento da repetição, pois aquilo que é dito novamente já constitui outro acontecimento enunciativo.

Portanto, a reescrituração nos permite observar como o movimento de uma palavra no texto afeta o sentido tanto da própria palavra como de outras palavras e do texto, de um modo geral. Essas operações de reescrituração, como já visto, permitem a significação de outro(s) sentido(s), pela repetição de um sentido já posto, já conhecido.

Descritas as operações analíticas de articulação e reescrituração, apresentamos a seguir a análise que realizamos do funcionamento semântico-enunciativo da palavra *tradição*. Para isso, analisamos como as operações de articulação e reescrituração são agenciadas pelo acontecimento de sua enunciação.

A análise dos sentidos da palavra a partir destes dois procedimentos, leva à elaboração do domínio semântico de determinação (DSD) da palavra *tradição* em um texto e como ela se constitui em uma designação muito específica na linguagem gauchesca.

### 5.5 ARTICULAÇÃO E REESCRITURAÇÃO NA ENUNCIÇÃO DA LINGUAGEM GAUCHESCA: PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Nesta parte nos detivemos em observar como a articulação e a reescrituração se movimentam na produção de sentidos na enunciação. As análises foram norteadas pela Semântica do Acontecimento, onde foi analisado o funcionamento semântico-enunciativo da palavra *tradição* dentro de um espaço de enunciação próprio, o qual denominamos de gauchesco, que é sustentado e especificado por essa linguagem gauchesca enunciada por um sujeito enunciador gaúcho sul-riograndense, que se encontra na fronteira entre o Brasil, o Uruguai e a Argentina, enquanto um lugar sócio histórico de produção e circulação de sentidos. Esse enunciador é um sujeito da/na língua presente nessa fronteira do Rio Grande do Sul com o restante do Brasil e a fronteira com os países da região do Prata que tiveram uma origem e uma identidade comum, assim como exemplificamos no primeiro capítulo.

Consideraremos, a partir do exposto anteriormente, e de acordo com o que postula Guimarães (2005, p. 12), cada sequência enunciativa como um texto, como um acontecimento enunciativo. Entendendo o acontecimento sempre como uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem à qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação.

A unidade de análise é o enunciado, que integra o texto, em que a palavra *tradição* ocorre. Assim, observamos não somente a presença da palavra *tradição* no enunciado, mas também, a recorrência da presença de palavras que estavam remetendo ou que apresentavam relação com a tradição, bem como em que medida a reescrituração e a articulação constroem a designação dessa palavra.

Com base no exposto, é possível compreendermos que o procedimento de reescrituração diz respeito à relação entre enunciados que integram um mesmo texto, enquanto que o procedimento de articulação diz respeito à relação de contiguidade entre enunciados e desta com os sujeitos falantes, sustentando o encadeamento (a linearização) do dizer. A articulação e a reescrituração funcionam

como elementos de estruturação desses enunciados, que estamos considerando como textos e que constituem discursos sobre o gaúcho e que ao mesmo tempo funcionam por uma linguagem gauchesca.

A seguir apresentaremos o Domínio Semântico de Determinação da palavra *tradição* nos enunciados recortados, entendendo que cada vez que ela aparece é um acontecimento enunciativo, visto que o seu sentido não é mais o mesmo, dada as suas relações com outras palavras ou com outros enunciados.

### 5.5.1 Construindo as análises

#### TEXTO 01:



Fonte: Jornal Diário de Santa Maria, ano 12, edição nº. 2.755, Santa Maria, 20/09/2013.

Nesse primeiro recorte destacamos a SE:

**SE 01:** CASA DO GAÚCHO: ONDE O RIO GRANDE SE VESTE DE TRADIÇÃO.

A palavra *tradição* determina “Casa do Gaúcho” e “Rio Grande” enquanto modo de se representar neste lugar. O sintagma “do gaúcho” passaria então a remeter àquilo que é próprio do gaúcho, ou seja, a tradição está designando esse

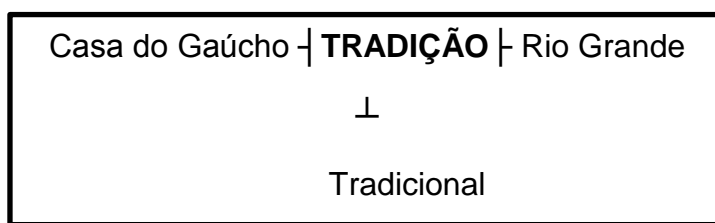
lugar do gaúcho. O substantivo “casa” é especificado por “do gaúcho”. Designa algo relativo ao gaúcho.

A palavra *tradição* é significada ainda mais pela relação texto e imagem que remete ao gaúcho do campo montado a cavalo, no trabalho diário, e a representação, na escrita da palavra “gaúcho”, de uma cuia e de uma bomba de chimarrão nas cores da bandeira do Estado, que por sua vez também faz alusão ao mapa do Rio Grande do Sul. Elementos que referem ao universo gauchesco representado pelo cenário do Pampa ao fundo da imagem.

O enunciado “casa do gaúcho” está sendo reescriturado por expansão no texto por: “lugar onde o Rio Grande se veste”.

A análise acima nos leva ao seguinte DSD:

**DSD 01:**



Todo esse conjunto de elementos que compõem o enunciado tem sentidos constitutivos do que é, então, a tradição gaúcha na hora de vestir. O ponto de vista enunciativo permite-nos, assim, dizer que a palavra *tradição* está reescrevendo por substituição o termo “pilcha<sup>57</sup>”, que ao ser trazido pela interpretação para o enunciado, ressignifica o passado e suas tradições, fornece um certificado de autenticidade à forma de vestir, como sugere Maciel (2001) para designar o estar vestido a caráter. Essa vestimenta é um dos principais legados da cultura gauchesca, logo parte do patrimônio social do gaúcho.

Essas determinações apresentam um sentido para “tradição” em que esta aparece como a representação de um sujeito que especifica um tipo de gaúcho e que ao ser enunciada atualiza uma memória que busca manter costumes específicos da indumentária gaúcha. Entretanto, essa mesma palavra que confere sentido a um tipo de gaúcho, especificando-o, e aqui não estamos tratando do grupo social, mas do gaúcho enquanto gentílico, também adquire um sentido de exclusão.

<sup>57</sup>Vestimenta histórica do gaúcho. Foi transformada em traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul a partir da lei estadual 8.813 de 10 de janeiro de 1989.

O enunciador ao dizer que “o Rio Grande se veste de tradição” faz uma generalização, no sentido de que todos os gaúchos se vestem tradicionalmente, e apagando àqueles que não se vestem assim, portanto não seriam gaúchos. É parte do Rio Grande do Sul que veste a “pilcha” que toma chimarrão ou frequenta o Centro de Tradições Gaúchas (CTG). Nem todos os que moram no Rio Grande do Sul são gaúchos ou se reconhecem enquanto gaúchos e incorporam os hábitos e costumes reconhecidos como dos gaúchos, como o próprio uso da “pilcha”.

Logo, inferimos que tradição, nessa sequência enunciativa, especifica um tipo de vestimenta da cultura gaúcha. Assim, nesse DSD, tradição refere a uma forma de linguagem não verbal que representa toda a estética do vestir, o que faz que a palavra *tradição* se reescreva no enunciado por: lenço, bombacha, chapéu, vestido de prenda, bota e outros acessórios que compõem o estar vestido à moda gaúcho.

Através dessas reescrituras, verifica-se um movimento de sentido que conduz a especificações em torno de tradição. Ao ser reescrita, a palavra *tradição* predica algo sobre o enunciado, fazendo-o significar de outra maneira.

## TEXTO 02:

A tradição dos gaúchos vem do orgulho em transformar. A nossa também.

A TRADIÇÃO FARROUPILHA É UMA DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA. É A MARCA DE UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA COM CORAGEM PARA TRANSFORMAR O RIO GRANDE DO SUL.

26 DE SETEMBRO. UMA HOMENAGEM DA LEROY MERLIN A TODOS OS GAÚCHOS NA SEMANA FARROUPILHA.

Fonte: Jornal Diário de Santa Maria, ano 13, edição nº. 3.795, Santa Maria, 20 e 21/09/2013.

Nesse caso, no recorte, consideramos as sequências enunciativas a seguir:

SE 02: A TRADIÇÃO DOS GAÚCHOS VEM DO ORGULHO EM TRANSFORMAR.

SE 03: A NOSSA TAMBÉM.

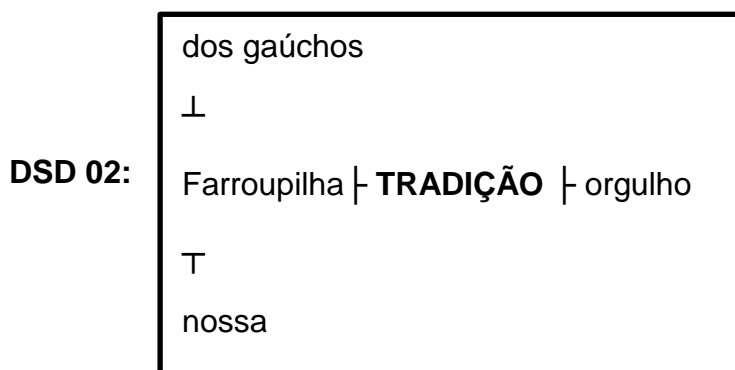
SE 04: A TRADIÇÃO FARROUPILHA É UMA DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA. É A MARCA DE UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA COM CORAGEM PARA TRANSFORMAR O RIO GRANDE DO SUL.

Como vemos na SE 02 acima, a palavra *tradição* está vinculada por uma relação de articulação por dependência com “gaúchos”. Isto é, a tradição é dos gaúchos, pertence ao grupo social. No fragmento representado pela SE 03 podemos ver que não aparece literalmente a palavra *tradição*, mas é reescrita por remissão

por meio do pronome possessivo “nossa”. Constatamos que ao dizer “a nossa também” o enunciador, nesse caso representado pela *Leroy Merlin* - loja de materiais de construção - estabelece uma relação de equivalência, de igualdade com a tradição dos gaúchos. Assim como os gaúchos transformaram a história do Rio Grande do Sul, a empresa *Leroy Merlin* propõe transformar a casa dos gaúchos.

Na SE 04 ocorre um procedimento de determinação por especificação entre “tradição” e “farroupilha”. “Farroupilha” é um adjetivo que especifica uma tradição determinada. Os sentidos da palavra *tradição* estão determinados pela forma verbal “é”, demarcando um processo de reescrituração por definição, define o que é a tradição farroupilha. O elemento linguístico “para” se articula no enunciado com o substantivo “coragem” e com o verbo “transformar” através de uma relação de finalidade. Logo, entendemos que a história rio-grandense foi construída pelos farroupilhas que duelaram nas grandes batalhas ocorridas no Estado durante o século XIX e que culminaram na Revolução Farroupilha (1835-1845). E essa história é rememorada pela tradição.

Então, obtemos a constituição do seguinte DSD:



Onde tradição está determinando “orgulho” e está sendo determinada por “farroupilha”, “nossa” e por “dos gaúchos”. A Revolução Farroupilha transformou a história e o Rio Grande do Sul e a rede francesa *Leroy Merlin* especializada em construção, reforma e decoração transforma os lares dos moradores gaúchos. Temos, portanto, dois sentidos para tradição (tradição dos gaúchos/tradição da empresa) que, no entanto, se equiparam pelo sentimento de orgulho que ambas expressam. Esse sentimento é constitutivo do gaúcho, ao remeter ao orgulho que o gaúcho sente da história do seu povo, destacando o sentido de guerreiro, batalhador, forte, há, portanto, um deslizamento de sentidos ao trazer para o espaço de enunciação da linguagem gauchesca o memorável, que Guimarães (2005, p. 15)

define como a rememoração de enunciações anteriores recortadas pelo acontecimento. Esse retorno a um memorável se faz a cada novo acontecimento, não apenas por uma lembrança ou recordação pessoal de fatos, mas sempre por uma nova temporalização, um novo acontecimento de linguagem.

Nesse DSD o processo de reescrituração constrói outro sentido para tradição, que passa a funcionar no enunciado como aquilo que faz o sujeito gaúcho ser reconhecido. Com isto, a reescrituração ocorre por uma enunciação que retoma outra enunciação para legitimar o que é dito sobre o gaúcho.

Pode-se dizer, a partir desses procedimentos, que a palavra *tradição*, nesse acontecimento designa um resgate histórico em celebração à data de 20 de setembro. Data que faz memória à tradição inaugurada pelos farroupilhas que enfrentaram o Império durante a Revolução Farroupilha, lutando por uma independência política.

O sentido da palavra *tradição* nesse DSD se constitui pelas relações semânticas estabelecidas entre os enunciados e que ajudam a construir a significação da palavra, a saber, a tradição é de todos os gaúchos e a cada ano ela é retomada para transformar o Rio Grande do Sul.



**TEXTO 03:**

*Sua tradição é o nosso orgulho.*

Em um mundo onde as tradições estão cada vez mais esquecidas, gestos simples e cotidianos ganham um novo valor.

As tradições fazem com que a gente tenha uma identidade comum e crie uma personalidade totalmente única. É um momento onde sabemos que fazemos parte, seja da nossa família ou da nossa terra.

E com Nescafé também é assim. Já nos sentimos parte da história do gaúcho, sentando com ele à mesa todas as manhãs, fazendo aquela pausa reflexiva no meio da tarde.

Em todos os começos, seja o do dia ou de uma nova grande ideia, entramos de um jeito diferente em cada casa que faz do nosso café, sua própria tradição.

*20 de setembro.*  
Um dia que mudou a história de um povo.

**NESCAFÉ.**  
*Para todos os começos.*



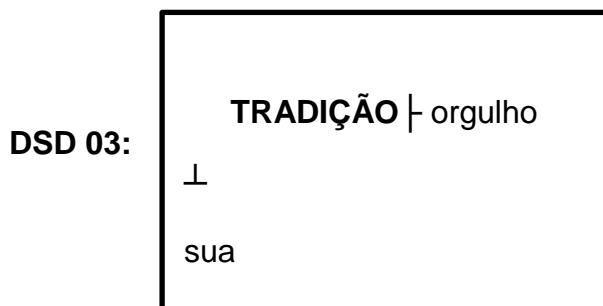
**Fonte:** Jornal Zero Hora, ano 51, nº. 17.876, Porto Alegre, 20/09/2014.

Nesse texto analisaremos apenas a palavra *tradição* no enunciado recortado para a SE 05. Contudo, comentaremos os sentidos constituídos pela palavra nos demais enunciados em que esta aparece e que ajudam a constituir a linguagem gauchesca. Diante disso, a análise do texto se dará a partir da sequência enunciativa abaixo:

**SE 05:** SUA TRADIÇÃO É O NOSSO ORGULHO.

O texto se apresenta em forma de um poema, ou seja, o aspecto mais literário serve para louvar, celebrar a tradição. Em todo o texto percebemos, pela nossa interpretação, que se estabelece uma relação de comparação do café, a bebida típica nacional, com o chimarrão, a bebida típica regional.

Então, o DSD 03 se constitui por:



O “orgulho” está sendo determinado por “tradição” que é celebrada a cada 20 de setembro por manter características como a vida campesina, a imagem guerreira e corajosa, que associadas à figura real ou idealizada do gaúcho, retomam aspectos que compõem uma identidade própria e uma linguagem específica que é constituída em torno dessa tradição, que busca resgatar o passado do Rio Grande do Sul e a história de seu povo. O procedimento de determinação se dá por uma relação semântica de definição expressa por um movimento linguístico representado pelo verbo “é”. A tradição se define pelo verbo SER. Em todo o texto é possível perceber uma relação de “disputa” com o chimarrão. Relação que está associada à questão da tradição.

O pronome possessivo “sua” ao determinar tradição confere ao enunciado o olhar de quem está fora do Rio Grande do Sul e fala da tradição dos gaúchos, ou seja, confere uma especificidade para tradição ao se excluir desta. Nesse caso, o enunciador fala do ponto de vista nacional para o regional. É a tradição de todos os leitores gaúchos.

O enunciador representado pela marca Nescafé é totalmente orientado para um enunciatário bem específico e transmite ao sujeito leitor uma ideia de concorrência do café com o chimarrão. Isto é, o café não quer substituir o chimarrão, mas quer fazer parte da história do gaúcho, pertencer a este grupo social. Temos, portanto, uma relação política que se estabelece entre o nacional e o regional, através da cultura de consumo do chimarrão. O dito leva para o não dito. Ou seja,

pautando-nos em Guimarães (2005, p. 16), o político é “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos”. Logo, este político se estabelece no dizer pela disputa de espaços entre a bebida nacional, o café, e a bebida regional, o chimarrão. Esta relação política do nacional sobre o regional que é construída no texto significa o conflito que se instala no dizer e que busca uma ação homogeneizadora na medida em que o café procura uma relação de pertencimento ao Rio Grande do Sul e aos gaúchos. Nesse sentido, o político é a afirmação da igualdade, do pertencimento que se expõe no acontecimento de linguagem pelo funcionamento da língua. O político está implícito no dizer de um enunciador representado pela marca *Nescafé Tradição* que toma a palavra e apoia seu dizer na tradição.

Não tivemos como pretexto fazer uma análise exaustiva sobre a concepção de político, mas apenas demonstrar como ocorre a configuração do político na linguagem neste espaço de enunciação.

Assim como a data de 20 de setembro representou um novo começo para os gaúchos, o “Nescafé Tradição” quer estar presente em todos os momentos dos gaúchos, seja o começo de um dia ou de uma grande ideia, e para isso pretende recuperar as tradições a partir de gestos simples e cotidianos como saborear um bom café.

A relação de comparação com o chimarrão estabelecida no texto mostra que o café também é uma bebida que pode ser consumida pelos gaúchos. Isto quer dizer que a marca “Nescafé” quer estabelecer uma aproximação com o mercado gaúcho, demonstrando que o café também, e aí temos uma inclusão, pode ser uma bebida dos gaúchos. Toma-se chimarrão, mas também se pode tomar café. O chimarrão permeia a vida dos gaúchos, estando presente na história do Rio Grande do Sul. Remete a um hábito a ser preservado pelos gaúchos, ou seja uma tradição que propõe uma continuidade em relação ao passado. Uma tradição que é criada, mantida e compartilhada de mão em mão por um grupo social.

O enunciador repete com o café o mesmo ritual que o gaúcho tem com o chimarrão, isto é, o consumo do café assim como o do chimarrão constitui-se numa prática na vida de muitos gaúchos. Maciel (2007) aponta, em seus estudos, que o chimarrão é uma “bebida identitária” que pode ser considerada tanto um costume, como uma tradição, mas também um ritual, dependendo do contexto em que se

encontra. Nesse sentido, o chimarrão tem importância cultural, social e também econômica para o Rio Grande do Sul, visto que se tornou um relevante símbolo do Estado, remetendo a uma imagem que se estende do campo à cidade, constituindo-se em uma espécie de resistência cultural espontânea.

Segundo o folclorista e tradicionalista Barbosa Lessa (1986), ao passar o chimarrão para alguém, deve-se fazê-lo com a mão direita. Na tradição, o cevador é quem deve servir o chimarrão para a pessoa que está ao seu lado, sempre seguindo a roda pela direita, isto é, no sentido contrário do relógio. O ritual de servir está baseado em uma postura corporal, gestual, logo também há uma especificidade constitutiva da linguagem gauchesca, que só ela tem. Popularmente, existem alguns mandamentos, como por exemplo, “não peças açúcar no mate” ou “não deixes um mate pela metade”. Essas regras são muito particulares dessa cultura que está na memória coletiva dos gaúchos.

Essas significações são trazidas ao enunciado pela mobilização, no presente do acontecimento. Nesse caso, o memorável (o passado) é o que faz parte da memória discursiva dos gaúchos a respeito desta data. A presença da memória, nesse caso, leva a configuração de uma tradição ao produzir um discurso de manutenção do que é gauchesco, ou seja, o mate amargo que se toma numa cuia de porongo por uma bomba de metal e que expressa, pela bebida, um costume que significa algo tomando como parte da tradição.

O sentido estabelecido para essa *tradição* faz com que o gaúcho construa uma identidade comum, permitindo com que ele se reconheça como parte deste território singular. Ao se inscrever no espaço de enunciação gauchesco, a palavra *tradição* traz para o enunciado o sentimento de pertencimento, daquilo que é próprio do gaúcho, adquire valor e cria uma identidade coletiva. A tradição faz parte da história do gaúcho e se relaciona com a construção de uma identidade. Portanto, orgulho é o que define tradição. A tradição se configura em orgulho porque é o que designa o produto da marca Nescafé, demonstrando que o café também pode ser uma tradição. Logo, a tradição reforça o sentido do regional. A tradição é dos gaúchos (“sua tradição”), mas o orgulho é dos brasileiros (“nosso orgulho”). Assim, “amor”, “orgulho” e “tradição” constituem a ideia de pertencimento, e esse sentimento de pertencimento cria uma identidade que é coletiva.

TEXTO 04:

**SEMANA FARROUPILHA**  
SOMOS FEITOS DE TRADIÇÃO

**TRADIÇÃO EXPRESSA NO DIA A DIA**

Gente que leva o chimarrão para o trabalho, que passeia com o cusco e faz churrasco no domingo. Gente que respeita o minuano e encontra alegria na simplicidade de comer uma bergamota ao sol.

É forte nas lidas do campo e leve na chimarrita, tem satisfação em viver em um estado desenvolvido e vibrante. Pra toda essa gente, a *Semana Farroupilha* tem um significado especial. Representa um tempo de reviver a história e demonstrar orgulho.

**PORQUE TODO GAÚCHO SABE QUE OS COSTUMES SÃO A NOSSA ESSÊNCIA.**

Patrocínio: **Bradesco** **NESCAFÉ** **pontofrio** **LIGUE 9898 831 8801** **oi TV HD**

Realização: **Grupo RBS**

A partir desse texto recortamos para análise a sequência abaixo:

**SE 06:** **TRADIÇÃO EXPRESSA NO DIA A DIA.**

O movimento analítico realizado nessa SE nos mostra que existe uma relação de articulação entre a forma verbal “expressa” e o substantivo “dia a dia”. O enunciado é uma reescrituração que ocorre por elipse, como podemos perceber, pela ausência da forma verbal “é” (a tradição é expressa no dia a dia). Ou seja, não é qualquer tradição, mas a que se representa na dia a dia dos gaúchos.

Logo, é possível constituir o seguinte DSD:

**DSD 04:** **TRADIÇÃO | dia a dia**

Oliven (2006, p. 66) já nos dizia que nas representações sobre o gaúcho brasileiro há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura. Essas representações nos conduzem a um conjunto de significações em torno do sujeito gaúcho que se estabelecem em espaços nacionais e regionais. A preposição de lugar “no” articula tradição a “dia a dia”, precisando onde ela é expressa.

Face ao exposto lançamos nosso olhar para o recorte acima a partir dos sentidos que a SE 06 movimenta em relação a este “ser gaúcho”.

Assim, a partir do DSD 04 mostramos como os sentidos são construídos enunciativamente. A palavra *tradição* está determinando “dia a dia” ao remeter a constância, ao que é constante, ou seja, habitual. O texto descreve essa tradição pelo modo de viver do gaúcho, seus hábitos, costumes, sons, paisagens, clima, enfim, descreve o jeito de ser gaúcho que se expressa pela representação de práticas tradicionais. Observamos também a entrada da língua espanhola na linguagem gauchesca através das palavras *entrevero* e *despacito*. É um atravessamento que se produz pelo entrelínguas, no entremeio e significa a fronteira.

A tradição, por meio da Semana Farroupilha, resgata o passado idealizado do gaúcho através da manutenção/permanência desses registros na história e na

memória. Ao evocar elementos que são recorrentes no discurso gaúcho, como “gente que passeia com o cusco”, “que respeita o minuano”, o enunciador busca celebrar os costumes que constituem o sujeito gaúcho que se constitui na e pela história e que é rememorado no presente, no dia a dia.

Através do culto a valores éticos, morais e práticas sociais consideradas seletas e de tradições que justificam e glorificam as características étnico-regionais da cultura, os gaúchos criam e mantêm o sentido de sua identidade. Ser gaúcho exige a compreensão compartilhada das tradições, dos componentes morais e das personalidades sociais que o indivíduo pode assumir dentro do grupo (KAISER, 2010, p. 189).

O que se depreende desse conjunto de elementos, é que o texto demonstra diferentes expressões da cultura gaúcha que fazem os gaúchos se identificarem e se reconhecerem como gaúchos na permanência do ritual que fortalece o se chama de costumes e se reflete nos comportamentos presentes no cotidiano.

Essas diferentes expressões nos permitem interpretar que seus sentidos reforçam um discurso tradicionalista que colabora na construção de uma identidade regional sustentada na identificação de um tipo social, tomado como símbolo de um território específico e de grupo social muito particular que se significa na linguagem de uma cultura, de um modo de ser e viver, com gêneros e estilos próprios.

A tradição, pela rememoração da história, designa um gaúcho que surge como um elemento de resgate e valorização de um imaginário sobre esse tipo social. Portanto, o que a palavra *tradição* designa nesse texto tomado enquanto acontecimento, é que o *costume* se representa por uma prática, repetição, que se evidencia pela imagem de uma cuia formada a partir das palavras características desta linguagem. Desse modo, linguagem verbal e não verbal/imagética se articulam na produção de sentido.

Nessa acepção, movimentam-se outros sentidos para a palavra *costumes*, como a inclusão de elementos culturais (traços, manifestações, práticas, etc.) e regras sociais de um povo, inscrevendo seus sentidos quando se produz em um espaço de enunciação particular, aquele que remete à maneira cultural de uma sociedade manifestar-se.

O discurso na linguagem gauchesca é um ponto de vista de valorização da identidade do gaúcho que produz um efeito de identificação e representação instaurada por esse discurso que se traduz na essência do “ser gaúcho”.

**TEXTO 05:**



**Fonte:** Jornal Diário de Santa Maria, ano 14, edição nº. 12417, Santa Maria, 19 e 20/09/2015.

Temos a seguinte relação de determinação:

**SE 07:** SOMOS FEITOS DE TRADIÇÃO.

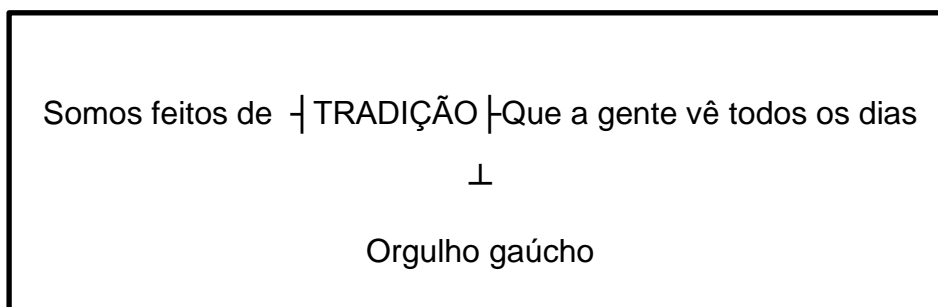
**SE 08:** TRADIÇÃO QUE A GENTE VÊ TODOS OS DIAS.

Essa análise nos conduz a pensar que ao ser determinada por “somos feitos de” na SE 07, a palavra *tradição* é reescriturada por definição. O enunciado se constitui em uma definição caracterizada pela relação de articulação representada pela forma verbal “somos”. A tradição é o que constitui e o que mantém o gaúcho, ou seja, é o que especifica o gaúcho enquanto sujeito. “que a gente vê todos os dias” predica tradição ao fazer circular os sentidos de que essa tradição se reforça ao fazer parte e se expressar no dia a dia dos gaúchos. Isso especifica e restringe tradição. Refere-se somente à tradição que se vê todos os dias. Esse movimento



enunciativo aponta para funcionamentos e deslizamentos de sentido em torno de tradição conforme nos mostra o DSD:

**DSD 05:**



O fragmento de recorte representado pela SE 08 expressa uma relação de explicação que se articula por coordenação ao enunciado através da conjunção “que”. A tradição que constitui o gaúcho é a tradição que esse mesmo gaúcho vê diariamente. Ao dizer “somos” e “a gente” o enunciador, de ambas sequências enunciativas, está assumindo o seu lugar de gaúcho, ou seja, enuncia a partir de um sujeito que representa e que se inclui como “todo gaúcho”.

Outro movimento de sentido interessante de ser observado no texto é que o sintagma nominal “orgulho gaúcho” ao ser determinado por tradição é reescrito por expansão pelo enunciado “povo forte, que ama, trabalha e luta pela sua terra”, o que traz para o enunciado a recuperação de uma memória que remete à defesa das fronteiras, à posição política e ideológica do Rio Grande do Sul durante a fase de conquista e povoamento do estado, que se representa no enunciado pela expressão “herói farroupilha”. Reforça-se a ideia de pertencimento a uma história regional muito particular.

No recorte nota-se que a forma verbal “celebre” faz funcionar no enunciado o mecanismo da rememoração/comemoração de fatos do passado no gaúcho atual, como por exemplo, ressignificar a data de 20 vinte de setembro. A Revolução Farroupilha é rememorada e ritualizada anualmente através de uma semana que leva o seu nome e que culmina com feriado estadual de 20 de setembro. As comemorações dessa data marcam a imagem de um passado, construída por ações e ideais farroupilhas. Essa definição rememora, por um efeito da memória sobre a atualidade, os conflitos entre os farrapos e as tropas imperiais no século XIX. Assim, teríamos que tradição está determinando “Semana Farroupilha”, o que nos leva a compreender que essa expressão remete a todo um conjunto de fatos que devem

ser celebrados nessa semana pelo povo gaúcho e que nos faz constituir o seguinte DSD:

**DSD 06:**

**TRADIÇÃO** | -Semana Farroupilha

A Semana Farroupilha é um momento especial de celebração às tradições gaúchas, transcendendo o próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho e envolve praticamente toda a população do Estado. É regulada pela Lei Estadual nº 8.715, de 11 de outubro de 1988 e regulamentada pelo Decreto nº. 33.224, de 22 de junho de 1989. Sua organização é feita em duas instâncias, a estadual com a definição de diretrizes gerais, escolha do tema básico e atividades que envolvem as distâncias públicas estaduais, e no nível local onde, na prática ocorrem os festejos as manifestações culturais, artísticas e onde se realizam as mostras e os desfiles destacando-se o realizado a cavalo<sup>58</sup>.

Nesse momento retomamos o conceito de interdiscurso já trabalhado no capítulo III, onde a partir de Guimarães (2010, p. 66) consideramos o interdiscurso como a memória do dizer, ou seja, o conjunto do dizível. Então, ao reativar/rememorar uma memória o interdiscurso se apresenta pela relação de um discurso com outros discursos, quer dizer, pela relação da língua com a história enquanto memória de sentidos. O sentido se constitui na relação entre língua e interdiscurso, ou seja, o sentido pode ser entendido como os efeitos do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua no acontecimento (Ibid.)

A memória discursiva funciona pela recuperação dos sentidos atribuídos a essa semana e que se constituem ao mobilizarmos a memória da palavra *tradição*, fazendo a linguagem significar pelo registro de épocas e ideologias que estão representadas nessa palavra e que são recuperados na data de 20 de setembro. A partir do afirmado anteriormente, a palavra *tradição*, de acordo com o seu funcionamento nesse acontecimento, designa o seguinte: os sentidos de amor, orgulho e tradição são movimentados no texto a partir de um evento festivo da cultura gaúcha que se fortalece pela celebração anual da proclamação da República

<sup>58</sup>Disponível em: <http://www.semanafarroupilha.com.br/historico>. Acesso em: 11/10/2016.

Rio-Grandense. Portanto, a Semana Farroupilha é uma demonstração de orgulho que rememora a história e significa o gaúcho.

A Revolução Farroupilha se estabeleceu como principal fator de uma historiografia dita tradicional e que se baseia na afirmação de valores estabelecidos por um grupo social.

#### TEXTO 06:



Fonte: Jornal Diário de Santa Maria, ano 14, edição nº. 12417, Santa Maria, 19 e 20/09/2015.

Constituição do **DSD 07:**

**SE 09:** PARABENIZAMOS O POVO QUE SABE COMO NINGUÉM MANTER VIVAS AS TRADIÇÕES.

Nessa sequência enunciativa o adjetivo “vivas” está determinando a palavra *tradições* e se articula no enunciado por subordinação com a conjunção adverbial comparativa “como” e por dependência com a forma verbal “manter”. Por sua vez, o substantivo “povo” estabelece uma relação de articulação com o substantivo “tradições”. Observamos que o artigo determinante “o” define a palavra “povo” visto que o enunciador (Nescafé) não está se referindo a qualquer povo, mas ao povo gaúcho em específico, logo o substantivo “povo” determina tradição. E ao determinar este povo, o enunciador opera uma exclusão, já que não se inclui como parte deste povo. Isto caracteriza um procedimento de reescrituração por substituição, pois “povo” retoma o enunciado “aos que tanto lutaram por um novo começo” expresso no início do texto. Também é possível observar uma relação de predicação no enunciado. “Povo” predica sobre tradição.

A partir dessas relações semânticas podemos representar o DSD tal como se propõe abaixo:

**DSD 07:**

vivas | **TRADIÇÕES** | povo

A tradição é mantida pela preservação da memória em que a história do gaúcho que é rememorada no acontecimento enunciativo representado pela data simbólica de 20 de setembro, o qual funciona como um acontecimento no espaço de enunciação da linguagem gauchesca, fazendo com que o presente signifique em função do passado. Assim, os sentidos da palavra *tradição* retornam e atualizam uma memória que é rememorada e atualizada no discurso da história. Entendemos que o presente só se constitui por meio de um passado que o autoriza e, por outro lado, essa memória que evoca o passado só faz sentido no acontecimento.

No DSD 07 o sentido estabelecido para a palavra *tradição* é fortalecido pelo enunciado “lutaram por um novo começo”, pois há um movimento (comemoração da Revolução Farroupilha) que contribui para a manutenção dessas tradições nesse espaço significado pela história do gaúcho. Desse modo, o funcionamento da palavra é marcado pela presença do interdiscurso no enunciado.

A expressão “novo começo” no texto serve para que o sujeito leitor revise a data que marca um episódio significativo para os gaúchos, sobretudo, aqueles inseridos no contexto da tradição e por ela condicionados historicamente.

A palavra *tradição* repete e reforça os sentidos já postos da linguagem gauchesca rememorando as significações as quais a palavra remete, pois ela aparece no enunciado como constitutiva de um passado, com uma história de enunciação, quer dizer, se inscreve como parte do passado enunciativo da palavra no texto.

Assim o hábito de tomar café também pode ser considerado uma tradição pelos gaúchos, como a própria imagem da representação do gaúcho tradicional, que senta em roda do fogo e que toma café de chaleira, expressa no texto sugere. Ou seja, o sentido se constitui pelo que a imagem designa: não trata do gaúcho urbano, mas do gaúcho do interior, da campanha, da própria história e que tem um modo de vida pastoril, que vive na simplicidade do campo, que se identifica com a terra. A imagem representa um modo de vida antigo – “tradicional”.

O que designa essa palavra nesse recorte mobiliza os seguintes sentidos: a manutenção das tradições adquire importância à medida que *tradição* passa a funcionar no enunciado como aquilo que faz o sujeito gaúcho ser reconhecido. Nessa acepção, movimentam-se outros sentidos, como a inclusão do café como bebida que também pode ser típica dos gaúchos.

A enunciação desses dizeres coloca em funcionamento a memória de sentidos do período da Revolução Farroupilha, o que nos permite dizer que neste acontecimento a *tradição* se constitui em uma palavra com história e com memória e que representa um discurso de afirmação do que é gauchesco. A partir do explicitado no DSD, é possível dizer a linguagem gauchesca é o que mantém viva a tradição.

**TEXTO 07:**



**Fonte:** Jornal Diário de Santa Maria, ano 14, edição nº. 12417, Santa Maria, 19 e 20/09/2015.

Dessa sequência enunciativa queremos trazer para nossa discussão os sentidos movimentados pela forma verbal “manter” no enunciado. Para isso, recortamos o enunciado:

**SE 10:** MANTER A TRADIÇÃO É BRA.

O enunciado se configura por uma definição que se caracteriza pela forma verbal “é”. Observamos que ocorre no enunciado uma mudança semântica com a sigla “BRA”, que pode estar se referindo tanto ao nome da instituição bancária, como pode adquirir outra acepção como Brasil ou bravura. O que nos faz perceber que este “BRA” está no Banco Bradesco, mas também está no Brasil, é algo do brasileiro. Desse modo, toma-se o nacional pelo regional, que se representa pela bandeira do estado. Logo, “BRA” adquire no enunciado uma função adjetiva, pois está qualificando o que a tradição é.

A forma verbal “manter” se articula com a palavra *tradição* estabelecendo uma relação de dependência com esta, pois só se mantém aquilo que fica, que permanece. O artigo definido “a” particulariza essa tradição. No conjunto do texto observamos que o enunciado se insere sobre a bandeira do Estado do Rio Grande do

Sul e no lugar do brasão da bandeira encontramos a imagem da “Estátua do Laçador”, monumento localizado na cidade de Porto Alegre e que representa o gaúcho tradicionalmente pilchado (em trajes típicos) e teve como modelo o tradicionalista Paixão Côrtes, representando, portanto, a todos os gaúchos e legitimando essa tradição. Na configuração do DSD 08 temos a seguinte relação:

**DSD 08:**



A marca Bradesco se utiliza da tradição para manter suas atividades no Estado e fazer parte do dia a dia dos gaúchos, assim como a tradição faz. Uma tradição que é inventada e mantida por uma relação de continuidade com os clientes gaúchos. Por isso “BRA” está determinando tradição.

A instituição, assim como o gaúcho, se reconhece pela tradição, o que nos permite dizer que a palavra *tradição* se inscreve num espaço de enunciação particular, aquele que remete a alguém que quer estar com o Rio Grande e dele fazer parte. Esse “fazer parte” nos leva a afirmação de pertencimento. Constitui dessa forma, um tipo especial de identidade territorial, inserido em outra mais abrangente. Ou seja, o pertencimento à nação. Muito mais do que se inserir no mercado econômico do Rio Grande do Sul, o banco busca uma simultânea afirmação de pertencimento ao Estado.

Nessa perspectiva, esse sentimento de pertencimento afirmado pela enunciação, implica de acordo com Maciel (2002, p. 192), que se reconheça como parte de algo, neste caso, no que concerne ao território, pois sugere que o banco pertença a algum lugar, uma relação de pertencimento regional.

A tradição é o elemento comum entre o banco e os gaúchos, e assim como a tradição, o Bradesco se manteve na vida dos gaúchos. Nesse acontecimento, tradição designa e significa um lugar de pertencimento, neste caso, a uma região.

**TEXTO 08:**



**Fonte:** Jornal Correio do Povo, ano 121, nº. 356, Porto Alegre, 20/09/2016.

Para efetuar a análise do que designa tradição nesse recorte, utilizaremos o procedimento da articulação e da reescrituração. Podemos observar que a palavra *tradição* encontra-se reescrita no plural por “tradições”. Assim, a análise se dará com base na sequência enunciativa abaixo:

**SE 11:** VENHA PARA O GRANDE ENCONTRO DAS NOSSAS TRADIÇÕES.

Como se pode notar, “encontro” está em uma relação de articulação por dependência com “grande”, estando adjetivado por ela. Isto é, “o encontro é grande”. Portanto, seu sentido está determinado pela quantificação da palavra “grande”. O texto é uma propaganda interpelativa, pois se utiliza de uma expressão imperativa identificada pelo uso da 3ª pessoa “venha” para convidar e convencer o leitor a participar desse encontro. O enunciador, que está implícito, faz um chamamento, uma convocação para esse “grande encontro”.



O artigo definido “o” está determinando e especificando o qualificativo “grande”. Ou seja, não é um encontro qualquer, mas “o grande encontro” que ocorre em um lugar estabelecido. Com essa palavra se designa a um “encontro” particularizado, implica a promoção de uma atividade artística que acontece no Acampamento Farroupilha. O Acampamento Farroupilha é o maior evento alusivo à cultura tradicionalista gaúcha, para comemorar a Revolução Farroupilha. É realizado no Parque da Harmonia, na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, durante o mês de setembro. É composto por quase 400 piquetes<sup>59</sup>, montados e organizados por grupos tradicionalistas, empresas e agremiações diversas de Porto Alegre, onde se cultivam os hábitos da tradição gaúcha<sup>60</sup>.

O Acampamento Farroupilha se constitui como lugar para se rememorar, cultivar e celebrar as tradições, o gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante, instituindo práticas de culto em torno das quais se glorifica um passado continuamente atualizado e interpretado no presente. Assim as tradições são vividas através de várias expressões artísticas que se representam neste espaço.

Nesse sentido, retomando Oliven (2006, p. 97), temos que o culto às tradições gaúchas tem como referencial um cenário rural, num tempo das origens em que se move um homem livre em oposição ao mundo urbano opressor da atualidade. As tradições gaúchas podem ser apropriadas e revividas de diversas formas, seja pela música, pela dança, pela comida, que se “encontram” neste lugar. Elas remetem fundamentalmente a um passado histórico recriado no presente por grupos e pessoas que reverenciam a figura do gaúcho e que se expressam através de práticas e representações.

Podemos então, constituir o DSD:

**DSD 09:**

<p><b>TRADIÇÕES</b>   grande encontro</p> <p>T</p> <p>nossas</p>
--

<sup>59</sup> No Rio Grande do Sul “piquetes” se refere à entidades tradicionalistas que são dedicadas às atividades campeiras, aos costumes e à tradição gaúcha; pequeno poteiro onde se põem ao pasto os animais utilizados diariamente; animal que é mantido preso para ser encilhado a qualquer momento (cavalo piqueteiro).

<sup>60</sup>Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acampamentofarroupilha/default.php?p\\_secao=3](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acampamentofarroupilha/default.php?p_secao=3). Acesso em: 11/10/2016.

Constatamos que “tradições” está sendo determinada por “grande encontro”. Esse “grande encontro” representa o lugar para cultivar as tradições gauchescas e a cultura tradicionalista. Retomar a vivência do meio campestre, costumes, cantares, danças, vestimenta, etc., que identifica o gaúcho e preserve sua cultura, tal como a imagem do gaúcho expressa no texto representa, o gaúcho na lida campeira, montado a cavalo e com o seu chimarrão em mãos. Ao fazer uso do pronome possessivo “nossas” que determina “tradições” por uma relação de posse, pois abrange as tradições de todos os gaúchos, o enunciador se inclui como gaúcho e toma para si uma tradição que também o constitui.

Assim, pode-se entender, a partir desses procedimentos, que a palavra *tradições* neste acontecimento, designa, nesta sequência enunciativa o próprio lugar de resgate, manutenção e celebração do que é gauchesco. O povo celebra sua memória/história, validada nos ritos da tradição em um lugar onde se reproduzem práticas culturais coletivas. Portanto, o sentido que tradição faz funcionar nesse DSD é que existem várias tradições e que são de todos os gaúchos.

## TEXTO 09:



Fonte: Jornal Zero Hora, ano 53, nº. 18.574, Porto Alegre, 20/09/2016.

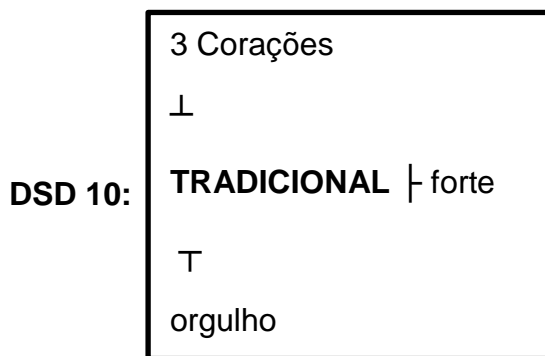
O recorte dessa análise é composto por um adjetivo derivado de um substantivo. Nesse caso, o foco de nossa análise se dará sobre a palavra *tradicional*, que nesse contexto está relacionada com tradição por uma derivação lexical. Nesse texto, encontramos especificamente os três elementos que

representam e movimentam nossas análises, a saber: amor, orgulho e tradição, que se significam na data de 20 de setembro, bem como sustentam essa linguagem que estamos designando por gauchesca.

A sequência enunciativa na qual procederemos nossa análise se constitui pelo enunciado:

**SE 12:** ORGULHO DE SER **TRADICIONAL** E FORTE COMO O CAFÉ 3 CORAÇÕES.

A sequência enunciativa acima nos leva ao seguinte O DSD:



O que se constata a partir da análise é que “tradicional” determina “forte” a partir de um elemento de inclusão, representando uma articulação por coordenação por meio do conetivo “e”. Por outro lado, “tradicional” determina “orgulho”, porque só se tem **orgulho se ser** porque se tem uma tradição. A forma verbal “ser” constitui-se no enunciado como uma afirmação, pois é o que se diz sobre o 20 de setembro.

Os qualificativos “tradicional e forte”, além de designar e adjetivar os tipos de café, se articulam com “Café 3 Corações” por uma relação de comparação de igualdade que se estabelece entre o produto, nesse caso o café, com o enunciado “20 de setembro” e para isso se utiliza do elemento linguístico “como”. Assim como a data de 20 de setembro, o café também é forte e tradicional.

A essência do café e sua tradição é o que tornam a marca forte e conferem especificidade para a bebida. O café quer estar presente nos corações dos gaúchos e criar laços duradouros com os consumidores do Rio Grande, assim como podemos perceber pela articulação da imagem de um lenço vermelho com o texto, criando este laço. A imagem da roda (roda de carreta) presente no texto remete ao tipo de trabalho do homem do campo, fazendo significar, junto com a imagem da chaleira de

ferro, um tipo de gaúcho do Pampa que prepara seu café ao redor do fogão a lenha e vai para a lida do campo.

O café *3 Corações* é um café destinado para quem é apaixonado por sabor, conforme verificamos pela presença no enunciado de um verbo (apaixona) derivado de um substantivo (paixão) e que busca tornar o café uma paixão gaúcha. Logo, a marca quer aliar sabor e tradição para conquistar os consumidores gaúchos e se tornar uma tradição no Estado. Assim, há uma relação implícita de causa (consumir o café) e consequência (apaixonar-se pelo sabor).

A partir da análise realizada, pode-se observar que *tradicional* está designando um costume pautado numa tradição, a medida em que o Grupo *3 Corações* busca inserir no Rio Grande do Sul o café como um hábito, assim como o chimarrão, tal como as análises realizadas nos textos 03 e 06 nos sugerem. Temos uma relação de equivalência entre as duas bebidas, já que a marca quer demonstrar que o café também pode ser uma tradição para os gaúchos, ou melhor, uma tradição de igualdade. Assim, o sentido de tradicional é movimentado no DSD pelo sentimento de orgulho que se expressa em relação à data de 20 de setembro e por ser *tradicional* e *forte* tal qual o café. Desse modo, a tradição é o que faz os gaúchos se apaixonarem pelo Rio Grande e o café, como tradição brasileira, quer se tornar parte da tradição gaúcha.

### 5.1.1 Em vias de conclusão

Analisar a designação da palavra *tradição* pelo processo semântico da reescritura e da articulação, nos permitiu identificar o funcionamento da materialidade linguística representada no conjunto de textualidades. Essas textualidades são partes constitutivas do dizer do gaúcho e ocorrem no espaço de enunciação entre a linguagem gauchesca e a língua portuguesa, espaço este em que a língua portuguesa é determinada pela linguagem gauchesca.

Os textos recortados para a análise apresentam aspectos linguísticos que os singularizam, e que se constituem em pistas que nos possibilitam refletir sobre a constituição de um léxico gauchesco, por exemplo. As sequências enunciativas constituem discursos publicitários, que pela linguagem gauchesca, destacam o regional, ressaltando as manifestações culturais, valores, tradições e símbolos gaúchos. Todas essas “formas de dizer” reproduzidas em nosso corpus nos permite afirmar que, enquanto manifestação social de um grupo, repercutem no modo de ser

do povo gaúcho. Ou seja, essas textualidades revelam características desse sujeito gaúcho pelo funcionamento da língua, mas também pela existência de uma linguagem gauchesca.

A memória se materializa na língua em conformidade com o que nos apresenta Payer (2009), de que a língua é um lugar de memória<sup>61</sup>. Não há discurso sem memória e essa memória é atualizada permanentemente a cada discurso. A memória discursiva reúne os dizeres, mesmo aqueles já esquecidos, que determinam os discursos. Assim, a memória discursiva que se significa nos textos analisados leva à configuração de uma tradição que se mantém e se reforça nesse discurso na linguagem gauchesca ou sobre o gaúcho.

Nesse sentido, essa linguagem que tomamos como objeto de análise tem esse efeito de, a partir de uma memória, recuperar constantemente o passado histórico, as raízes, os costumes, as vestimentas, os traços de comportamento e as expressões de uma linguagem que caracteriza esse gaúcho e que sintetiza pela língua os sentidos do que é o gaúcho.

Esse conjunto de enunciações constrói, muitas vezes, no imaginário popular, um cenário rural que remete a um passado cada vez mais distante no tempo e que é rememorado/comemorado pela enunciação. Essa linguagem rememora/comemora acontecimentos do passado no gaúcho atual. As tropeadas, os galpões, os fogos de chão, a luz do candeeiro, os bailes de campanha (fandangos), enfim, uma série de imagens que percorrem nosso imaginário (NETO, 2009, p. 26) e constituem espaços de memória relacionados à tradição. O discurso da rememoração/comemoração não se constitui somente pelos enunciados verbais, mas também pelas imagens, constituídas de sentidos, que se articulam e funcionam nas textualidades.

Essas enunciações do gaúcho se marcam como o lugar de funcionamento da memória discursiva (atualizando-a) e da memória da língua, e é por esse funcionamento que o sujeito se significa. Os enunciados analisados nas sequências enunciativas destacadas configuram um espaço de enunciação em que a significação é produzida pela constituição de discursos sobre e na “linguagem gauchesca”, produzindo uma especificação que determina esse conjunto de linguagens. Essas enunciações produzem um dizer que se instaura no

---

<sup>61</sup>Segundo Payer (2009, p. 41), a memória histórico-discursiva apresenta-se já na língua, em estruturas mínimas, como variações sonoras, fonéticas, entoacionais, morfológicas, etc..., de forma que a língua encontra-se, nestes casos, em funcionamento como “um lugar de memória”.

acontecimento enunciativo da linguagem. Portanto, a “linguagem gauchesca” significa por aquilo que designa. Uma significação particular e regional que proporciona a produção de um saber sobre a língua regional referendado pela reunião de um conjunto de textualidades que constituem dizeres sobre o gaúcho que atualizam a memória discursiva e constroem um modo de conhecimento sobre a língua falada pelo sujeito brasileiro do sul. A história faz da memória, uma memória coletiva e trabalhada, fonte para a construção da sua fala autorizada sobre o passado (PESAVENTO, 2004, p. 9).

Por isso dizemos que a memória que se constitui nas textualidades é a memória da tradição que é preservada e atualizada a cada vez que o sujeito gaúcho coloca a língua em funcionamento. Temos, pela linguagem, a representação de um sujeito que especifica um tipo de gaúcho, e que ao ser enunciada atualiza uma memória que busca preservar costumes e tradições. A memória está, portanto, inscrita nos dizeres que constituem essa linguagem gauchesca e que se encontram na ordem da repetibilidade, o que garante a manutenção dessa memória. Uma memória que é social, histórica e coletiva e que é sempre reconstruída na enunciação (ACHARD, 2010, p. 17). Assim sendo, com a tradição procura-se a continuidade de um discurso regionalista que está sustentado nessa tradição, a justificação do presente pelo passado.

A partir deste conjunto de textualidades descritas e analisadas, podemos dizer que a *tradição* vai aparecer como uma palavra que circula, que se repete, que se substitui, que se reescreve, se define, se especifica e que funciona/significa historicamente na linguagem gauchesca para produzir um discurso de manutenção e representação do que é gauchesco como forma de simbolizar o que é do Rio grande do Sul. Observamos que a palavra *tradição* volta a cada ano, na mesma data (repetibilidade) porque é uma questão de rememoração, de memória, que faz com que a linguagem gauchesca tenha tomado existência. Temos a presença de um já dito que se repete, mas que é articulado a outros dizeres, outros enunciados. E as palavras têm a sua história de enunciação. “Elas não estão em nenhum texto como um princípio sem qualquer passado” (GUIMARÃES, 2007, p. 81). Dito de outra forma, trata-se pois de compreender que a significação deve ser investigada a partir do estudo da enunciação, do acontecimento de linguagem (GUIMARÃES, 2002).

A repetição neste caso se dá, sobretudo, pelo efeito de pertencimento, de preservação. Para reafirmar aquilo que deve ser mantido. E essas repetições da

palavra *tradição* além de serem constitutivas do sentido dos enunciados fazem referência constante a um passado histórico que insiste em se repetir.

É nessa recorrência que novos sentidos se constroem, porque dizer o mesmo não é significar o mesmo, o sentido sempre pode ser outro. Por isso, o acontecimento de enunciação determina novos sentidos na medida em que se inscreve na história. Cada vez que a palavra *tradição* se reescreve ou se repete, ela significa, produzindo um novo acontecimento que faz a língua funcionar. Isto se dá como afirma Guimarães pela relação que ela estabelece com outras palavras nas suas determinações em um enunciado, em um texto. Em suma, a palavra *tradição* nunca vai aparecer da mesma forma, pois o enunciado não é o mesmo, logo, os sentidos vão ser diferentes.

Os sentidos são construídos a partir de um passado que o acontecimento rememora pela tradição. Desse modo, a história se refaz em cada novo dizer, pois o sentido é movente e instável. O acontecimento faz significar o passado como memorável, como memória de enunciações anteriores.

O sentido das palavras é constituído pelas relações de determinação semântica que elas estabelecem entre si tanto no nível do enunciado quanto no nível do texto e entre textos diferentes também. Nessa perspectiva, o estudo do sentido da palavra não pode, de forma alguma, se limitar somente à análise do seu funcionamento no plano do enunciado: “este é parte da questão e não o seu lugar” (GUIMARÃES, 2002, p. 28).

Portanto, concluímos que o funcionamento da palavra *tradição* dentro da linguagem gauchesca não é estático, homogêneo, com sentidos definitivos. A linguagem gauchesca quando funciona é um acontecimento que coloca este sujeito gaúcho em evidência. Essa linguagem é constitutiva desse sujeito nas suas relações sociais.

Esses aspectos do funcionamento linguístico estabelecem relações entre os enunciados textuais, que são lugares onde se estabelece uma rede de sentidos a partir de como cada palavra significa sua história no funcionamento da língua. O sentido se produz, assim, por e nessas relações entre as palavras dos enunciados. Diríamos, assim, que cada palavra tem um sentido a priori, mas o que vai determiná-lo, é como se coloca para funcionar e, por esse modo de funcionar, significa.

Assim, a partir do funcionamento do sentido na língua, palavras e expressões são significadas a partir do que se diz e o dizer vai construindo a memória de uma



palavra na língua. É desse modo que atribuímos sentidos à linguagem gauchesca, sentidos estes que vão sendo atualizados ou modificados ao longo do tempo. Pois conforme afirma Benveniste ([1967] 2006, p. 221), “as manifestações do sentido parecem tão livres, fugidias e imprevisíveis”.

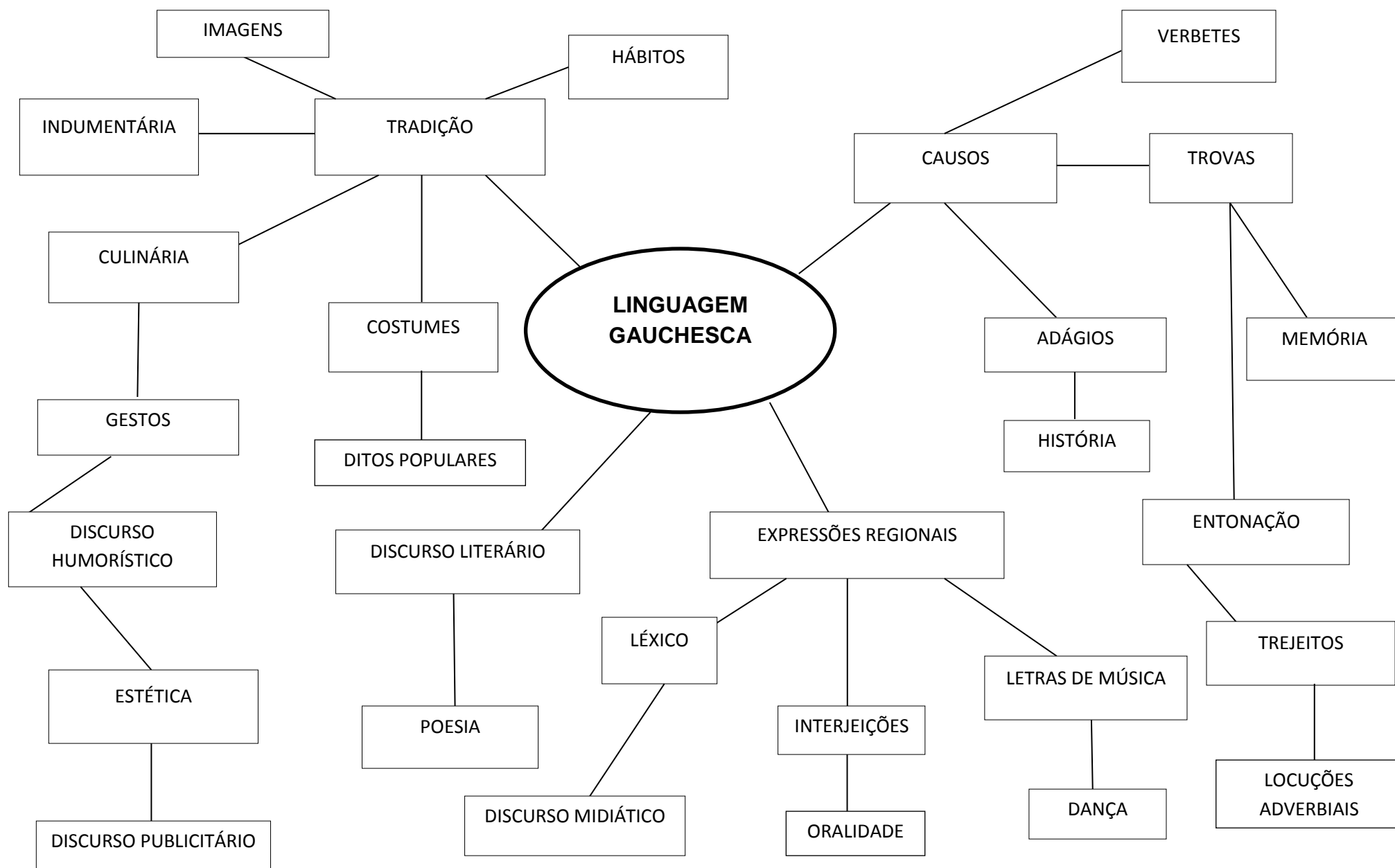
A palavra ao ser retomada em outras partes do enunciado, sob outras formas linguísticas, acaba constituindo sua própria significação. Esse movimento de reescrever palavras ou expressões é que torna o texto uma unidade onde os sentidos são desestabilizados a cada nova enunciação. Na reescrituração, ao se fazer a retomada de uma palavra faz-se significar algo que não estava significado antes (GUIMARÃES, 2007, p. 87). Enquanto que na articulação, a relação estabelecida entre a palavra e a palavra ou entre o enunciado e outro enunciado, permite que o sentido seja constituído a partir dessas relações de proximidade, o que faz com que a palavra signifique pela enunciação.

As designações da palavra *tradição* funcionaram semanticamente nos enunciados através dos procedimentos da reescrituração e da articulação. Na reescrituração observamos o funcionamento de operadores enunciativos como a substituição, a repetição, a definição, a especificação. Já na articulação foi possível observar e destacar o funcionamento de conectores, verbos, substantivos, pronomes e adjetivos, estabelecendo uma relação de conexão semântica entre um enunciado e outro. Todos esses operadores enunciativos se articulam e se reescrevem no enunciado como mecanismos que constituem os sentidos desta linguagem gauchesca. O procedimento da reescrituração e da articulação cria uma rede de significância para a palavra *tradição* pelo movimento da memória do dizer e do dito.

Esse Domínio Semântico de Determinação vai se produzindo em torno do que estamos denominando de linguagem gauchesca. O sentido do que é essa linguagem vai se constituindo no dizer representado pelo conjunto das textualidades analisadas. Por isso essa rede de relações semânticas tem por objetivo reforçar a história e manter a memória.

Nessa compreensão, a linguagem gauchesca se constitui de uma pluralidade de linguagens: verbais, imagéticas, míticas, rituais, mímicas, gráficas, musicais, plásticas, que se articulam enquanto lugar de produção e circulação de sentidos. Em decorrência disso, podemos estabelecer para a linguagem gauchesca a seguinte rede semântica:

## SUJEITO ENUNCIADOR GAÚCHO



Enfim, a linguagem gauchesca se constitui por diferentes linguagens e se representa em uma palavra: TRADIÇÃO. Diríamos mais, há uma linguagem gauchesca que está expressa na vestimenta, no canto, na dança, nos versos, no modo de falar.

A linguagem gauchesca não se realiza somente na forma verbal. Existe uma linguagem gauchesca que se materializa em diferentes expressões que sejam linguísticas, visuais, orais ou estéticas e que aparecem pela memória histórica. A palavra *tradição* remete a todo um patrimônio, uma cultura patrimonializada no imaginário desse gaúcho que cultiva e mantém os hábitos e costumes tradicionais.

O discurso publicitário reforça e ressignifica esses fatos o tempo todo rememorando o sentido do que é tradição, o que nos mostra, como já mencionado, que existe uma linguagem gauchesca de que a publicidade se apropria para mostrar que é diferente, que é regional, que é específica e se diferencia do resto. Além disso, o específico leva ao regional e reafirma que os gaúchos ou o Rio Grande do Sul são a parte do todo. Que os gaúchos são diferentes do resto do Brasil e é a tradição que faz com que os gaúchos se mantenham nesse lugar da diferença, do regional. O todo sem a parte não é todo. A parte sem o todo não é parte. Mas se a parte o faz todo, sendo parte, não se diga que é parte, sendo todo (MATOS, 1998, p. 13)<sup>62</sup>.

A linguagem gauchesca, nos textos que analisamos, é significada por três grupos de palavras que compõem a tríade “amor-orgulho-tradição”. A tradição é o que determina a linguagem gauchesca. E o “amor” e “orgulho” são formas de manter a tradição. É o que leva as pessoas a manterem uma tradição. Nesse caso, o amor está relacionado ao sentimento de pertencimento ao chão, a terra, ao território. Diante desta relação, dizemos que a linguagem gauchesca é um discurso regional que se sustenta na tradição, no orgulho e que valida a diferença.

Isso nos possibilitou compreender que o movimento dos sentidos se dá através da distribuição dos dizeres na enunciação e ao sair da evidência, constatamos que várias palavras e expressões funcionam no acontecimento enunciativo como designação de tradição, especificando, predicando e atualizando sentidos.

---

<sup>62</sup>MATOS, Gregório de. O todo sem a parte não é o todo. In: **Senhora Dona Bahia – Poesia Barroca**.

Assim, a partir dos recortes analisados, podemos dizer que a linguagem gauchesca, a partir das designações da palavra *tradição*, no acontecimento enunciativo em que os dizeres são enunciados, e enquanto variante gaúcha da língua portuguesa é um elemento identitário de um grupo social com manifestações culturais próprias dentro de um território bem definido, onde ela funciona como língua local e símbolo de pertencimento. A linguagem gauchesca é um modo de dizer (dizer na e dizer sobre) que significa esse sujeito gaúcho. Dessa forma, a condição de gaúcho é determinada pela linguagem gauchesca e seus sentidos.

O funcionamento do sentido nos enunciados é constituído pela recorrência de três verbos que se destacam no corpus: MANTER – CELEBRAR – PERTENCER, que designam e determinam a palavra *tradição* e fazem funcionar a linguagem dentro da tradição. Os sentidos, representações e sentimentos que estão contidos nessa linguagem são determinados pela história e construídos a partir da memória. Logo, a linguagem se mantém pela memória, visto que em todo dizer há algo que se mantém e que se recupera.

A tradição está presente na linguagem gauchesca através da história e da memória, que são rememoradas pela celebração de fatos e acontecimentos expressos nos enunciados analisados e que se recuperam no discurso atual pela volta ao passado. A linguagem gauchesca se constitui pela relação entre memória e tradição.

O *pertencer/fazer parte* cria um sentimento de pertencimento a um território de origem que fortalece o que é tradição, ao mesmo tempo em que cria uma identidade regional que faz com que o tipo social gaúcho se represente pela tradição. Ou seja, pertencimento e reconhecimento a uma tradição enquanto expressão da cultura gaúcha em espaços nacionais e regionais.

Para Sturza (2006), o que se diz desta linguagem gauchesca é que ela é outra língua em relação à língua portuguesa no Rio Grande do Sul que é, por sua vez, outra língua nesta heterogeneidade do português brasileiro. Se pensarmos na relação entre a língua portuguesa e a linguagem gauchesca, nos deparamos com o diferente no interior do mesmo, sendo que a linguagem gauchesca é constitutiva da língua portuguesa, que por sua vez, é também brasileira, de forma que a linguagem produzida pelo gaúcho também se inscreve no espaço nacional. Em tais

textualidades podemos identificar uma representação de língua que está significada em um território.

A linguagem gauchesca é um dizer na língua que ressignifica a língua portuguesa e afirma o pertencimento de um grupo social a um território bem definido. Amparadas no dizer de Oliven (2006, p. 13) e na relevância desse conjunto de dizeres que mobilizamos no desenvolvimento deste trabalho para compreender e definir essa linguagem entendemos que a linguagem gauchesca se constitui também como um suporte para a construção social da identidade gaúcha, que é projetada do passado até nossos dias, criando, através da tradição, práticas no presente que significam sentidos *na* e *para* a história. Levando em conta essa afirmação, é preciso pensar que a identidade regional está sustentada na tradição.

A linguagem gauchesca por sua especificidade e particularidade é uma forma de aproximação do sujeito gaúcho com a tradição. É um já-dito que se repete, mas que é articulado a outros dizeres, outros enunciados, significando para seus falantes uma marca da sua região, do seu espaço, da sua identidade. Essa discursividade constituída por esse conjunto de enunciações é a formação de uma memória do dizer, significando uma ideologia histórica vinculada à formação de uma identidade gaúcha – como identidade política e social de uma região (STURZA, 2006, p. 5). Essa linguagem específica funciona como um lugar de memória e permite que os gaúchos nela se reconheçam e por ela sejam representados. Ou seja, a linguagem gauchesca se mantém pela memória e que é preservada pela tradição. Memória e história são articuladas como tradição nessa linguagem que significa o sujeito gaúcho.

Conforme a perspectiva enunciativa adotada neste trabalho, compreende-se que o movimento de designações em torno da palavra *tradição* nos leva a perceber que a cada acontecimento enunciativo, a palavra, a partir do seu funcionamento, pode assumir novos sentidos. Sentidos de hábitos e costumes específicos, de uma revolução que só aconteceu no Rio Grande do Sul, de uma forma de vestir, de orgulho da sua condição, de ser o que constitui o gaúcho e transforma a história e o Estado, de reafirmação de pertencimento ao território, de resgate, manutenção e celebração do que é gauchesco, manter a história e a memória, modo de vida pastoril, identificação de um povo, sentimento de amor... Sentidos que sempre podem ser outros.

Enfim, a partir de nossa posição teórica e do aparato teórico-metodológico utilizado no desenvolvimento desta tese, concluímos que a linguagem gauchesca se constitui por um conjunto de expressões verbais e não verbais constituídas a partir da história e da memória social, que singularizam o sujeito gaúcho e que, tomadas como tradição, se preservam, se recriam e se transmitem em um processo sempre contínuo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**"BAH! ME CAIU OS  
CACETINHOS DA  
SACOLA."**

63

“Por fim, considerando o trabalho realizado, posso constatar que durante o processo de escrita desse trabalho fui tomada pelo desconforto de ter que me afastar da minha condição de gaúcha, de minha identidade regional cultivada diariamente, o que faz com que os outros me reconheçam fortemente como gaúcha, para que essa minha condição de gaúcha não interferisse na condução da pesquisa. Para isso, precisei me desconstruir e me reinventar constantemente. Foi necessário o distanciamento entre o sujeito pesquisador e o objeto de estudo, a linguagem gauchesca, para que assim pudesse olhar e entender a constituição dessa linguagem tão cara aos gaúchos. O percurso não foi fácil, por vezes acabava me encontrando fazendo parte do texto, como minha própria orientadora alertava: “aqui é teu lado gaúcho se manifestando” - e falando do ponto de vista de uma gaúcha que cultiva seus costumes e se identifica com essa linguagem que diz e significa o Rio Grande do Sul, enquanto seu lugar de estar, especialmente pela língua. O fato é que precisei me voltar para a língua do habitante gaúcho a partir de uma perspectiva de quem se insere no lugar do “outro” como se esse outro não fosse eu mesma.

No final deste trabalho, em vias de conclusão, atrevo-me, agora saindo do lugar de pesquisadora e assumindo a minha condição de gaúcha, a dizer que a linguagem gauchesca é a língua que me constitui e me define enquanto gaúcha, faz parte de mim, assim como eu faço parte dela”. Língua como Pátria, como origem, pois de acordo com Oliven (2006) “para os gaúchos só se chega ao nacional através do regional, ou seja, só é possível ser brasileiro sendo antes gaúcho”.

O propósito deste trabalho foi discutir a constituição da linguagem gauchesca a partir da análise do funcionamento semântico-enunciativo da palavra *tradição* presente em textos que constituem discursos sobre o gaúcho e que integram um

---

<sup>63</sup> Fonte: <http://www.facebook.com.CoisasQueGaúchoFala/>. Acesso em: 12/12/2016.

conjunto de textualidades escritas na linguagem gauchesca para demonstrar como essa linguagem se constitui, se sustenta e se mantém pela tradição e de que forma essa mesma tradição, que é recorrente no discurso sobre o gaúcho, determina a linguagem gauchesca. Assim, a língua é pensada em seu funcionamento, logo, é um já-dito que se repete, mas que é articulado a outros dizeres, outros enunciados. A palavra *tradição* é em si um acontecimento porque carrega a história e significa segundo o lugar do dizer. Para tanto, consideramos a designação da palavra *tradição*, ou seja, a relação dessa palavra com outras no enunciado que leva à produção de sentidos outros.

Esses enunciados marcados linguisticamente como do gaúcho enquanto tipo social são configurados como um discurso sobre o gaúcho, que afirma uma identidade regional, a qual autoriza o gaúcho a estar inserido numa cultura nacional.

Na busca de alcançarmos tal objetivo, iniciamos nosso trabalho de pesquisa partindo do fato de como e em que momento da história se instaura a figura do gaúcho, misturada com a própria história dos primeiros tempos da ocupação e colonização do Rio Grande do Sul, a fim de recuperar o gaúcho enquanto tipo social. Em seguida, refletimos sobre os conceitos de língua e linguagem, mobilizadas no desenvolvimento desse trabalho a partir do seu funcionamento, bem como sobre as relações entre língua, história, memória e tradição. Posteriormente, consideramos importante tratar de alguns aspectos referentes à construção da identidade gaúcha constituída pela língua (*gem*). Logo depois delimitamos o corpus que seria estudado e apresentamos as análises, buscando explicitar o funcionamento semântico da palavra *tradição* no acontecimento enunciativo.

Para tratar da constituição de uma linguagem gauchesca, apresentamos estudos e pesquisas que refletem sobre um tema que dialoga com diversas disciplinas, tais como a linguística, a análise de discurso, a antropologia, a história, a literatura, a geografia, a sociologia, entre outras. Portanto, nesse trabalho, buscamos compreender e explicitar como se dá, nessa textualidade, própria dos recortes publicitários, a constituição dos sentidos sobre a língua, sobre o sujeito. Assim, através da relação entre língua e enunciação e o sujeito que nelas se encontra, demonstrou-se um pouco sobre a percepção e compreensão da linguagem como meio que nos instiga a prosseguir a pesquisa nesse complexo e infundável campo de



estudos quando se pensa os processos de constituição de língua, sujeito, e história. Essa é a questão que nos desafia, instiga e estimula a prosseguir.

Para concluir, há questões ainda a serem exploradas e a espera de respostas, porque continuaremos a nos perguntar: essa linguagem é passível de patrimonialização? É possível estabelecermos um discurso de manutenção de um patrimônio cultural via especificidade linguística? Como ocorrem as relações entre o gaúcho, a língua e a fronteira?. Em face disso, esperamos com este trabalho suscitar novas reflexões no que se refere às questões de língua (gem), capazes de auxiliar no desafio de pensar a linguagem gauchesca a partir do modo como significam as relações entre os sujeitos e a(s) língua(s).

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein – 19 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1970] 2006, p. 81-92.
- \_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1967] 2006, p. 220.242.
- \_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, [1958] 2006, p. 284.293.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNIAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Identidade Linguística: o conceito em discussão. Campinas, SP: Pontes, 2005. **Letras e Instrumentos Linguísticos**, n. 16, p. 73-86, jul./dez.).
- BUNGE, Mario. **Semántica I: Sentido y Referencia**. Barcelona: Gedisa, 2008.
- BUNSE, Heinrich. **Os primeiros glossários sobre o linguajar gaúcho**. Organon, nº. 15. Porto Alegre, 1986. p. 47-50. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39059>. Acesso em: 10/10/2014.
- \_\_\_\_\_. **Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1969.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1986.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. O nosso pampa, tão comum e vário. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras Culturais – Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê, 2002.
- BRIGNOL, Liliane D. Internet e sociabilidade: o uso da rede na reconstrução das identidades. **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Setembro de 2002, Salvador/BA, Anais, Salvador, BA, 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP8brignol.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP8brignol.pdf)> Acesso em: 21 jan. 2014.
- BRUM, Ceres Karam. **“Esta terra tem dono”: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria/RS: Ed. da UFSM, 2006.
- \_\_\_\_\_. **As (re) configurações do gauchismo: pensando as relações entre o movimento tradicionalista gaúcho e a escola**. Artigo referente à Conferência 2 – Políticas de Identidade – do Curso de Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero – USFM.

CAMANI, Emanuele; STURZA, Eliana. Entre lusos y castellanos: discursos , sobre lengua, cultura y etnia en la historia do Rio Grande do Sul. In: DUTRA, Eduardo; CARDOSO, Rosane (Orgs.). **Estudos hispânicos: história, língua e literatura**. 1ª edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

CAVALCANTI, M.L.V de C; FONSECA, M. C. L. **Patrimônio imaterial no Brasil. Legislação e políticas estaduais**. Brasil: Unesco, Educarte, 2008. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001808/180884por.pdf>. Acesso em: 23/04/2015.

CELADA, M.T. **O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira**. Tese de doutorado, IEL/UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

CESAR, Guilhermino. **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: EDURGS, 1980.

\_\_\_\_\_. **História da literatura no Rio Grande do Sul**. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COURTINE, J. J. **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours. À propos du discours communiste adresséaux chrétiens**. Langages, n. 62, Paris: Didier Larousse, 1981.

\_\_\_\_\_. **Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse de discourse**. Paris: Philosophiques. 2, vol. IX, 1982.

\_\_\_\_\_. O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985). In: COURTINE, J-J. **Cadernos de Tradução (6)**. Trad. de Heloisa M. Rosário. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 5-18.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena.; PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras da Paz. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena.; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Pampa e cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DE CERTEAU Michel. **A escrita da história**. Trad. De Maria de Lourdes Menezes. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DIAS, Luiz Francisco. **Os sentidos do idioma nacional**. Campinas: Pontes, 1996.

DUCROT, Oswald. **El decir y lo dicho. Polifonía de la enunciación**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1986.

DREYS, Nicolau. **1781-1843. Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul.** Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

EIZIRIK, Cláudio Laks. Psicanálise e cultura: trajetórias e fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras Culturais.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

FANJUL, Adrián Pablo. **Português e espanhol: línguas próximas sob o olhar discursivo.** São Carlos: Claraluz Editora, 2002.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

FIGUEIREDO, Joana Bosak de. Fronteiras no Prata: guachos e sombras. A identidade gaúcha e a literatura de Barbosa Lessa e Ricardo Güiraldes. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena (Org.). **Cone Sul: fluxos, representações e percepções.** São Paulo: Hucitec, 2006.

FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius. **Nós, os gaúchos.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

GOLIN, Tau. **Fronteira. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai.** v. 1. Porto Alegre. LPM Editores: 2002.

\_\_\_\_\_. **Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo.** Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004

\_\_\_\_\_. **A ideologia do gauchismo.** 3. Ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso.** Porto Alegre: Editoras Associadas, 2009.

GOMES, Neiva Maria Tebaldi. Perspectiva benvenistiana de língua: considerações iniciais para pensar uma interface com a linguística aplicada ao ensino. **Revista Letras - n.º. 33 – Émile Benveniste: Interfaces, Enunciação e Discursos.** Santa Maria: PPGL-Editores/UFSM, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de Texto: procedimentos, análises, ensino.** Campinas: Editora RG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem.** São Paulo, Campinas: Pontes, 2010.

\_\_\_\_\_. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Revista Caderno de Estudos Linguísticos.** São Paulo, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1460>. Acesso em: 02/09/2016.

\_\_\_\_\_. Enunciação e história. In: **História e sentido na linguagem.** Campinas: Editora RG, 2008.

\_\_\_\_\_. Enunciação e políticas de línguas no Brasil. **Revista Letras – Espaço de circulação da linguagem,** n.º. 27, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11897>. Acesso em: 24/04/2015.

\_\_\_\_\_. Semântica e Pragmática. In: GUIMARÃES, Eduardo; FONTANA, Mónica Zoppi. **A palavra e a frase**. São Paulo: Pontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Multilinguismo, divisões da língua e ensino no Brasil**. Ministério da Educação. Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Civilização na linguística brasileira no século XX**. Revista Matruga, 2004. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matruga/matruga16/matruga16a12.pdf>. Acesso em: 10/03/2016.

\_\_\_\_\_. A marca do nome. **Revista Rua**, nº 9. Campinas, SP: Unicamp, p. 19-31, 2003. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640746>. Acesso em: 08/06/2014.

\_\_\_\_\_. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Revista Letras – Língua e Literatura: Limites e fronteiras**, nº. 26, p. 53-62. Programa de Pós Graduação em Letras, UFSM, 2003. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11880>. Acesso em: 26/07/2014.

\_\_\_\_\_. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. São Paulo, Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli. (Orgs.) **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. Enunciação, língua, memória. **Revista da ANPOLL**, nº. 02, p. 27-33, 1996a. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/238>. Acesso em 16/05/2014.

\_\_\_\_\_. **Texto e Argumentação**. São Paulo, Campinas: Pontes, 1987.

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

HAESBAERT, R. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T. C. M. de. (Org.) **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2005. p. 87-112.

\_\_\_\_\_. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **Seminário sobre múltiplas territorialidades**, 1., 2004, Porto Alegre. [Trabalhos apresentados]. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Geografia da UFRGS, 2004.

HESSEL, Lothar F. Gênese, apogeu e declínio do tipo gaúcho. **Persee Revues Scientifiques**. v. 9, nº. 9, p. 33-45, 1967. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/carav\\_0008\\_1967\\_num\\_9\\_1\\_1171](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/carav_0008_1967_num_9_1_1171). Acesso em: 03/08/2015.

HOBBSAWM, Eric, RANGER Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.

KAIZER, Jakzam. O Brasil dos gaúchos. In: BRUM, Ceres; MACIEL, Maria Eunice; OLIVEN, Ruben George. **Expressões da cultura gaúcha**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

KARAM, Ceres Brum. **Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul**. Cadernos de Pesquisa. v. 39, nº.138. São Paulo Set./Dez. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300005&script=sci_arttext). Acesso em: 15/12/2015.

\_\_\_\_\_. **Esta terra tem dono. Uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2005.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: Leitura XXI, 2004.

LAYTANO, Dante de. **O linguajar do gaúcho brasileiro**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides, 1981.

LENCLUD, Gerard. A tradição não é mais o que era... Sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia. **Revista História, histórias**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História – UnB. Brasília, vol. 1, n. 1, 2013.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce la tradition? In: DETIENNE, Marcel. **Transcrire les mythologies, tradition, écriture, historicité**. Paris: Albin Michel, 1994

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras Culturais – Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê, 2002.

LESSA, B. **História do chimarrão**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1986.

LOIS, Élida. Cruzamento(s) de fronteira(s). In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Pampa e cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

LUDMER, Josefina. **El género gauchesco: un tratado sobre la patria**. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Aquí América latina: una especulación**. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MACIEL, Maria Eunice. Chimarrão - Identidade, ritual e sociabilidade. In: MACIEL, Maria Eunice. GOMBERG, Estélio (Org.). **Temas em cultura e alimentação**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe / Fundação Oviêdo Teixeira, 2007.

\_\_\_\_\_. A atualização do passado. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Org.). **RS: 200 anos definindo espaços na história nacional**. Passo Fundo: UPF, 2002.

\_\_\_\_\_. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.) **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. Apontamentos sobre a figura do gaúcho brasileiro. In: BERND, Z. **Olhares cruzados**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p.76 -95.

\_\_\_\_\_. Marcas. In: GONZAGA, Sergius & FISCHER Luís Augusto (coords.). **Nós, os gaúchos/2**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994, p.178-182.

MACHADO, Propício da Silveira. **O gaúcho na história e na linguística**. Porto Alegre: [s.n.], 1966.

MACHADO, Lia O. (1998). Limites, fronteiras e redes. In: STROHAECKER, T. M et al. **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, p.41-49. Disponível em: <http://www.ufrj.br/instituto>. Acesso em 08 de julho de 2014.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998. p. 13-48.

MAROCCO, Inês Alcaraz. Aspectos da cultura gaúcha e sua teatralidade. In: BRUM, Ceres; MACIEL, Maria Eunice; OLIVEN, Ruben George. **Expressões da cultura gaúcha**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

MARTINS, Maria Helena. A fronteiras culturais (Brasil – Uruguai – Argentina) em Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY). In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena.; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Pampa e cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 225-249.

MASINA, Léa. Alcides Maya, Cyro Martins e Sergio Faraco: tradição e representações do regional na literatura gaúcha de fronteiras. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena.; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Pampa e cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 95-107.

MASSMANN, Débora. Sentidos e sociedade: uma análise enunciativa em torno da designação “PLC 122/2006”. In: **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 45 (1), p. 279-291, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/738>. Acesso em: 12/12/2016.

MEDEIROS, V.; MATTOS, T. O dialeto caipira, de Amadeu Amaral: discurso fundador e acontecimento discursivo. **Revista Confluências**, Ed. 42, 2012. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

MEDEIROS, Vanise; PETRI, Verli. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. **Letras**. Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 43-66, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11725>. Acesso em: 12/02/2014.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Enunciação e gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008.

MOTA, Sara dos Santos. **Portunhol e sua re-territorialização na/pela escrit(ur)a literária: os sentidos de um gesto político**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, 2014.

NETO, Guilherme Howes. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

NEUMANN, Eduardo Santos. A fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande no século XVIII. In: **Capítulos da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994. p.25-46.

NEVEU, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história. **Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP**. São Paulo, nº 10, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 15/08/1015.

\_\_\_\_\_. **L'Ere des commémorations**. Vol. III, p. 687-715, 1992.

NUNES, José Horta. “O espaço urbano: a “rua” e o sentido público” In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001. p.101-109.

\_\_\_\_\_. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. **Letras**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11982/7396>. Acesso em: 13/05/1016.

NUNES, R. C.; NUNES, Z. C. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

OLIVEN, Ruben George. Fronteiras Culturais. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena (Org.). **Cone Sul: fluxos, representações e percepções**. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.



\_\_\_\_\_. O processo de construção da identidade gaúcha. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Org.). **RS: 200 anos definindo espaços na história nacional**. Passo Fundo: UPF, 2002.

\_\_\_\_\_. A fabricação do gaúcho. In: **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo, 1984, p. 57-68.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. Língua imaginária e língua fluida. In: **Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre língua e ensino no Brasil**. Campinas: Editora RG, 2009, p. 11-19.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Do sujeito na história e no simbólico**. Escritos nº 4. Contextos Epistemológicos da Análise do Discurso. Campinas, SP: LABEUB/UNICAMP, 1999, p. 17-27.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996b.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista. discurso do confronto, velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. **Discurso e leitura**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORNELLAS, Manolito de. **Gaúchos e beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul**. 4ª Ed. Martins Livreira, Porto Alegre, RS, 1999.

OURIQUE, João Luis Pereira. **A poesia regionalista gaúcha como elemento de valorização do autoritarismo e da violência na região do Prata**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós-graduação em Letras, (2007).

PARCIANELLO, Juciane Ferigolo. **O dizer *na* e *sobre* a língua de sujeitos descendentes de imigrantes italianos e a fronteira enunciativa**. Dissertação de

Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

PAYER, Maria Onice. O trabalho com a língua como lugar de memória. **Synergies Brésil**, nº. 7, 2009, p. 37-46. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil7/payer.pdf>. Acesso em: 11/06/2015.

\_\_\_\_\_. **Memória da Língua. Imigração e Nacionalidade.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: **Papel da Memória.** ACHARD, Pierre [et al.]. Trad. José Horta Nunes – 3ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s). **Revista del CELSA**, n.8, v.8, p. 9-19. Centro de Estudios Latinoamericanos. Universidade de Varsóvia, 2006.

\_\_\_\_\_. Revolução Farroupilha, memória e história. Caderno de Literatura. Ano VIII, n. 12, p. 9-10. Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras Culturais – Brasil – Uruguai – Argentina.** São Paulo: Ateliê, 2002.

\_\_\_\_\_. A invenção da sociedade gaúcha. **Revista Ensaios FEE**, v. 14, n. 2, p. 383-396. Porto Alegre, 1993. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1617>. Acesso em: 20/09/2016.

\_\_\_\_\_. Historiografia e Ideologia. In: **RS: cultura e ideologia.** FREITAS, Décio [et al.] Org., DACANAL, José., GONZAGA, Sergius. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PETRI, Verli. Sobre a disciplinarização da Literatura Regionalista Gaúcha: um pouco de história das ideias. **Fragmentum.** Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Laboratório Corpus. Nº. 15, 2008. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/10281>. Acesso em: 28/07/2014.

\_\_\_\_\_. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, nº. 23, 2009. p: 23-37. Disponível em: [http://www.revistalinguas.com/edicao23\\_24/revista\\_linguas\\_23%20e%2024.pdf](http://www.revistalinguas.com/edicao23_24/revista_linguas_23%20e%2024.pdf). Acesso em: 21 de jul. de 2014.

\_\_\_\_\_. A produção de sentidos sobre o gaúcho: um desafio social no discurso da história e da literatura. **Conexão Letras:** Revista do Programa de Pós-

Graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, n. 4, 2009. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/>>. [pdf]. Acesso em: 18 de ago. de 2014.

\_\_\_\_\_. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins.** Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

POSSAMAI, Zita Rosane. Entre lembranças e esquecimentos: o Rio Grande do Sul nos lugares de memória. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Org.). **RS: 200 anos definindo espaços na história nacional.** Passo Fundo: UPF, 2002.

POUILLON, Jean. Tradition: transmission ou reconstruction. In: **Fétiches sans fétichisme.** Paris: Maspero, 1975.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Editora ática, 1993.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

ROMAINE, Suzanne. **El lenguaje en la sociedad: una introducción a la sociolingüística.** Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1996.

RONA, José Pedro. **Gaúcho: cruce fonético de español y portugués.** Revista de Antropología, v. 12, nºs. 1 e 2. São Paulo, 1965.

SAINTE-HILAIRE, Auguste de. **Viajem ao Rio Grande do Sul.** Trad. Adroal da Costa. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

SCHERER, Amanda Eloína; TASCHETTO, Tania Regina. O Papel da Memória ou a Memória do Papel de Pêcheux para os Estudos Linguísticos-Discursivos. **Estudos da Lingua(gem)**, nº. 01, 2005, p. 119-123. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/16>. Acesso em: 21/01/2015.

SEIXAS, Jacy Alves. Percurso de memória em terras de história: problemáticas atuais. **Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul.** In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.) Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

SPALDING, W. Coleção de vocábulos e frases usados na província de S. Pedro do R. G. do Sul – Antonio Alvares Pereira Coruja – Anotações Walter Spalding. In: **Província de São Pedro.** Porto Alegre: Globo, 1947. p. 159-165.

STURZA, Eliana Rosa. Fronteiras, línguas e sujeitos. In: COSTA, Edgar; COSTA, Gustavo; OLIVEIRA, Marco Aurélio (Org.). **Fronteiras em foco**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011.

\_\_\_\_\_. Espaço de enunciação fronteiriço e processo identitários. **Pro-Posições** – Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação – Unicamp, v. 21, nº. 3 (63), p. 83-96, set./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. Vocabulário sul-rio-grandense: De Instrumento Linguístico à Constituição de um Discurso Fundador. **Letras e Instrumentos Linguísticos**, n. 18, p. 101-121, jul./dez.2006. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias linguísticas**. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006a.

TATSCH, Juliane. **O funcionamento semântico-enunciativo da língua espanhola nas tiras do tapejara: uma representação da linguagem gauchesca**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, 2013.

VELLINHO, Moysés. **O Rio Grande e o Prata: contrastes**. Porto Alegre: Globo, 1962.

\_\_\_\_\_. O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino. In: **Fundamentos da cultura riograndense**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, v. 2, 1957.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário Urbano: espaço de rememoração/comemoração**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ZANDWAIS, Ana. Subjetividade, sentido e linguagem: desconstruindo o mito da homogeneidade da língua. In: ZANDWAIS, Ana (Org.). **História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história**. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

ZATTERA, Véra Stedile. **Gaúcho: iconografia (séculos XIX e XX)**. Porto Alegre: Pallotti, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha: termos e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1985.